

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**A Cidade das Máscaras: Carnavais na Fortaleza das Décadas de
1920 e 1930**

Carlos Henrique Moura Barbosa

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
História Social, da Universidade
Federal do Ceará, sob a orientação
do Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert
Ribard, como exigência parcial para a
obtenção do grau de Mestre em
História Social.**

Fortaleza – 2007

Carlos Henrique Moura Barbosa

A Cidade das Máscaras: Carnavais na Fortaleza das Décadas de 1920 e
1930

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História Social,
da Universidade Federal do Ceará, como requisito necessário para a obtenção do
título de Mestre em História Social.

Aprovada em __/__/__

Banca Examinadora

Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard – UFC (orientador)

Prof. Dr. João Ernani Furtado Filho – UFC

Prof. Dr. Erick Assis Araujo - UECE

Agradecimentos

No percurso que efetuei para realizar esta Dissertação muitas foram as pessoas que contribuíram para que o trabalho fosse concluído com sucesso. Então, estas pessoas merecem o meu muito obrigado.

Agradeço aos responsáveis pela direção da FUNCAP que destinaram uma bolsa de pesquisa para os meus estudos no Programa de Pós-Graduação: Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará.

Sou muito grato ao Franck Ribard, orientador desde os tempos da graduação, a quem devo muito, pois foi a partir da orientação deste professor que pude compreender e entender sobre a vida profissional de um pesquisador. Mostrou-me os caminhos e descaminhos da pesquisa em história com paciência, dedicação, rigidez e ternura.

Os meus agradecimentos, também, são direcionados para professores que colaboraram bastante na minha formação acadêmica como: Frederico de Castro Neves, Verônica Secreto, Edilene Toledo, Luigi Biondi, Kênia Rios, Régis Lopes, Almir Leal, Antônio Gilberto, Meize Luca, Pedro Airton, Simone Sousa e Sebastião Rogério.

Quero agradecer a professora Rachel Soihet que, por intermédio do professor Frederico, mostrou-me um campo de possibilidades a partir da leitura do meu projeto de pesquisa.

Sou muito grato aos professores João Ernani e Eurípides Funes que participaram do meu Exame de Qualificação. As suas observações foram de grande valia para o desenrolar do trabalho.

Não poderia esquecer de agradecer aos meus companheiros dos legendários tempos do PET, onde tudo teve seu início: André Aguiar, Idalina Freitas, Marcio Inácio, Lucília Maria, Zé da Rocha, Marla, Raimundo Hélio, Guilherme Saraiva, Eduardo Parente e Mário Martins. A este último quero agradecer os muitos trabalhos que realizamos no Arquivo Público do Ceará e na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, porque contribuíram bastante para o sucesso deste trabalho.

Tenho gratidão aos meus amigos da graduação que de alguma forma incentivaram-me nesta peleja: Zé Pereira Jr., Wener Bezerra, João Paulo (JP).

Agradeço a todos os funcionários que fazem o Arquivo Público do Ceará, a Biblioteca Pública Menezes Pimentel e o Instituto Histórico do Ceará. Fica o meu muito obrigado ao professor André do Arquivo Público do Ceará que por muitas vezes ajudou-me a decifrar a difícil caligrafia de homens de outros tempos.

À dona Regina e a Sílvia, secretárias da pós-graduação, que sempre estavam de prontidão para atender aos pedidos dos alunos.

Agradeço ao meu Pai (Remo) por nunca ter ficado longe de mim, principalmente, nos momentos difíceis da vida. Agradeço, também, a Cléa (Espírito de Luz) que há muito tempo não se encontra mais entre nós, mas que com certeza sempre vibrou por todos da nossa família.

Agradeço a minha irmã (Régia) que, juntamente, comigo segurou muitos momentos difíceis de nossas vidas, desde os imemoriais tempos em que nós nos perguntávamos: “o que é que tu vai ser quando crescer”? Agradeço ao meu cunhado (Ricardo) por ter trazido a felicidade para a minha irmã.

Sou muito agradecido a minha namorada, companheira, amiga, mulher (Marília Duarte) por sua paciência, sua dedicação, seu companheirismo e seu amor ao enfrentar as incertezas e os momentos difíceis da vida que nos cerca.

Quero agradecer, especialmente, a minha Mãe (Rosa Araujo) a quem dediquei este trabalho. A minha Mãe sempre acreditou no meu potencial e me apoiou com carinho e amor desde a minha infância. Acredito que eu nada seria sem a presença da minha amada e adorada mãe.

Sempre serei grato por tudo que a senhora fez por mim e pela minha irmã, pois a sua presença em nossas vidas modificou o nosso mundo e hoje somos o que somos por causa da senhora, minha Mãe.

**Dedico esta dissertação a
minha mãe (Rosa Araujo) e
ao meu pai (Remo Barbosa),
pelo amor e pela dedicação
que sempre me
dispensaram.**

RESUMO

Neste trabalho analiso algumas transformações ocorridas nos carnavais de Fortaleza (Ceará) nas décadas de 1920 e 1930. Procurei compreender os novos contornos que os carnavais estavam tomando neste período, pois no final da década de 1920 e início da década de 1930 os segmentos médios e menos favorecidos intensificavam e diversificam as suas formas de comemorar o carnaval nas ruas da cidade. Os carnavais nas ruas desde o final do século XIX eram monopolizados pelos segmentos abonados. Simultaneamente, a esta maior presença dos segmentos médios e menos favorecidos nas ruas em dias de carnaval, ocorreu uma supervalorização, por parte dos segmentos abonados, dos redutos constituídos pelos clubes luxuosos. Assim, procuro entender esta trama no carnaval de Fortaleza buscando explicações, para estes novos contornos das festas carnavalescas, a partir dos interesses dos diferentes sujeitos que faziam os velhos carnavais da cidade. Lanço mão de uma variada tipologia de fontes para compreender este processo particular, como processos criminais, róis de culpados, jornais, crônicas, guias turísticos e fotografias.

RÉSUMÉ

Dans ce travail, j'analyse certaines transformations survenues dans le carnaval de Fortaleza (Ceará) durant les décennies de 1920 et 1930. J'ai cherché à comprendre les nouvelles tendances carnavalesques de cette période, dans la mesure où la fin de la décennie de 1920 et le début de la décennie de 1930 voient les couches moyennes et les moins privilégiées de la population intensifier et diversifier leurs formes de commémorer le carnaval dans les rues de la ville alors que, depuis la fin du XIX^{ème} siècle, les carnivals de rue étaient monopolisés par les plus riches. En parallèle à la plus grande présence des couches moyennes et moins privilégiées dans les rues durant le carnaval, les plus riches ont commencé à supervaloriser les clubs privés luxueux. Je cherche donc à comprendre ces dynamiques carnavalesques Fortalezenses à travers l'analyse des intérêts spécifiques des différents sujets qui ont animé les anciens carnivals de la ville. Pour ce faire, Je dispose d'une variété de sources de recherches qui m'aident à comprendre ce processus particulier, tels que : procès criminiaux, róis de culpados, journaux, chroniques, guides touristiques et photographies.

Sumário

Apresentação	001
Capítulo 1 – A decadência de Momo ou outros carnavais?	012
1.1. “Não deixemos cair no olvido o Carnaval”.....	013
1.2. Outros carnavais!.....	032
Capítulo 2 – Foliões nas ruas: “um campo de sugestões”	053
2.1. Do carnaval do curso para o carnaval de rua	054
2.1.1. (Des) ordem no carnaval de rua.....	062
2.1.2. Rádios e batucadas: os sons das ruas	076
2.2. Entre ruas e travessas: foliões nos cafés, cabarés e bodegas	085
Capítulo 3 – Ilustres foliões: os carnavais nas residências e nos clubes	110
3.1. Os “assaltos carnavalescos”	111
3.2. Foliões nos recintos dos clubes	126
Considerações Finais	143
Tipologia de Fontes	148
Bibliografia	150

Lista de Fotografias

Foto 1 – O Coreto da Praça do Ferreira – Acervo MIS ¹	P.68
Foto 2 – A Coluna da Hora na Praça do Ferreira – Acervo MIS	P.70
Foto 3 – Escola de Samba Prova de Fogo (1936) – Acervo da PMF ²	P.80
Foto 4 – Palacete Ceará: “Clube Iracema” – Acervo da Faculdade de Arquitetura UFC	P.130
Foto 5 – Palacete Guarani: “Clube dos Diários” – Acervo MIS	P.131
Foto 6 – Fênix Caixeiral – Acervo MIS	P.135
Foto 7 – Nota da Tesouraria do “Clube dos Diários” – Fonte: Gazeta de Notícias 1936	P.137
Foto 8 – No Reinado da Folia: “Clube Iracema” – Fonte: Gazeta de Notícias 1936	P.138
Foto 9 – Bloco Meu Bem é Você: “Ideal Clube” – Acervo da PMF	P.140
Foto 10 – Náutico Atlético Cearense – Fonte Gazeta de Notícias 1936	P.141

Lista de Plantas da Cidade

Planta 1 – Trajeto do Corso	P.23
Planta 2 - Planta de Fortaleza do Guia Cearense de 1927	P.46

¹ MIS: Museu da Imagem e do Som.

² PMF: Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Apresentação

O carnaval é um tema que, ultimamente, vem chamando a atenção de muitos historiadores. Não por causa da relação de uma suposta “identidade brasileira”, mas porque essa festa possibilita a percepção de tensões sociais. O pesquisador enxerga, por meio da sátira, do deboche, do chiste, os conflitos e os interesses existentes no meio social.

Por certo, como os leitores poderão observar, as brincadeiras fortalezenses dos carnavais de 1920 e 1930 não eram simples reiteraões de um ritual imemorial e universal. Em muitos momentos, nos dias de carnaval, vários foliões rião para representar a diferença e questionar a dominação ou para reafirmar a diferença e legitimar a dominação, dentro de circunstâncias históricas determinadas.

Procurou-se esmiuçar as particularidades dos carnavais de Fortaleza. Por isso, não se verão, nas laudas desta dissertação, modelos generalizantes e a análise clássica que vê o carnaval “(...) como se tivesse nascido e crescido em simbiose com a sua gêmea, a nação, em uma existência simétrica que lhe definiu idades, formas e significados (...)”¹.

Encontrar-se-ão, nas páginas deste estudo, mais do que foliões brincando velhos carnavais pela cidade. Esta investigação trata as festas carnavalescas como uma possibilidade de se enxergar as relações sociais em uma Fortaleza que não mais existe. No entanto, os ecos desses antigos carnavais continuam em nosso tempo presente, portanto é preciso afinar o ouvido e refinar o gosto para perceber essas legendárias festas carnavalescas.

Privilegiar-se-á, nesta pesquisa, a compreensão de alguns espaços onde se festejava o carnaval. O entendimento desses espaços de festa carnavalesca não podia prescindir da ação dos sujeitos nos dias de festejos dedicados a Momo. A construção dos espaços da cidade é percebida a partir das disputas, das tensões, dos acordos e das negociações efetuadas pelos vários segmentos da sociedade fortalezense.

Atentar-se-á, neste estudo, para a interação entre os diversos segmentos sociais durante o momento das festas. Às vezes, essa interação

¹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880-1920*. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p. 15.

demonstrará o alto potencial explosivo do universo carnavalesco. O leitor vai poder se deparar, a partir dos embates sociais, durante os dias de carnaval, com a definição e redefinição dos espaços da cidade. Os medos e os anseios dos diversos segmentos serão analisados de forma cuidadosa, procurando enxergá-los por meio das ações humanas que, em determinados momentos, é contingente, perigosa e até fatal.

Para tal feito, foi preciso esboçar uma hipótese geral de trabalho. Essa hipótese foi de que os carnavais nas ruas estavam sendo conquistados por novos protagonistas, oriundos dos segmentos médios e menos favorecidos. Esses carnavais que eram, praticamente, monopolizados pelos segmentos abonados até meados da década de 1920². Nesse período, esses segmentos passaram a instituir as festas carnavalescas dentro dos clubes elegantes como sendo o “verdadeiro” carnaval da cidade. Lancei mão de algumas questões: Por que os segmentos abastados intensificaram as festas carnavalescas dentro dos clubes luxuosos? O que estava mudando no carnaval de rua? Quais as performances, os sons e os ritmos apresentados nas ruas pelos novos protagonistas? Quais as diferenças entre os grupos que se organizavam para festejar o carnaval pela cidade? Como eram os carnavais dentro dos clubes luxuosos?

Para responder essas e muitas outras indagações, foi necessário dispor de uma variada tipologia de fontes. Essa preocupação em ampliar as possibilidades de materiais empíricos entra em consonância, também, com a proposta de compreender os muitos carnavais da cidade. A própria materialidade das fontes ajudou-me a ter uma visão mais apurada dos carnavais de Fortaleza. As inquietações relacionadas às fontes aparecem, implicitamente, no decorrer das análises feitas durante os capítulos da dissertação.

Entretanto, é válido observá-las, com capricho e acuidade, nesta apresentação, pois o material empírico tem o valor inestimável de demonstrar uma parte do caminho percorrido para realizar a feitura do texto. A relação dialógica que se estabelece entre o pesquisador e as suas fontes, durante a

² O carnaval que predominava até meados da década de 1920 nas ruas, era o Carnaval do Corso. O corso constituía-se de desfiles em automóveis realizados e organizados pelos segmentos abonados.

pesquisa, geram as expectativas para a construção do texto. É a partir desse diálogo constante com as fontes que o historiador pode mesmo pretender desenvolver a pesquisa. Por meio dessa interlocução, o historiador cria as possibilidades da elaboração e da construção teórico-metodológica do seu estudo³.

Na Biblioteca Pública do Estado Governador Meneses Pimentel, especificamente, no setor hemerográfico e no setor de microfilmagem, pude dispor de alguns jornais⁴. A preocupação inicial em relação a essas fontes foi a de procurar indícios sobre o carnaval de Fortaleza. Entretanto, em outro momento, pude perceber que a forma de tratar o carnaval tinha as suas particularidades, principalmente, no jornal "O Nordeste", que, pelo fato de ser católico, tratava das manifestações como o carnaval com certas reservas. Os outros jornais não "condenavam" os festejos carnavalescos pela cidade. Todavia, mais do que ver as posições particulares de cada jornal, procurei enxergar como a imprensa era um campo privilegiado para a expressão das concepções sociais dos segmentos abonados. Além disso, escrutinei o poder que ela exercia na formação e na divulgação das culturas urbanas⁵.

No que se refere ao carnaval, percebeu-se a forte ferramenta que era a imprensa para os ilustres foliões⁶ tentarem instituir um carnaval legítimo para a cidade, enquanto outras práticas carnavalescas eram marginalizadas.

Em meados da década de 1920, a imprensa de Fortaleza começou a dar visibilidade a um processo acelerado de ocupação dos espaços públicos pelos segmentos médios e menos favorecidos da cidade em dias de carnaval. Esboçava, em suas páginas, um campo de tensões extremamente dinâmico.

³ THOMPSON, E. P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

⁴ Os jornais selecionados para a pesquisa são: **O Correio do Ceará**, que era um diário vespertino que se dizia independente. A direção e propriedade eram da Sociedade Anônima "Correio do Ceará". Situava-se na rua Senador Pompeu, 864. **O Nordeste**, que se dizia ser um vespertino de orientação católica. Era propriedade da Sociedade Editora São Francisco das Chagas. Funcionava em prédio próprio na rua Sólon Pinheiro. **Gazeta de Notícias**, que era um diário matutino que se dizia independente. O fundador foi o sr. Antonio Drummond. A redação e a oficina localizavam-se na rua Senador Pompeu, 789. **O Povo**, que se considerava um jornal vespertino político e noticioso. Tinha como diretor Demócrito Rocha. A redação e oficina situavam-se na rua M. Facundo, 670. **Diário do Ceará**, que era do Órgão do Governo do Estado e situava-se na rua M. Floriano Peixoto, 249.

⁵ CRUZ, Heloiza de Faria. *São Paulo de papel e tinta: Periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Ed. PUC, 2000.

⁶ Ilustres Foliões são referentes aos foliões pertencentes aos segmentos abonados. Essa expressão não tem sentido valorativo e nem de exaltação. Foi uma forma encontrada para identificar os foliões que buscavam se destacar por meio da afirmação do seu poder aquisitivo.

Articelistas e cronistas, por meio de seus escritos, demonstravam a grande insatisfação que tinham em ver esses foliões ocupando os espaços das ruas. Por conta das significativas mudanças na forma de festejar o carnaval, os homens da imprensa, por meio de seus artigos e crônicas, procuravam suplantar os novos tempos dos carnavais da cidade. Ao deparar-me com essa exaltada, agitada e impaciente imprensa do final da década de 1920, percebi que uma nova dinâmica urbana começava a se desenhar em Fortaleza.

Os jornais disponibilizavam comentários sobre as festas carnavalescas que ocorriam pela cidade, atentavam bastante para os ricos festejos. Os longos comentários procuravam mostrar um carnaval de luxo e riqueza. Entretanto, a partir de uma leitura a contrapelo dessa documentação, observa-se que, nos espaços públicos, muitos carnavais eram vistos e brincados. Principalmente, na primeira metade da década de 1920, faziam-se curtos comentários sobre alguns grupos de foliões que se organizavam pelo subúrbio da cidade, eram os “Cordões”. Por meio, também, de pequenos indícios que a imprensa disponibilizava, encontrei reclamações sobre foliões que, geralmente, se encontravam pelas calçadas de residências ou de clubes durante as investidas carnavalescas, era o conhecido “sereno”, famoso por suas vaias e gritos desferidos em algumas festas e que tiravam a paciência dos ilustres foliões.

A imprensa tecia enaltecedores comentários sobre uma festa, uma fantasia ou algum bloco que se destacava nos dias de pândega carnavalesca. Fazia questão, também, de publicar alguns dias antes dos dias dedicados a Momo os Editais Policiais. Estes eram lançados pela Chefatura de Polícia. Era uma tentativa de organizar e controlar o carnaval pela cidade. A partir dos editais, percebe-se uma reorganização da cidade para o carnaval. A principal preocupação da Chefatura de Polícia era com a área central, primordialmente a praça do Ferreira, pois, nesse logradouro, se aglomerava um grande número de pessoas para festejar os dias de licenciosidade.

Os editais policiais são importantes para a pesquisa pelo fato de apresentarem mais do que formas de controlar comportamentos considerados desviantes. A partir dos editais, percebe-se o que era proibido. Essas proibições indicam o que ocorria durante as festas mostrando outras formas de comemorar o carnaval.

A Chefatura de Polícia da cidade de Fortaleza estava bastante preocupada com os interesses dos segmentos abonados da cidade. Estes, juntamente com aqueles, procuravam direcionar o carnaval de uma forma pela qual os homens de destaque na cidade fossem projetados socialmente.

A imprensa, em relação ao carnaval na década de 1930, direciona-se, basicamente, para os festejos dentro dos clubes elegantes da cidade. As festas carnavalescas do “Clube Iracema”, do “Clube dos Diários” e do “Ideal Clube” enchiam as páginas dos periódicos com minuciosas descrições.

Todavia, essa mesma imprensa começou a dedicar, com maior recorrência, na década de 1930, alguns comentários sobre os carnavais das ruas, com seus peculiares ritmos, sons e performances. Novos protagonistas desfilavam pela cidade nos dias de carnaval. Em grupos, saíam em cortejo pelas ruas. As batucadas imprimiam, nas ruas da urbe, sons de instrumentos de percussão. Homens fantasiados de mulher escandalizavam alguns cronistas. Foliões, que cantavam e dançavam, faziam lembrar os antigos congos da cidade. Percebe-se que esses novos protagonistas aparecem não apenas nas ruas, mas também nas páginas dos jornais. O que demonstra que se firmavam nos carnavais de Fortaleza.

Ao acompanhar a imprensa durante essas duas décadas, percebi as mudanças e transformações na forma de se brincar os carnavais pela cidade. Entretanto, como toda documentação, os jornais apresentam suas limitações. Para compreender a complexidade social do carnaval desse período, foi necessário cruzar as informações jornalísticas com outras documentações, pois as diversas tipologias de fontes demonstram realidades fragmentadas e particulares. É como um grande quebra-cabeça, sem modelo e de peças incontáveis, que o historiador procura montar. Portanto, privilegiei, também, os processos criminais⁷ para compor o corpo documental deste trabalho.

O meu interesse em entender os muitos carnavais da cidade e o próprio universo da festa motivou-me a buscar, nos processos criminais, as vozes de

⁷ Esses processos criminais estão acondicionados no Arquivo Público do Estado do Ceará e compõem a série “Ações Criminais” do fundo “Tribunal de Justiça”. Para maiores informações ver: **BARBOSA**, Carlos Henrique Moura; **VIANA JÚNIOR**, Mário Martins. Um Furto e duas cidades. In: *Documentos: Revista do Arquivo Público do Ceará*. Vol. 1., nº 4, pp. 229-243, 2005. Nesse texto, há uma transcrição de um documento do acervo supracitado e uma introdução que apresenta a série “Ações Criminais” do fundo “Tribunal de Justiça”.

agentes históricos que deixaram pouquíssimos registros⁸. Por meio dos autos do processo crime, o historiador tem condição de penetrar em bodegas, cafés, cabarés e ainda enxergar outros comportamentos nas ruas e travessas da cidade⁹. Emerge dos autos o alto potencial explosivo característico da festa carnavalesca e que, muitas vezes, é ocultado e desprezado pela imprensa.

A grande maioria dos processos criminais que utilizo neste trabalho é de crimes relacionados a homicídio, a desordens e a agressões físicas. Porém, procuro não escrutinar a singularidade de cada crime, e sim perceber o que o ato criminoso pode me fornecer para compreender a realidade que pesquiso. Por isso, preoquei-me em privilegiar, essencialmente, os depoimentos, pois os sujeitos que eram interpelados pelas autoridades estavam próximos ou envolvidos, como protagonistas do ato criminoso. Isso não quer dizer que essa parte dos autos seja mais ou menos fidedigna do que outra, todavia o conjunto de depoimentos relata, com maior riqueza de detalhes, os acontecimentos. Dessa forma, o olhar atento do historiador pode colher um maior número de informações, diferentemente dos relatórios feitos pelos responsáveis dos inquéritos, que são bastante reduzidos.

A partir dos depoimentos, pude colher informações valiosas e, por meio de um nome, endereço, profissão, consegui perceber um substrato social que, às vezes, não se encontra em outras fontes documentais. Assim, esses indícios se configuram como aquilo que distingue um indivíduo de outro, mostrando a complexidade do tecido social¹⁰.

Os homens e mulheres interpelados pelas autoridades instituídas eram apresentados, muitas vezes, como sujeitos ínfimos e ordinários. Entretanto, para a pesquisa histórica, esses sujeitos tornam-se extraordinários, pois permitem que se compreenda a malha fina das relações sociais e fazem

⁸ **BRETAS**, Marcos Luiz. As Empadas do Confeiteiro Imaginário: A pesquisa nos arquivos da justiça criminal e a história da violência no Rio de Janeiro. In: *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol. 15., nº 1, pp. 7-22, 2002.

⁹ **BARBOSA**, Carlos Henrique Moura. Marcelino, D. Nena e Pierre: Algumas Histórias de Carnaval nos Cafés, Cabarés e Bodegas na Fortaleza dos anos de 1920 e 1930. In: *Documentos: Revista do Arquivo Público do Ceará*. Vol. 1., nº 4, pp. 33-48, 2005.

¹⁰ **GINZBURG**, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: DIFEL, pp. 169-178, 1989.

emergir questões invisíveis, ou melhor, realidades ocultas que colocam à vista as regras do jogo¹¹.

Por meio de outra documentação policial, os róis de culpados, comecei a observar que a interdição temporária era uma ótima forma para as autoridades policiais manterem o controle social nos dias de carnaval. Observei que havia descomedimento entre prisões e inquéritos, o que me levou a crer que as primeiras eram um poderoso instrumento de controle e intimidação a serviço da polícia¹². A maior parte dos crimes registrados nos róis de culpados relacionava-se às desordens, como a embriaguez e a ofensa moral. Geralmente, o acusado era dispensado após os dias de carnaval, pois o ato de prender era uma forma de retirar de circulação algum sujeito que pudesse colocar em risco o bom funcionamento da ordem pré-estabelecida pela Chefatura de Polícia por meio dos editais policiais referentes ao carnaval.

Lancei mão de uma documentação que poucas vezes aparece nas notas de rodapé, os Guias Turísticos¹³ da cidade de Fortaleza. Essa documentação é muito rica, pois, a partir dela, é possível fazer um mapeamento de vários lugares de Fortaleza. Encontro neles o nome das ruas e das praças, os pontos comerciais, consulados, horários de vapores, trens, bondes, aviões e muitas outras informações. Também encontrei, nesse material, plantas da cidade de Fortaleza. Por meio dessa documentação, o pesquisador tem condição de visualizar o cotidiano da cidade. Isso foi muito interessante para a presente pesquisa, pois foi possível cruzar o tempo da festa com o tempo do cotidiano e, assim, perceber como havia outra ambiência na cidade em dias de carnaval.

O movimento da cidade é percebido por meio dos endereços dos estabelecimentos comerciais, das linhas de bonde e de outros vestígios que demonstram o dinamismo do cotidiano de Fortaleza. As rupturas, as fissuras, as diferenças que marcam o dia-a-dia da cidade apresentam-se no crescimento

¹¹ **SECRETO**, Verônica; **TOLEDO**, Edilene; **RIBARD**, Franck; **MARTINS**, Mário (Orgs.). *A História em Processo: Ações Criminais em Fortaleza (1910-1950)*. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2006.

¹² Para conhecer sobre as atividades policiais de Fortaleza na década de 1920 é interessante ver: **FONTELES NETO**, Francisco Linhares. *Vigilância, impunidade e transgressão: faces da atividade policial na capital cearense (1916-1930)*. Dissertação de mestrado em História, UFC, 2005.

¹³ Os guias turísticos são: **Guia Cearense da Empresa Cearense de Anúncios** (confeccionado), tendo como diretor Vitor Pacheco Leão. Esse guia é de 1927. **Guia da Cidade de Fortaleza** é uma edição da empresa de publicidade, tendo como diretor-proprietário José Leandro de Almeida: são duas edições, uma de 1939 e outra de 1940.

da área central da urbe que passou a ser, essencialmente, comercial, pois, aos poucos, o centro perdeu os imóveis residenciais e, simultaneamente, houve a organização de bairros elegantes distantes dos tumultos da área central da cidade.

A visualização da Fortaleza e do seu carnaval nas décadas de 1920 e de 1930 foi facilitada, também, pela leitura de obras que se referem ao passado da cidade. Os memorialistas fornecem informações fabulosas que permitem que a narrativa torne-se densa. Contudo, deve-se ter bastante cuidado com a retentiva desses autores, pois, às vezes, o passado da cidade, por eles lembrado, é apresentado de forma idealizada. É importante lembrar que a memória é organizada e construída a partir de uma seleção de acontecimentos, enquanto outros são negligenciados. Daí a importância de lançar mão de uma variada tipologia de fontes, para não se deixar seduzir pelo feitiço dos discursos.

Algumas fotografias¹⁴ serão utilizadas para dar densidade ao texto, e não como simples ilustrações. As imagens, de certa forma, ajudaram na elaboração da narrativa e da análise que efetuei em determinados momentos da escrita. É importante frisar que não foi efetuada uma metodologia de crítica em relação a essas fontes documentais, porém teve-se a preocupação de articular esse material ao texto, fazendo parte da intrincada trama da escrita.

A partir do material empírico apresentado nos parágrafos acima, perceber-se-á a “coexistência de múltiplas temporalidades”¹⁵ que ajudaram a entender os muitos carnavais presentes no período.

A minuciosa leitura dessas fontes permitiu fundamentar, com maior propriedade, a problemática geral que orienta a estrutura do texto. A prática de escrever foi antecedida pelo diálogo com as fontes e com a bibliografia referente ao objeto de estudo. Esse diálogo, evidentemente, não ocorreu de forma passiva, pois, como frisei, o trabalho de pesquisa é realizado a partir de um processo de escolhas estabelecidas pelo historiador. O tempo da escrita é

¹⁴ Muitas das fotos utilizadas nesta pesquisa foram conseguidas no Acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS) e do Acervo da Prefeitura de Fortaleza. No entanto, outras imagens digitalizadas foram utilizadas a partir do material coletado nos jornais pesquisados e no Acervo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará.

¹⁵ DIAS, Maria Odila Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. In: *Projeto História*. São Paulo: Educ, n° 17, pp. 223-158, 1998.

um momento de produção, em que o pesquisador estabelece um itinerário, um caminho a ser seguido¹⁶.

Essa produção é eivada de protocolos de referência. O leitor, ao se deparar com o texto escrito, é impelido a percorrer as citações, notas de rodapé e outros protocolos que lancei mão na produção do trabalho. Ele, entretanto, efetuará “passeios inferenciais”¹⁷ pelo texto, por mais que a prática da escrita tenha sido pensada, elaborada e construída.

No primeiro capítulo, *A decadência de Momo ou outros carnavais?*, dediquei dois itens para entender a ambiência do carnaval em Fortaleza nas duas décadas de que trata esta pesquisa. Por meio dos jornais coligidos, principalmente do final da década de 1920, fui percebendo que alguns cronistas e articulistas publicavam escritos nos periódicos reclamando da pouca animação do carnaval da cidade. Pairava, nos dias que antecediam o carnaval e nos dias de carnaval, um sentimento de que o reinado de Momo estava em decadência. Entretanto, o carnaval que parecia estar decaído era o dos elegantes cortejos do curso. Por isso, intitulei esse primeiro item com a seguinte frase: *“Não deixemos cair no olvido o carnaval”*, retirada de uma crônica de 1927. Então, por meio do segundo item, *Outros carnavais*, procurei investigar e mostrar as mudanças que começavam a se esboçar nos dias de carnaval na cidade. Para isso, destaco os grupos, os festejos e os ritmos dos carnavais na Fortaleza das décadas de 1920 e 1930. Esse primeiro capítulo foi pensado e elaborado para introduzir e dar o suporte necessário para o leitor enveredar com maior propriedade nos universos propostos pelo tema abordado.

Para o segundo capítulo, *Foliões nas ruas: “um campo de sugestões”*, elaborei dois itens para trabalhar o carnaval nas ruas da cidade. No primeiro item, intitulado *Do carnaval do curso para o carnaval de rua*, procuro entender o carnaval da praça do Ferreira e das ruas próximas a essa praça. O intuito é enxergar como as ruas foram sendo conquistadas por novos protagonistas nos dias de carnaval. Para isso, mostro como, nas ruas, a performance, os ritmos, os sons e os grupos mudaram no decorrer das décadas de 1920 e 1930. Ainda

¹⁶ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução: Ephaim Ferreira Alves. Edição 3ª, Petrópolis, Editora Vozes, 1998.

¹⁷ ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. Edição 8ª, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

nesse primeiro item, abordo alguns episódios conflituosos na praça do Ferreira e, a partir desses episódios, percebo como a preocupação com esse espaço, por parte do poder público e dos segmentos abonados, aumentou nos anos de 1930. Assim, enxergo como o carnaval festejado nas ruas foi ganhando outros referenciais. Já no segundo item, intitulado *Entre ruas e travessas: foliões nos cafés, cabarés e bodegas*, compreendo a ambiência carnavalesca das travessas, dos becos, dos cabarés, dos cafés e das bodegas em dias de carnaval. Procuo adentrar no universo desses espaços nos dias dedicados a Momo por meio de uma documentação bastante particular: os processos criminais¹⁸. Percorrendo os becos, as travessas e as ruas, enxergo a sociabilidade em lugares considerados malditos, atentando, principalmente, para os dias de carnaval. Essencialmente, dedico o segundo capítulo ao universo carnavalesco nas ruas da cidade nesse período. Isso me ajuda a entender como os espaços das ruas foram negociados e ganharam novos protagonistas com outras formas de festejar o carnaval.

No terceiro capítulo, *Ilustres foliões: os carnavais nas residências e nos clubes*, há um esforço para se compreender as festas carnavalescas nos espaços privados. Para tanto, esse capítulo foi dividido em dois itens. O primeiro foi intitulado: *Os “assaltos carnavalescos”*. Esses “assaltos” eram festas promovidas pelas ilustres famílias de Fortaleza, as quais disponibilizavam suas residências para tais folguedos. No período pesquisado, tais práticas eram bastante divulgadas por alguns jornais e, juntamente com o corso, fazia parte dos elegantes carnavais da cidade. O que se busca nesse item é a compreensão do significado ou dos significados que os “assaltos” tinham para os seus organizadores e partícipes nos dias de carnaval. Porém, percebe-se, no decorrer da análise, que outros grupos sociais apropriavam-se desses festejos como forma de reivindicar e participar do carnaval e da cidade. Já no segundo item, *Foliões nos recintos dos clubes*, procura-se compreender, nos festejos, os novos significados que os clubes ganham no decorrer das décadas de 1920 e 1930. Para tal intento, busca-se enxergar todo o processo de formação e constituição social de alguns clubes da cidade. Nessas duas décadas, os clubes passaram a ser signos de urbanidade, tornaram-se

¹⁸ Utilizo, também, jornais e alguns memorialistas no segundo item. É importante reiterar que, neste capítulo, os documentos policiais foram de extrema importância.

elemento de distinção social e de segurança. Assim, os carnavais nas residências e nos clubes fazem parte, nesse período, dos muitos carnavais da cidade de Fortaleza.

Este trabalho está longe de exaltar a festa de carnaval como símbolo nacional. O leitor encontrará nesses capítulos uma história própria do carnaval de Fortaleza. Não se buscará estabelecer uma associação das manifestações carnavalescas fortalezenses à “brasilidade”. Pelo contrário, privilegiar-se-á discutir, compreender e demonstrar as peculiaridades do processo histórico do nosso carnaval. No mais, esta análise do carnaval da cidade permite enxergar outros aspectos da sociedade fortalezense do período.

Capítulo 1 - A decadência de Momo ou outros carnavais?

Ao iniciar a pesquisa, tive a oportunidade de entrar em contato, especificamente, com fontes hemerográficas. No início dos anos de 1920, articulistas de alguns jornais, nas vésperas dos dias de carnaval, cobriam de “lantejoulas” as investidas de grupos carnavalescos que se formavam nas rodas elegantes da cidade. Às vezes, aparecia alguma matéria sobre os foliões que se organizavam pelos subúrbios. Os dias de carnaval eram animados nas ruas, pois sempre se estava anunciando uma batalha de serpentinas e confetes ou um cortejo ao redor da praça do Ferreira para saudar a chegada do período carnavalesco.

Particularmente, fiquei animado com toda a vibração das festas carnavalescas de Fortaleza. Então, comecei a identificar, a levantar e a selecionar os jornais que se relacionavam à década de 1920. Os carnavais dos primeiros anos dessa década eram de uma animação encorajadora para o pesquisador, entretanto, nos últimos anos de 1920, percebem-se várias reclamações relacionadas ao carnaval, as quais enfatizavam que tal folguedo estava com os dias contados.

Articulistas e cronistas conclamavam os foliões que tinham projeção na cidade para comparecer às festas dedicadas ao grande deus da folia. Esses homens, que escreviam nos periódicos da cidade, lançavam mão de suas memórias para lembrarem os imemoriais tempos dos carnavais das grandes sociedades carnavalescas do final do século XIX. Como será visto no decorrer do capítulo, foi preciso reportar-me a esses carnavais que enchiam os velhos foliões de orgulho e satisfação.

O saudosismo e a nostalgia dos antigos carnavais da cidade era uma constante nos escritos publicados sob a forma de artigo ou de crônica. Nas crônicas, enfatizava-se que o carnaval não era mais o mesmo e que a decadência dessa festa estava instaurada.

Ao ler com cuidado as fontes hemerográficas, percebi a tentativa de se revitalizar um carnaval elegante que parecia estar se transformando e dando espaço a outras formas de se comemorar o período momino na cidade. Assim, vários homens de imprensa escreviam lamentando a tal decadência do carnaval como forma de velar as mudanças que se intensificavam nas festas

carnavalescas no final da década de 1920. Ao cruzar os jornais com a documentação policial, enxerguei que os segmentos médios e menos favorecidos estavam se tornando os protagonistas dos carnavais das artérias da urbe que, até então, eram, de certa forma, monopolizadas pelos segmentos abonados. Nos jornais, também, encontrei articulistas que, em seus escritos, divergiam da idéia de que o carnaval estava em decadência e incentivavam grupos de foliões que se organizavam pelos arrabaldes da cidade a se apresentarem nos dias de festa, principalmente no início dos anos de 1930.

No processo de pesquisa, fui percebendo que as décadas de 1920 e 1930 foram de profundas transformações, não só nas formas de se festejar o carnaval, mas também nas formas de experienciar a cidade.

Foi da própria dinâmica da pesquisa que surgiu a necessidade de dedicar um capítulo para apresentar e problematizar a polêmica em que se encontravam os foliões do final dos anos de 1920 e limiar dos anos de 1930. Acredito que este momento da dissertação tem como objetivo principal analisar a dinâmica que se configurava nos carnavais da cidade. Para isso, procuro, em um primeiro momento, discutir a “decadência de Momo”, relacionando tal fato às mudanças no modo de se viver no meio urbano da cidade. Depois, empenho-me em investigar os carnavais que começam a se esboçar pela cidade por meio das performances, dos gêneros musicais e dos grupos de foliões.

As décadas de 1920 e 1930 são consideradas, nesta pesquisa, como um período de transição em que outros carnavais intensificam-se pela cidade, sejam eles dos ilustres foliões, sejam dos segmentos médios e menos favorecidos da cidade.

1.1. “Não deixemos cair no olvido o carnaval”

No final da década de 1920 e início da década de 1930, com certa recorrência, alguns jornais publicavam crônicas e artigos lamentando a

“decadência” do carnaval da cidade de Fortaleza¹⁹. Geralmente, as crônicas recorriam aos carnavais do final do século XIX e início do século XX como uma forma de lembrar os “verdadeiros carnavais” da cidade.

O título deste item foi retirado da parte final de uma crônica de Antonio Theodorico²⁰, intitulada “Momo... em Dependuras”²¹. O cronista também escreveu a seguinte frase: “Si ele hoje esta em declínio, façamos ressurgir amanhã”²². O leitor pode se perguntar: a quem Antônio Theodorico estava convocando para fazer ressurgir o “moribundo” carnaval? Muitas dessas crônicas faziam referência aos carnavais organizados pelos ilustres foliões da cidade que participavam ativamente dos preparativos, vários eram homens do comércio, da imprensa e da política. Esses homens, desde final do século XIX, promoviam suntuosos desfiles pelas ruas da cidade e deixaram impresso na urbe um carnaval de luxo e riqueza.

O carnaval do final do século XIX e dos primeiros anos do século XX em Fortaleza foi marcado pela presença das grandes sociedades carnavalescas. Estas tiveram forte presença na cidade a partir de 1882. Uma das primeiras Sociedades Carnavalescas foi a dos “Cavaleiros do Prazer”, depois surgiram os “Cavaleiros da Época” e “Legiões dos Únicos”²³. O carnaval do final do século XIX é considerado por muitos memorialistas e cronistas como o de maior esplendor na cidade. Duas sociedades carnavalescas distinguiram-se e ficaram famosas pelo luxo e animação expostos no carnaval de 1896, os “Dragões de Averno” e os “Conspiradores Infernais”²⁴, que se formaram nos recintos dos mais luxuosos clubes da cidade, a primeira no clube “Cearense”²⁵ e a segunda no clube “Iracema”. Essas duas sociedades, segundo comentário de João Nogueira²⁶, “(...) deixaram fama pelo luxo que ostentavam, no carnaval

¹⁹ Muitas dessas crônicas e artigos foram encontradas no jornal “Diário do Ceará”, que era do Governo do Estado.

²⁰ Antonio Theodorico foi membro do Instituto Histórico do Ceará.

²¹ Diário do Ceará, 26/02/27.

²² Idem.

²³ OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. Fortaleza: UFC, Monografia em História, 1995.

²⁴ Id. Ibidem.

²⁵ Nos últimos anos do século XIX, o clube “Cearense” deixou de existir. Entretanto, em 1913, surge um outro clube elegante, o “Clube dos Diários”. O maior “rival” do “Clube Iracema” nas décadas de 1920 e 1930 foi o “Clube dos Diários”. Sobre o carnaval nos clubes ver o Capítulo 3.

²⁶ “João Nogueira era membro do Instituto do Ceará, mas na condição de sócio correspondente. Contribuía para a publicação que a agremiação mantinha com artigos (...).”

de 1896”²⁷. As grandes sociedades carnavalescas inspiravam-se nos carnavais venezianos. Elas procuravam suplantar as “grosseiras” brincadeiras do Entrudo.

O entrudo²⁸ não era bem visto pelos foliões que se organizavam nas grandes sociedades. Nas “grosseiras” brincadeiras, jogava-se água com cuias, canecos e chiringas. Fora a água, atiravam-se alvaiade, pós de sapatos, zarcão²⁹ e farinha de trigo em pó ou em papa nos transeuntes que passavam em baixo de janelas ou pelas ruas da cidade.

Os apreciadores das grandes sociedades carnavalescas passaram a substituir a água, os pós de sapatos, o zarcão e a farinha de trigo pelas inofensivas laranjinhas de cera e depois por confetes e serpentinas, porém o sentido da batalha não se perdeu. Havia a necessidade de diferenciar-se das “grosseiras” brincadeiras do entrudo, pois as grandes sociedades tinham como proposta divulgar os valores tidos como “civilizados”, em contraposição ao entrudo, que era tido pelos homens encastelados nas sociedades carnavalescas como “barbárie”.

Os desfiles das sociedades carnavalescas diferenciavam-se bastante das brincadeiras do entrudo. A participação em tais cortejos era bastante restrita. Somente os segmentos abonados podiam desfilar nas sociedades carnavalescas, porque era preciso gastar com dispendiosas fantasias e despesas da organização³⁰. O cronista João Nogueira – referindo-se ao carnaval de 1896, que teve grande repercussão e foi considerado o de maior esplendor – diz que:

Ver: **NOGUEIRA**, Carlos Eduardo Vasconcelos. *Tempo, Progresso, Memória: Um olhar para o passado na Fortaleza dos anos trinta*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2006, p. 83.

²⁷ **NOGUEIRA**, João. Carnaval. In: *Fortaleza Velha: Crônicas*. Fortaleza: Edições UFC, 1981, p. 147.

²⁸ Segundo Queiroz, “Os jogos do Entrudo tinham lugar entre famílias do mesmo nível social, pertencentes à mesma parentela ou ligadas por relações de amizade; não eram invadidas casas de desconhecidos ou de inimigos. (...) as atividades carnavalescas ocorriam, pois, no interior de cada grupo”. **QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: O vivido e o mito*. São Paulo: Editora brasiliense, 1999, p. 46. Acredito que as observações sobre o entrudo da historiadora Maria Clementina são bastante enriquecedoras, para isso ver: **CUNHA**, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880-1920*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

²⁹ Zarcão é uma tinta vermelha.

³⁰ É importante frisar que os segmentos abonados também organizavam “Carros de Crítica”. Caterina Oliveira enfatizou que, no início do século XX, a “elite” deixou de praticar tais folguedos carnavalescos. **OLIVEIRA**, Caterina Maria de Saboya. Op. Cit., pp. 54-58.

Conta-se que as duas sociedades gastaram, reunidas, cerca de cem contos de réis com esta brincadeira: e conta-se também que os “Conspiradores”, abarbados com a despesa, que fizeram, pensaram em promover, ou promoveram uma quermesse, a fim de se aliviarem de tão grandes gastos ³¹.

As duas sociedades carnavalescas a que se refere o memorialista são: “Dragões de Averno” e “Conspiradores Infernais”. Havia uma preocupação em diferenciar-se dos “rudes” foliões do entrudo e de suas brincadeiras desagradáveis, por isso não se poupava nos gastos. Nos primeiros anos do século XX, mais precisamente, no ano de 1905, o intendente Guilherme Rocha proibiu os entrudeiros de festejarem os dias dedicados a Momo ³². Essa medida deixa transparecer que o entrudo e seus fiéis escudeiros continuavam teimando em aparecer nas ruas com sua pesada artilharia de água, alvaiade, pós de sapatos, zarcão e farinha de trigo em pó ou em papa. Essa atitude do intendente ainda revela o anseio do poder público e dos segmentos abonados de instituir um carnaval para Fortaleza.

A própria ambiência histórica promoveu o fortalecimento e a valorização das grandes sociedades carnavalescas pelos homens de grossa ventura. No fim do século XIX e início do século XX, houve, em Fortaleza, uma agitação de movimentos intelectuais. Nesse período, há a formação de grupos literários e a fundação de instituições culturais (Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, Biblioteca Pública, Academia Cearense de Letras e outros), além da fundação de jornais. As idéias evolucionistas, cientificistas e positivistas estavam presentes nas rodas de discussões, das quais muitos intelectuais participavam. Na Academia Francesa, fundada em 1872, eram discutidos autores como Taine, Comte, Burkle, Spencer e Ratzel ³³.

No entanto, toda essa ambiência estava relacionada aos interesses dos segmentos abonados do Brasil, pois foi nesse momento, fins do século XIX, que o carnaval das grandes sociedades se espalhou por várias cidades brasileiras, como salientou Maria Isaura Queiroz: “(...) este existiu por toda

³¹ **NOGUEIRA**, João. Op. Cit., pp. 138-149.

³² **ALENCAR**, Edigar de. O Carnaval Cearense. In: *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC, 1980, p. 26.

³³ **CASTRO**, Liberal de. Arquitetura Eclética no Ceará. In: **FABRIS**, Annateresa. *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/Editora da USP, 1987, 219.

parte no país, tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas, de maneira luxuosa ou de maneira modesta, conforme os recursos locais”³⁴.

Isso permite inferir que as grandes sociedades carnavalescas pertenciam a um projeto que visava instituir uma nação. Há, nesse momento, uma tentativa de modelar as festividades carnavalescas sob uma única forma, que pretendia ser a legítima. Essa forma espalha-se pelas cidades do país juntamente com os anseios de nacionalidade dos representantes da jovem República. Estes, por sua vez, buscam, nos carnavais europeus, elementos que os projetem como os detentores do “progresso” e propagadores dos “valores civilizados”.

É na virada do século XIX para o século XX que os segmentos ligados ao comércio de importação e exportação, em Fortaleza, firmam-se enquanto segmento dominante. Estes emergem concomitantemente aos ideais republicanos. Assim, promoviam lindos desfiles pela cidade e aproveitavam-se dos festejos carnavalescos para divulgarem novos valores e comportamentos que distavam do passado colonial. O significado dado por esses homens de grossa ventura para o carnaval girava em torno de uma auto-afirmação, não só local, mas também nacional. Para que tal intento fosse realmente conseguido, era preciso que o entrudo e outras práticas que incomodavam ou que rivalizavam deixassem de existir. Processo parecido ocorreu, também, nesse período, no Rio de Janeiro e em Salvador, guardando-se as devidas particularidades.

Maria Clementina Cunha³⁵, pesquisando o carnaval do Rio de Janeiro de fins do século XIX e início do século XX, é muito categórica em apontar os medos que assombravam os setores abonados cariocas no que diz respeito às práticas do entrudo e outras que foram colocadas debaixo do mesmo “guarda-chuva”. Para que essas brincadeiras deixassem de estar presentes, segundo a autora, “(...) intelectuais, literatos, jornalistas, políticos e autoridades e foliões encastelados em sociedades como os Democráticos, os Fenianos, os Tenentes do Diabo e outras (...)”³⁶ procuravam instituir um “carnaval europeu” no Rio de Janeiro. Contudo, temiam que o projeto de um carnaval civilizado não

³⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. Cit., p. 55.

³⁵ CUNHA, Maria Clementina Pereira. Op. Cit.,

³⁶ Id. Ibidem, p. 87.

vingasse. A preocupação desses segmentos era com a população negra que continuava teimando em pintar “a própria pele com farinha ou alvaiade, realçando as bochechas com vermelhão”³⁷. Também o incômodo com os trabalhadores livres e com os imigrantes no Rio de Janeiro tirava o sono de muitos políticos, intelectuais e literatos. Com o fim da escravidão, os medos e os receios da “elite” carioca aumentaram.

Em Salvador, também, percebem-se preocupações nesse mesmo período com os costumes e práticas culturais afro-brasileiras. O pesquisador Franck Ribard afirma que, em fins do século XIX, surgem sociedades carnavalescas como “Fantoches de Euterpe”, que data de 1883, e “Cruz Vermelha”, que principia em 1884. Essas duas sociedades, segundo o autor, desfilavam pelas ruas em ricos préstitos. As personalidades mais importantes tinham participação destacada nos cortejos. Todavia, o autor enfatiza que, com “a abolição da escravidão em 1888, os batuques (dos negros) multiplicam-se nas ruas de Salvador, demonstrando uma vontade firme, da parte dos afro-baianos, de existir enquanto descendentes africanos e de exibir a força dos ritmos dos seus deuses nas festividades nacionais”³⁸. Por mais que houvesse uma tentativa de coibir essas práticas, elas continuavam coexistindo com o carnaval das sociedades carnavalescas. Na primeira metade do século XX, percebe-se, claramente, uma polarização em torno da festa, pois as ruas principais de Salvador eram destinadas ao carnaval oficial das grandes sociedades carnavalescas, enquanto os menos favorecidos brincavam em espaços marginalizados pelo poder público, como a Baixa do Sapateiro.

Em Fortaleza, os medos, as ameaças e os fantasmas que assombravam os idealizadores das grandes sociedades carnavalescas tinham as suas particularidades em relação às outras cidades do país. O poder público tinha uma grande preocupação com os retirantes que migravam do meio rural para a cidade de Fortaleza nos períodos de estiagem. O estado do Ceará foi assolado por várias secas, tanto no século XIX como no século XX.

³⁷ Id. *Ibidem*.

³⁸ “(...) l'abolition de l'esclavage en 1888, les batuques se multiplièrent dans les rues de Salvador, démontrant ainsi une volonté ferme, de la part des afro-bahianais, d'exister entant que descendants d'Africains et d'exhiber la force des rythmes de leurs dieux dans les festivités nationales”. (*Tradução Minha*). RIBARD, Franck. *Le Carnaval Noir du Bahia: ethnicité, identité, fête afro à Salvador*. Paris: Prix L'Harmattan, 1999, p. 169.

A compreensão das secas no estado do Ceará, principalmente no final do século XIX, é muito importante para o entendimento da formação da pobreza urbana de Fortaleza³⁹. Os homens e mulheres que migravam para Fortaleza em períodos de seca acabaram constituindo muitos dos bairros pobres da cidade.

Ainda, no século XIX, especificamente, na década de 1870, o Ceará é assolado por duas grandes secas (1877-1879), o que deixou as autoridades públicas da cidade de Fortaleza bastante preocupadas, porque houve uma afluência de um grande número de retirantes vindos do interior do estado e de outras localidades próximas em busca de ajuda.

A população da cidade de Fortaleza teve um crescimento considerável no período compreendido entre 1877, ano da primeira seca, e 1900. Se em 1877 a população da cidade era de 26.943 habitantes, em 1900 passou para 48.369 habitantes⁴⁰. Não se pode explicar esse crescimento populacional apenas pelo desenvolvimento agro-industrial exportador, mas também pelos períodos de estiagem, que provocavam o êxodo de muitas famílias sertanejas para a capital⁴¹.

Por conta do grande número de retirantes que aportavam na capital cearense, os anos de estiagem configuravam-se como verdadeiros pandemônios para intelectuais, homens de negócios e políticos. Nas poucas páginas dos jornais, publicavam-se informações sobre a situação de milhares de miseráveis que se dirigiam para Fortaleza. Muitos desses miseráveis eram empurrados para os arrabaldes da cidade, formando um verdadeiro cinturão de pobreza que rodeava a cidade. Muitos costumes e hábitos migravam juntamente com esses homens e mulheres que inchavam a área urbana da cidade.

³⁹ **NEVES**, Frederico de Castro. A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900). *SECA*. Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 75-104.

⁴⁰ **OLIVEIRA**, Caterina Maria de Saboya. Op. Cit., p. 49.

⁴¹ **OLIVENOR**, José. "Metrópole da fome": a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879. *SECA*. Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p. 49-74. Nesse artigo, Olivenor discute a saída de um grande número de retirantes do interior do Ceará para a capital Fortaleza. O historiador também percebe a preocupação das autoridades urbanas em relação aos retirantes das secas de 1877-1879. Por meio dessas informações, percebe-se que a vinda de um grande número de retirantes do interior teve relação com o crescimento urbano de Fortaleza nos fins do XIX.

João Nogueira, em 1936, lembrava-se dos antigos carnavais fortalezenses do final do século XIX: “Alguns ‘vaqueiros’ faziam rir, cantando, com o falar gutural dos sertanejos, episódios inverossímeis das vaquejadas”⁴². Esses vaqueiros andavam pelas ruas da cidade em dias de carnaval. Provavelmente não nos mesmos espaços por onde desfilavam as grandes sociedades carnavalescas. Essas lembranças demonstram o quanto a presença do sertanejo era forte no meio urbano de Fortaleza.

O memorialista João Nogueira ainda se recordou de alguns grupos de afro-descendentes que brincavam o carnaval pelos idos de 1880. Em suas memórias, aparecem grupos de maracatus que festejavam pelas ruas.

Outro grupo que aparecia uma vez ou outra era o dos Maracatus. Formados só de homens vestidos de mulher, saias brancas, e cabeções de renda, traziam o corpo e o rosto pintado de negro. À simples vista pareciam africanos. Não dançavam. Andavam lentamente, pelas ruas⁴³.

Segundo Nogueira, os maracatus, no final do século XIX, andavam lentamente, em passos cadenciados, pelas ruas da cidade, tocando reco-recos e maracás, vestidos com saias, cabeções de rendas e “cantando algo intraduzível”⁴⁴ – “Aruenda tenda cadê iôio. A nossa rainha já se coroou”⁴⁵.

Eram presentes, no início do século XX, no carnaval de Fortaleza, os máscaras avulsos, que saíam perguntando “*Você me conhece?*”, e os papangus, que andavam pelas ruas da cidade com cabeções e chicote em punho, por conta dos cachorros que procuravam mordê-los⁴⁶. Edigar de Alencar lembra que:

Também apareciam mais raramente nas ruas da capital os grupos de caboclos ou cabocolinhos com as suas danças e gingas de índio. Eram vestidos uniformemente e todos usavam máscaras iguais, de arame. Movimentos ordenados e mecânicos⁴⁷.

Os carnavais das últimas décadas do século XIX e início do século XX não podem ser restringidos aos luxuosos préstitos das sociedades

⁴² **NOGUEIRA**, João. Op. Cit., pp. 138-149.

⁴³ Id. Ibidem.

⁴⁴ Id. Ibidem.

⁴⁵ Id. Ibidem.

⁴⁶ **ALENCAR**, Edigar de. Op. Cit., pp. 17-28

⁴⁷ Id. Ibidem.

carnavalescas e aos folguedos do entrudo. Muitos grupos de foliões manifestavam-se nas ruas durante os dias de carnaval, embora os segmentos abonados encastelados nas grandes sociedades procurassem ser a única alternativa legítima. Os embates entre os grupos de foliões ocorriam constantemente nas artérias da cidade.

O período que estou destacando, do final do século XIX ao início do século XX, é considerado pela pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz⁴⁸ como o Grande Carnaval ou Carnaval Veneziano. Essa pesquisadora divide o carnaval brasileiro, a partir do estudo do carnaval do Rio de Janeiro, em três momentos: o Entrudo, o Grande Carnaval e o Pequeno Carnaval. O Grande Carnaval foi marcado, num primeiro momento, pela presença das sociedades carnavalescas e, num segundo momento, pelo desfile do curso, que eram organizados pela burguesia⁴⁹ carioca. O Pequeno Carnaval, para Queiroz, é o momento em que os segmentos menos favorecidos ocuparam os espaços das ruas da cidade do Rio de Janeiro, até então monopolizados pela burguesia, durante o carnaval, em fins dos anos de 1930.

Essa divisão não dá conta da complexidade das manifestações culturais que ocorriam nos dias de carnaval. Esses modelos apagam ou silenciam muitos dos conflitos existentes durante as festas carnavalescas. Os comentários feitos nos parágrafos acima podem mostrar que outras manifestações culturais coexistiram com os carnavais das grandes sociedades carnavalescas, além do entrudo. Muitos grupos que saíam nos dias de carnaval para festejar a chegada de Momo incomodavam bastante os apreciadores e os organizadores dos desfiles das grandes sociedades carnavalescas.

Os elegantes carnavais das grandes sociedades foram seguidos por outra prática que se destacava bastante nas ruas da cidade de Fortaleza: o curso de automóveis. Esse desfile era uma tentativa de revitalizar o carnaval luxuoso das sociedades carnavalescas, que foi se perdendo durante os primeiros anos do século XX. Na segunda década do século XX, o curso de automóveis tornou-se a grande atração dos carnavais organizados pelos segmentos abonados. A intenção de continuar ostentando o lábaro da alegria

⁴⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. Cit.

⁴⁹ Burguesia é usada pela pesquisadora para identificar os setores abonados do Rio de Janeiro.

demonstra a importância que os desfiles pelas ruas tinham para as distintas famílias da cidade.

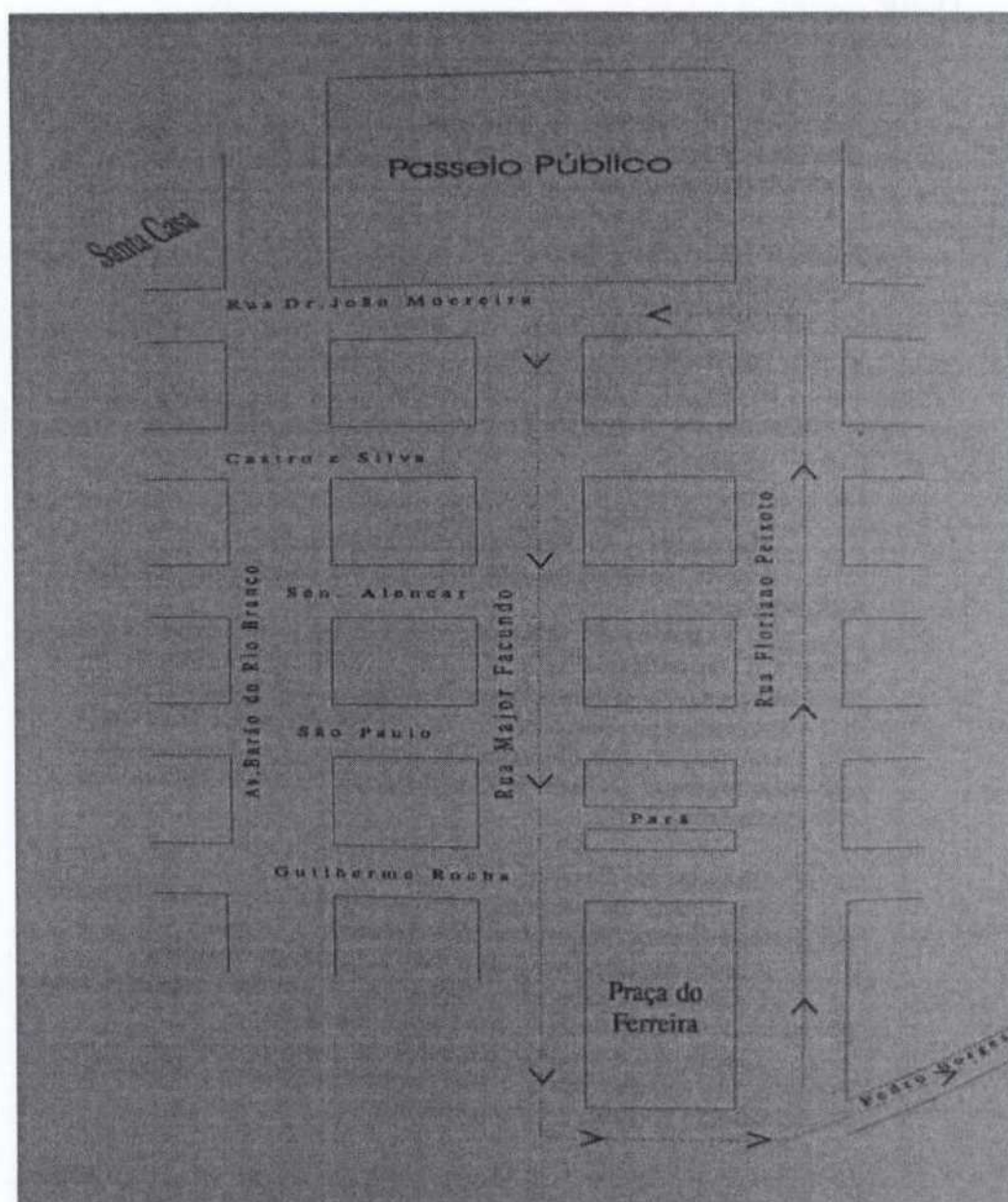
No início da década de 1920, os segmentos que se empenhavam na organização das grandes sociedades carnavalescas continuavam dispostos a promover o carnaval pelas ruas. Os promotores pertenciam a algum clube elegante da cidade, como o “Diário” ou o “Iracema”. Segundo Edigar de Alencar, na diretoria desses clubes, figuravam “homens do comércio, de cultura e talento”⁵⁰.

No limiar da década de 1920, nas páginas dos jornais, o curso de blocos e automóveis ganhava extensos comentários por conta da beleza, da riqueza e da suntuosidade. O que animava o carnaval, para a maioria dos articulistas e dos cronistas, não era a algazarra dos vários foliões nas ruas, mas a elegância e o luxo dos cortejos carnavalescos organizados pelas ilustres famílias da sociedade fortalezense.

Essas famílias procuravam continuar dispendo de símbolos que denotassem distinção social. Um desses símbolos, nos três dias de carnaval, eram os elegantes desfiles pelas ruas da cidade. Os carros muito bem ornamentados saíam percorrendo o itinerário que, geralmente, tinha como ponto de partida a praça do Ferreira, passando pelas principais ruas da cidade, como a Floriano Peixoto e a Major Facundo. Muitas vezes, subia até o Passeio Público, onde fazia o percurso de volta para a praça do Ferreira, como pode-se perceber na planta abaixo selecionado – de autoria da historiadora Caterina Oliveira.

O espaço onde se desenrolava o curso também deixa transparecer muito dos seus organizadores, pois a maior parte dos pontos comerciais da cidade situava-se nas imediações da praça do Ferreira, principalmente ao longo das duas ruas citadas acima. Muitos dos ilustres foliões eram homens do comércio que, quando chegavam os dias de carnaval, organizavam e promoviam os desfiles nas ruas de maior movimentação da urbe. Além do mais, muitas dessas ilustres famílias, no início da década de 1920, moravam na área central da cidade, daí a importância ou a necessidade de continuar ostentando o lábaro da alegria nas ruas de Fortaleza.

⁵⁰ **ALENCAR**, Edigar de. Op. Cit., pp. 40.



Planta 1. Trajeto do curso⁵¹.

Entretanto, em meados dos anos de 1920, o curso parecia estar deixando de ganhar a atenção dos adeptos dos carnavais elegantes nas ruas. A tentativa de revitalizar o carnaval elegante nas principais artérias da urbe foi se intensificando no final dos anos de 1920. Um indício dessa busca pela revitalização era a cobrança sistemática, por parte de uma boa parcela da imprensa, pela presença dos ilustres foliões nas ruas de Fortaleza.

⁵¹ OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. Op. Cit., p. 110.

Já estamos quasi em Franco reinado de Momo e ainda o carnaval não sahi à rua, medrosamente encolhido no recesso dos clubes, que egoísmo os quaes accumulam os loiros e prazeres⁵².

As reclamações com a falta de animação e participação dos ilustres organizadores das festas eram uma constante. O articulista termina clamando aos organizadores dos festejos carnavalescos da seguinte forma: “Senhores, uma animaçãozinha. Viria a calhar um curso supimpa e uma batalhazinha ao menos”⁵³. As batalhas de confete e serpentina, a cada ano que passava, rareavam, e o curso de automóveis não tinha mais o mesmo luxo e a mesma riqueza. As distintas famílias intensificavam os festejos dentro dos clubes luxuosos.

Um articulista, escrevendo para o “Diário do Ceará” de 1929, demonstra toda a sua insatisfação dizendo o seguinte: “Ha muito se vem accentuando a fallencia do carnaval”.⁵⁴ Esse mesmo articulista promulga a seguinte lei: “Art. I - Fica extinto o carnaval e, ipso facto, o reinado de Deus Momo; Art. II – Revogam-se as disposições em contrário”⁵⁵.

A insatisfação de muitos articulistas e cronistas aumentava ano após ano, e o saudosismo de algumas crônicas deixa transparecer que o carnaval não era o que fora projetado no alvorecer do século XX.

Alcansei aqui, nesta capital, esses dias de prazer festejando de modo o mais brilhante. Sociedades Carnavalescas que ostentavam o seu valor, cada uma delas suplantando as suas rivaes pelas criticas mais engraçadas, pelo luxo, pelo numero de figuras, pela riqueza e sumptuosidade dos bailes⁵⁶.

No carnaval de 1927, não se via nas ruas da cidade a mesma animação dos anos anteriores, e Antonio Theodorico completava seus lamentos dizendo: “Sente-se bem, não ha a menor duvida, que o Carnaval entra em declinio, Momo... em dependuras”⁵⁷. Cronistas e articulistas de alguns jornais da cidade percebiam certa apatia por parte de muitos ilustres foliões para com os carnavais das ruas. Cronistas, como Antonio Theodorico, procuravam expor a

⁵² Diário do Ceará, 30/01/1929.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Diário do Ceará, 8/1/1929.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Diário do Ceará, 26/02/27.

⁵⁷ Idem.

“decadência” do carnaval fortalezense ressuscitando, por meio do fenômeno da memória, lembranças de velhos préstitos carnavalescos. Dos meandros da memória, o passado emergia como forma de combater as mudanças do presente. A memória era impelida e estruturada pelas preocupações do momento.

Esse sentimento nostálgico de certos articulistas e cronistas abre margem a enxergar que os carnavais da cidade passavam por transformações no final da década de 1920 e início da década de 1930. Muitos desses homens que tinham liberdade de escrever sobre as festas carnavalescas não estavam gostando do que estavam vendo nos dias de carnaval pela cidade. Por isso, muitos procuravam expor, em suas crônicas, os velhos carnavais de Fortaleza.

No mais, essa preocupação por parte de alguns cronistas e articulistas em recuperar, mediante seus escritos, os antigos carnavais possibilitou perceber que outras formas de se comemorar os festejos mominos estavam se intensificando no meio urbano. Tais argumentos expressavam uma vontade que não correspondia aos anseios de muitos foliões que experimentavam novas formas de se viver a cidade.

Essas transformações nas formas de se festejar o carnaval estavam diretamente relacionadas às mudanças de vivenciar o meio urbano pelos agentes históricos. O historiador Antonio Luiz enfatiza que, a partir dos anos de 1930, houve uma demanda de memória “cujo acudimento se traduziu na escrita e publicação de obras de crônica e memória vinculadas ao passado da cidade”⁵⁸. A observação desse pesquisador é bastante pertinente, pois, em fins dos anos de 1920, os habitantes de Fortaleza vivenciavam mudanças significativas no meio urbano da cidade.

A preocupação em alargar e calçamentar as ruas era pauta nas agendas dos administradores da cidade, pois o desenvolvimento do comércio e o aumento do número de automóveis impeliavam o poder público a tomar medidas que favorecessem uma maior dinamização no fluxo urbano. O centro de Fortaleza, pouco a pouco, foi perdendo os imóveis residenciais e ganhando contornos predominantemente comerciais.

⁵⁸ **SILVA FILHO**, Antonio Luiz Macedo e. *RUMORES: A Paisagem Sonora de Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 26.

O fluxo de pessoas e de mercadorias aumentou no meio urbano da cidade. Os atropelamentos e os abalroamentos eram crimes que ganhavam as laudas e os laudos dos processos criminais⁵⁹.

No decorrer da década de 1920, intensificou-se a saída dos segmentos abonados do centro da cidade para bairros elegantes, como o bairro de Jacarecanga. Esse bairro era constituído por alguns palacetes luxuosos que se enquadravam no que os arquitetos denominaram de ecletismo. Liberal de Castro, ao analisar esse conjunto de obras arquitetônicas do bairro da Jacarecanga, faz o seguinte comentário:

Por volta de 1920, esses palacetes dispersos pela Praça Fernandes Vieira, pela Travessa Municipal, pelo Boulevar da Jacarecanga ou pela recém-aberta Avenida Demóstenes Reckert (Francisco Sá), todos hoje praticamente em vias de desaparecimento, compunham um conjunto que se destacava dos demais bairros da cidade, construído por edificações realizadas consoante as inúmeras variações formais do ecletismo arquitetônico⁶⁰.

As ilustres famílias distanciavam-se das confusões do centro da cidade. Espaços fechados, como teatros, cinemas e clubes, começavam a chamar mais a atenção dos comerciantes, intelectuais e políticos. Estes podiam desfrutar desses recintos luxuosos, pois, para freqüentar esses espaços, era preciso ter certo poder aquisitivo.

Os espaços abertos, projetados e pensados para o lazer das famílias abastadas, estavam sendo abandonados por estas. O Passeio Público⁶¹ e algumas praças, aos poucos, foram perdendo a presença das distintas famílias da cidade. Os cinemas⁶², os teatros e os clubes apresentavam-se como novos espaços que denotavam, não só segurança e distinção social, mas representavam, também, novos signos de urbanidade que começavam a ser incorporados ao cotidiano dos segmentos abonados.

⁵⁹ APEC: Série Processos Criminais; Sub-série Crimes de Trânsito.

⁶⁰ CASTRO, Liberal de. Op. Cit., p. 235.

⁶¹ O Passeio Público era dividido por três alamedas conhecidas como avenidas: a Caio Prado, destinada à "grã-finagem"; a Carapinima, ocupada pela "classe média"; e a Mororó, destinada às "domésticas". Ver: ADERALDO, Mozart Soriano. *História Abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Edições UFC, 1998.

⁶² Edigar de Alencar diz que muitas das distintas famílias que freqüentavam o "cinema nas noites de sábado e domingo, cumpriam apenas um dever social, por exibição, (...)". ALENCAR, Edigar de. Op. Cit., pp. 42-47.

Não é por acaso que os clubes elegantes chamaram a atenção das ilustres famílias. Logo após a Primeira Guerra Mundial, uma série de mudanças, no que concerne aos comportamentos, fora sentida nos centros urbanos do país. A indústria fonográfica e cinematográfica fez-se presente, e o grande destaque eram as distribuidoras americanas que, de certo modo, se aproveitaram, principalmente, das dificuldades enfrentadas pelos países europeus. A influência de estilos e gêneros musicais norte-americanos nos meios urbanos do Brasil logo é sentida, e as danças de salão intensificam-se. Os segmentos abonados incorporam e apropriam-se dessas “novidades”.

Entretanto, não se pode atribuir essas mudanças apenas ao contexto da Primeira Guerra Mundial, pois Marcos Napolitano afirma que:

Por volta de 1890, o panorama começou a mudar, com o nascimento da ‘cultura de massa’ e as novas estruturas monopolistas tomando conta do mercado. O resultado é o impacto do *ragtime*, *jazz*, *Tin Pan Alley* (quarteirões que concentravam os editores musicais em Nova York e que se tornaram sinônimo de um tipo de canção romântica), novas formas de dança e espetáculos (music-hall). No contexto da I Guerra tornou-se evidente a existência de um sistema de editora musical centralizada (*Tin Pan Alley* em Nova York e *Denmark Street* em Londres). Paralelamente, ocorre o desenvolvimento rápido das indústrias de gramofones (Victor-EUA e Gramofone Co., UK). A estabilidade deste período se dá entre 1920-1940, com o predomínio da forma canção e de gêneros dançantes já configurados como tal (foxtrot, swing, tango)⁶³. (Os itálicos são do autor).

Percebe-se, por essas apreciações do historiador Napolitano, que houve uma intensificação dessas transformações durante a Primeira Guerra Mundial, que havia iniciado por volta do final do século XIX. As próprias performances durante as danças modificaram-se de acordo com os ritmos musicais. Nos carnavais de meados e até mesmo nos últimos anos do século XIX, era comum os foliões dançarem ao som de valsas vienenses, quadrilhas, lanceiros, dentre outros ritmos. Nas décadas de 1920 e 1930, os sócios dos clubes elegantes passam a valorizar ritmos como o fox-trot, o ragtime e o jazz, o que deixa transparecer a penetração desses gêneros na capital cearense. No próximo item deste capítulo, dedico alguns parágrafos aos novos gêneros musicais que se intensificavam na cidade em dias de carnaval.

⁶³ NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 13.

Todavia, poucas eram as famílias que tinham acesso a esses bens culturais, pois uma minoria podia comprar uma vitrola⁶⁴, ir a uma sessão de cinema no “Majestic” ou no “Moderno”⁶⁵ ou ser sócia de um clube elegante, como o “Iracema” e o “Diários”. Essas mudanças, no que diz respeito aos gêneros musicais e aos estilos de dança, são responsáveis, também, pela intensificação dos carnavais comemorados dentro dos recintos dos luxuosos clubes.

João Nogueira, em 1936, afirmou que os carnavais dos clubes cresciam “na animação e na riqueza dos vestuários de damas e de cavalheiros”⁶⁶. O memorialista comenta que o carnaval do curso teve seu esplendor até o ano de 1918. Dessa data até 1935, o carnaval limitara-se “a um curso pela Praça do Ferreira e ruas adjacentes: muitas serpentinas e confetes, crianças fantasiadas, muito alarido e raros ‘papangus’”⁶⁷.

Contudo, ao analisar as fontes, percebe-se que o carnaval nas ruas, no final da década de 1920, intensificava-se, mas, também, com outros sons, ritmos e grupos carnavalescos. Esses novos protagonistas, em suas brincadeiras, deixavam as autoridades públicas bastante preocupadas.

O boato, cheio de pânico, cevara-se no facto de as autoridades haverem ordenado medidas severas contra alguns foliões que, nos excessos da sua furia carnavalesca, andavam em blóco, cantando, na Avenida Sete de Setembro, coplas ofensivas à policia civil e ao decoro publico⁶⁸.

O jornal “O Nordeste”⁶⁹, no alto de uma das suas páginas, noticiava “As Rixas do Carnaval - As ultimas ocorrências policiais do ultimo dia da pagodeira”⁷⁰. No carnaval de 1928, ouvia-se pela cidade um boato de que um bloco carnavalesco fazia pilhérias com as autoridades policiais. Na terça feira de carnaval, o afamado bloco, em plena avenida 7 de Setembro, na praça do

⁶⁴ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático Na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶⁵ Eram os dois cinemas mais afamados do período.

⁶⁶ NOGUEIRA, João. Op. Cit., pp. 138-149.

⁶⁷ Id. Ibidem.

⁶⁸ O Nordeste, 23/02/1928.

⁶⁹ Esse periódico era de cunho católico e, em suas matérias, procurava condenar as brincadeiras de carnaval na cidade.

⁷⁰ O Nordeste, 23/02/1928.

Ferreira, cometia o crime mais caro nos dias de carnaval, a desordem. As atitudes de determinados foliões desagradavam e provocavam reclamações.

No carnaval de 1929, registrou-se, na 1ª Delegacia de Polícia, a prisão de 15 indivíduos. Estes foram acusados de atentarem contra a ordem e a moral pública, pois formaram um grupo carnavalesco que provocava desordens no segundo dia de carnaval. Por meio da profissão, percebe-se que não pertenciam aos segmentos médios e nem aos segmentos abastados da cidade. Muitos não tinham instrução, eram analfabetos. Eram pedreiros, carpinteiros, choferes, aprendizes de chofer, aprendizes de carpinteiro, jornaleiros e ferreiros. Ao atentar para as profissões e para as ruas onde residiam, nota-se que muitos se conheciam, o que os ajudou a formarem um grupo carnavalesco⁷¹.

A organização desses sujeitos não é de se estranhar, pois, nesse período, em Fortaleza, muitos trabalhadores estavam organizados em associações, centros e outras entidades que os congregavam. Em 1927, foi organizado pelo "Club artístico operário" o bloco carnavalesco "Russianos"⁷². O nome do bloco é bastante sugestivo para uma organização artística operária. No final dos anos de 1920, o lábaro da alegria do carnaval nas ruas parecia fugir das mãos dos organizadores do curso, que preferiam festejar a chegada de Momo nos recintos dos clubes.

Os novos protagonistas que se organizavam pela cidade receberam críticas pelas canções que entoaram no carnaval de 1930.

Era para notar até a insistência com que certos moços deturpavam as canções enxertando-lhes imoralidades indignas de uma sociedade policiada: é para se estranhar a tolerância das autoridades diante de tais fatos.

Numa palavra: tais canções, com tudo isso, eram ainda encaixadas em música de congo barato de ínfima ralé⁷³.

⁷¹ APEC: Rol de Culpados 1929. Israel Rodrigues de Lima, 27 anos (s/profissão); Antonio Alves de Oliveira, 30 anos (Carpinteiro); José Ferreira de Souza, 36 anos (Carpinteiro); João Soares da Costa, 26 anos (Chofer); Francisco Isaac do Nascimento, 28 anos (ajudante de Chofer); Silvio Fernandes de Almeida, 21 anos (Carpinteiro); Raymundo Lourenço do Nascimento, 21 anos (Carpinteiro); Joaquim Carlos do Nascimento, 23 anos (Aprendiz de Carpinteiro); José Sydrim de Andrade, 40 anos (Ferreiro); Raymundo Vidal da Silva, 30 anos (Jornaleiro); José Targino Ferreira, 20 anos (Ferreiro); Manoel Costa, 29 anos (Pedreiro); Francisco das Chagas, 24 anos (Jornaleiro); Raymundo Soares Filho, 38 anos (Carpinteiro); José Carlos de Mendonça, 31 anos (Carpinteiro).

⁷² Diário do Ceará, 5/2/1927.

⁷³ Correio do Ceará, 6/3/1930.

Esse fragmento, além de constituir uma ilustração do preconceito contra o negro cearense e a sua cultura, dá indícios dos sons que estavam se espalhando pelas ruas da cidade. Interessante que o articulista deixa transparecer que alguns grupos de foliões estavam encaixando determinadas canções em estruturas rítmicas que remontavam aos congos. Isso deixa transparecer que os limites nos dias de carnaval rompiam-se, e a interação dava-se de forma mais intensa não só entre os corpos. Percebe-se, também, que o que se projetou no final do século XIX, que era o desejo de se instituir uma forma legítima para o carnaval, não havia vigorado na capital cearense.

Existe, na década de 1930, uma presença mais forte dos grupos que, por muito tempo, foram marginalizados nos festejos carnavalescos da cidade. Tal fato provocava a insatisfação de alguns foliões ligados aos ricos cortejos de outrora. Porém, ao olhar a política cultural de Vargas, encontram-se indícios para compreender esse processo, pois essa política apoiou-se na busca de uma "Identidade Nacional" a partir do que era considerado "genuinamente brasileiro". As manifestações culturais vilipendiadas, as identidades renegadas e os grupos marginalizados pelas velhas elites do país começaram a ser "valorizados". É nesse momento que os festejos carnavalescos tornam-se símbolo nacional, tanto que Getúlio Vargas oficializa o carnaval.

Uma parte da imprensa local, em harmonia com os ditames do Governo Federal, nos anos de 1930, deu destaque a muitos grupos que, por muito tempo, haviam sido marginalizados em dias de carnaval.

Nos jornais "Correio do Ceará" e "Gazeta de Notícias"⁷⁴, no período supracitado, as notícias sobre os grupos de foliões que se organizavam em bairros pobres da cidade começaram a ser publicadas com certa recorrência. Algumas apresentações pelas ruas da cidade passaram a ser comentadas, e muitos articulistas e cronistas estimulavam a organização desses foliões para desfilar nas artérias da urbe.

De certo modo, a imprensa dos anos de 1930 ajuda a intensificar o processo que vinha se desenrolando desde fins dos anos de 1920, que era a conquista dos espaços das ruas por grupos carnavalescos formados nos estratos médios e menos favorecidos do seio da sociedade fortalezense.

⁷⁴ No período pesquisado, esses dois periódicos arrogavam-se independentes.

Por vários bairros da cidade, formavam-se blocos, cordões e grupos carnavalescos que procuravam a praça do Ferreira nos dias de carnaval. O carnaval nas ruas da cidade estava deixando de ser monopolizado pelos homens ligados ao comércio, à política e à imprensa. Esse fato levava muitos articulistas a decretarem o fim do carnaval no final da década de 1920 e início da década de 1930.

Alguns articulistas e cronistas procuravam arregimentar e sensibilizar os espíritos ainda apegados aos carnavais dos ricos préstitos. Mas as atenções dos ilustres foliões começavam a se voltar, principalmente, para os dois grandes clubes (Iracema e Diários) que, na virada da década de 1920 para a década de 1930, congregavam, segundo alguns jornais, todo o luxo do carnaval da cidade.

Entretanto, outros cronistas, como Vicente Roque, procuravam estimular a formação de grupos nos subúrbios para desfilarem nas ruas da cidade. No jornal "Correio do Ceará" do ano de 1934, esse cronista escreveu um artigo comentando como estavam os preparativos nos subúrbios para o carnaval e disse que: "Movimentam-se animados grupos e cordões pelos arrabaldes da cidade. Todos, porém, fazem questão pessoal e de honra o uso de música e letra próprias de cunho genuinamente regional"⁷⁵.

Vicente Roque, ao referir-se aos grupos de foliões que se organizavam pelos subúrbios, destaca que a letra e a música são de "cunho genuinamente regional". Assim, deixa evidente que os gêneros musicais como fox-trot, ragtime, dentre outros, não eram a única opção nos dias de festas carnavalescas.

Por meio dos noticiários, articulistas e cronistas, percebem-se os muitos carnavais presentes na Fortaleza desse período. As diversas visões e opiniões da imprensa demonstram o quanto a festa de carnaval estava sendo disputada por diversos segmentos sociais.

Com isso, a imprensa desvela a miscelânea que era o carnaval da cidade, pois, enquanto alguns segmentos abonados intensificavam o carnaval dentro dos clubes elegantes, os segmentos médios e menos favorecidos protagonizavam o carnaval das ruas.

⁷⁵ Correio do Ceará, 18/1/1934.

Ao escrutinar as falas sobre o carnaval de Fortaleza, nas décadas de 1920 e de 1930, compreende-se que o reino de Momo não estava em “decadência”, mas passando por algumas transformações que deixavam transparecer que, na cidade, sempre existiram vários carnavais. Os grupos que se manifestavam nos dias de carnaval mostravam, de forma intensa, outros carnavais no limiar da década de 1930. O carnaval da cidade estava ganhando outros grupos, sons, ritmos, performances e festejos, quer nos clubes, quer nas ruas.

Nas décadas de 1920 e 1930, a migração dos segmentos abastados para os bairros elegantes provocou alterações de cunho econômico, espacial e social na área central de Fortaleza. O centro da cidade passou a contar, basicamente, com a presença de trabalhadores dos mais diferentes ofícios: empregados do comércio, motomeiros, “chauffers”, marceneiros, padeiros, sapateiros, operários de fábricas, peixeiros, cozinheiras e muitos outros que imprimiam as suas experiências de vida na cidade. Nos dias de carnaval, esse “novo” universo cotidiano amalgamava-se com o tempo da festa carnavalesca e possibilitava a esses foliões ocuparem os espaços das ruas com maior propriedade.

As opiniões dos contemporâneos não convergiam e demonstravam os conflitos, as disputas, os acordos, as negociações em torno do reinado de Momo e das opiniões da sociedade. Essas tensões demonstram que o carnaval não estava em declínio ou em dependuras. Todos os anos, os grupos de foliões organizavam-se para festejar o carnaval nos clubes, nas ruas, nas residências, nos cafés, nas bodegas e nos cabarés e, assim, não deixavam os festejos dedicados a Momo “cahir no olvido”.

1. 2. Outros carnavais!

Nos idos anos de 1920, o carnaval de Fortaleza apresentava algumas mudanças. A própria forma de organização de determinados grupos foi se modificando, e as performances apresentadas nos dias de carnaval, principalmente nas ruas, transformaram-se sensivelmente.

Os segmentos abonados organizavam-se nos famosos blocos carnavalescos⁷⁶, herdeiros das antigas sociedades carnavalescas do final do século XIX e início do século XX. Os componentes dos blocos participavam de várias festas que realizavam em alguns espaços da cidade, como desfiles pela praça do Ferreira, desfiles no parque da Independência⁷⁷, bailes em alguns clubes e em algumas residências.

Durante a década de 1920, os blocos formados não tinham a mesma longevidade dos grupos das últimas décadas do século XIX, pois, no ano seguinte, muitos caíam no esquecimento e davam vazão a formação de outros. No início dessa década, nos clubes elegantes (Iracema e Diários), formava-se apenas um bloco, tendo como organizadores e participantes os seus associados. Esses blocos carnavalescos eram bem organizados, pois, pelo fato de os integrantes pertencerem a algum clube elegante, havia toda uma estruturação quanto às comissões, as quais ficavam responsáveis desde a cobrança das mensalidades até a fiscalização das indumentárias dos sócios nos dias de festa.

Para se compreender os blocos carnavalescos, é interessante analisar alguns que marcaram época no carnaval da cidade, pois, de certa forma, esses blocos começaram a intensificar os festejos dentro dos clubes elegantes. Por meio desses blocos, há a possibilidade de se enxergar a constituição social dos grupos de foliões.

Em 1923, formou-se um bloco carnavalesco organizado por alguns comerciantes da cidade. Eles denominaram o bloco de os “Beduínos”, uma das grandes sensações dos carnavais do início da década de 1920. Os “Beduínos” realizaram festas em vários espaços da cidade, especialmente no clube “Iracema”, que era um dos seus mais importantes redutos. Os “Beduínos” participaram de várias festas em residências de pessoas tidas como ilustres na cidade, nos chamados “Assaltos Carnavalescos”⁷⁸. As festas nos palacetes do

⁷⁶ Os blocos carnavalescos a que estou me referindo eram formados por sócios dos luxuosos clubes da cidade. Essa forma de se organizar, de certa maneira, guardava relação com as grandes sociedades carnavalescas, pois também eram formados dentro dos recintos dos clubes.

⁷⁷ Atualmente é conhecido como parque das Crianças, que fica ao lado da igreja do Sagrado Coração de Jesus no centro da cidade. Observar a planta da p. 46, o Parque da Independência (nº 3).

⁷⁸ Os “Assaltos Carnavalescos” eram festas promovidas em residências e que contavam com alguns blocos convidados pelos proprietários. Os jornais destacavam bastante as festas nos

elegante bairro de Jacarecanga eram o centro das atenções de os “Beduínos”. Ao som dos foxes, de choros, dos ragtimes, do one-step e do two-step, entre outros ritmos, os blocos invadiam as salas das residências e os salões dos clubes.

Ao falar desses gêneros, é importante frisar que as Bandas Marciais tocavam no coreto da praça do Ferreira, no Passeio Público e em outras praças da cidade. Essas bandas eram uma das grandes difusoras dos gêneros musicais do período. As Retretas⁷⁹, que ocorriam nas quintas-feiras e aos domingos no Passeio Público, realizadas pela banda do 23º BC (Batalhão de Caçadores) ou pela banda do Regimento Policial, tinham, em seus repertórios, alguns gêneros musicais citados acima. Numa quinta-feira de 1927, a banda do 23º BC executou o seguinte repertório:

1ª Parte: - Pirulito, dobrado, O. Santiago; Nabucodonosor, grande selection, G. Verdi; Le retour á la vie, collecção de valsa, E. Chabas; Choro vermelho, Tango, S. Novo; Oh! Za la Mort, fox-trot, Splendore.
2ª Parte: - Uma festa no Ninho, rapsodia portuguesa, Moraes; Judith, linda valsa de salão, Antonio; Rodolfo Valentino, tango argentino, Joanna (*ilegível*), Two-step (*ilegível*)⁸⁰.

No decorrer da década de 1920 e início da década de 1930, essas bandas tocavam no coreto da praça do Ferreira durante os três dias de carnaval. Vários segmentos sociais entravam em contato com esses gêneros musicais, pois essas bandas tocavam em praça pública. Muitos dos músicos das bandas militares provinham dos segmentos menos favorecidos, não tinham muita teoria musical, mas possuíam muito balanço⁸¹.

Fazer referência ao repertório das bandas é interessante para pensar os gêneros musicais tocados no carnaval de Fortaleza. Quando se pensa em

elegantes palacetes no bairro de Jacarecanga. Ver: Capítulo 3 – Ilustres Foliões: Os Carnavais nas Residências e nos Clubes.

⁷⁹ As retretas eram apresentações realizadas por bandas marciais nas praças públicas da cidade. No período desta pesquisa, até 1933, era muito recorrente a realização de retretas no coreto da praça do Ferreira.

⁸⁰ Diário do Ceará, 27/01/1927.

⁸¹ O professor Dilmar enfatiza, em sua tese, a importância das bandas quanto ao trânsito que elas proporcionavam entre o erudito e o popular. O estudo desse pesquisador ainda revela que os metais, nas orquestras, ficavam com os músicos dos estratos sociais menos favorecidos. Muitos desses músicos dos metais não tinham formação musical em conservatórios, mas em bandas marciais. Ver: **MIRANDA**, Dilmar Santos de. *Tempo da Festa x Tempo do Trabalho: transgressão e carnavalização na belle époque tropical*. USP-SP, Tese de Doutorado, 2001, pp. 230-304.

carnaval, o que vem à mente é o samba, e este, o samba urbano, só ganha vulto na década de 1930. Por isso, perceber os diversos gêneros presentes na cidade desse período é importante para desmistificar a relação estreita que se estabeleceu entre carnaval e samba.

É importante, também, procurar compreender os gêneros musicais do período estudado para entender os gostos musicais da sociedade que se está pesquisando. Além disso, os gêneros permitem que se adentre no mundo do ouvinte e se perceba, de certa maneira, como ocorre a difusão, a recepção e a apropriação dos registros musicais.

Nas festas das quais alguns blocos participavam, em residências ou clubes⁸², era muito comum as distintas famílias dançarem ao som do fox-trot. Esse estilo musical intensificou-se no Brasil logo após a Primeira Guerra Mundial. O fox-trot originou-se nos Estados Unidos da América e teve grande repercussão em algumas cidades brasileiras no início da década de 1920. Em Fortaleza, maestros, como Silva Novo⁸³, adaptavam algumas músicas para o fox-trot ou ragtime. Este último era proveniente do estado de Missouri e era muito tocado em bares, principalmente por pianistas. O ragtime era uma das vertentes do blues, juntamente com o jazz. O jazz era muito citado nas páginas dos jornais de Fortaleza nesse período.

Interessante pensar na valorização, pela elite fortalezense, de gêneros marginalizados, na época, no país de origem, no sul dos Estados Unidos da América, pelo fato de serem tocados por músicos negros e relacioná-la com a constante discriminação sofrida pelos negros cearenses e seus folguedos.

A influência de tais gêneros norte-americanos já se fazia presente na cidade de Fortaleza, mas, talvez, essa influência tenha chegado à capital cearense via Europa, pois o historiador inglês Eric Hobsbawm afirmou que:

O foxtrot, dança básica rotineiramente associada ao jazz, apareceu pela primeira vez na Grã-Bretanha no verão de 1914, poucos meses após sua primeira apresentação nos Estados Unidos, e na Bélgica, em 1915. O jazz mal tinha sido batizado nos Estados Unidos quando

⁸² As orquestras eram sempre presentes nos clubes e nas residências elegantes.

⁸³ Destaco Silva Novo, porque vejo, com recorrência, o nome desse maestro em muitas composições carnavalescas impressas nos jornais das décadas de 1920 e 1930. Na década de 1920, Silva Novo compôs foxes e ragtimes para muitos blocos atrelados aos clubes elegantes.

grupos com esse nome já faziam turnês pela Europa, em meados de 1917⁸⁴.

Talvez, essas observações possam explicar porque, durante o carnaval, os músicos das orquestras dos clubes luxuosos não deixavam de executar o fox-trot e o ragtime. Quiçá, o fato de esses gêneros terem feito sucesso nas cidades européias tenha despertado o interesse dos segmentos abonados de Fortaleza, já que, nesse período, nota-se que o poder exercido pelas grandes capitais européias ainda era muito forte na capital cearense. Possuir o gosto europeu era sinônimo de cosmopolitismo e proporcionava prestígio social para quem o tinha.

Os cines-teatro na década de 1920 foram, também, importantes difusores de muitos dos gêneros musicais que aportavam na cidade⁸⁵. Em Fortaleza, no início dessa década, existia o cine “Majestic”, que possuía uma orquestra muito famosa. Esse cinema-teatro era moderno, pois era grande e confortável. A orquestra do “Majestic” era composta de dois pianistas, dois flautistas, dois violinistas e vários contrabaixos⁸⁶. Edigar de Alencar, lembrando-se do início da década de 1920, informa que, no “Majestic”, havia as chamadas sessões “infantis” e que a orquestra executava o “programa musical carnavalesco que do Rio de Janeiro chegara com o trio Pepe-Oteiro-Raul”⁸⁷. Por isso, acredito que, no carnaval, alguns blocos arriscavam a cantar algum samba amaxiado que tinha obtido sucesso nos carnavais do Rio de Janeiro.

Em 1922, os “Fadistas”, um famoso bloco carnavalesco do clube “Iracema”, tentavam cantar um conhecido samba de Sinhô⁸⁸ que obteve muito sucesso no carnaval do Rio de Janeiro de 1920, “Eu queria saber porque é” e

⁸⁴ **HOBBSAWM**, Eric. O Jazz vai à Europa. In: *Pessoas Extraordinárias: Resistência, Rebelião e Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 369.

⁸⁵ **TINHORÃO**, José Ramos. *Música Popular: Teatro e Cinema*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972. Tinhorão estuda como muitos músicos participavam das orquestras de cinema-teatro no Rio de Janeiro. Os *Oito Batutas*, por exemplo, estrearam no começo dos anos de 1920 nas salas de cinema, pois, até então, as salas de espera dos cinemas só apresentavam valsas vienenses, tanguinhos e outras músicas consideradas finas. Outros gêneros são divulgados com a presença de músicos ligados a gêneros como o choro, o maxixe e o samba nos cines-teatro. É importante frisar que o samba, na década de 1920, é o amaxiado.

⁸⁶ Edigar de Alencar lembra-se de que os dois pianistas eram: Barros Figueiredo e Raimundo Donizetti; os dois flautistas eram: Antonio Moreira e Aristóteles; os violinistas eram: Joaquim Nunes e Edgar Nunes; e, no contrabaixo, havia Boanerges e vários outros. Ver: **ALENCAR**, Edigar de. Op. Cit., pp. 42-47.

⁸⁷ Id. Ibidem, p. 27-28.

⁸⁸ Como era conhecido José Barbosa da Silva, um famoso sambista carioca.

que depois ficou conhecido como “Rede e pescador”. Os sócios de alguns clubes da cidade, como o Clube dos Diários e o Clube Iracema, procuravam, sem muito sucesso, cantar marchinhas e sambas provenientes dos carnavais do Rio de Janeiro⁸⁹. Para o historiador Marcos Napolitano, no decorrer dos anos de 1920, os sambas oscilavam “entre a estrutura rítmica do maxixe e da marcha”⁹⁰. Dessa forma, os ilustres foliões não sentiam muito a diferença rítmica. Porém, o que predominava nas festas realizadas pelos blocos organizados por sócios desses clubes, no início dos anos de 1920, eram os fox-trotes e os ragtimes.

A imprensa atentava mais para o fox-trot e o ragtime feito pelos blocos carnavalescos. A atitude de alguns homens de imprensa em destacar esses gêneros musicais demonstra que alguns gêneros do final do século XIX e início do século XX estavam sendo deixados de lado, como as valsas vienenses, as polcas, as quadrilhas, os lanceiros, dentre outros.

Na década de 1920, as marchinhas que aparecem no carnaval carioca têm, como influência, gêneros musicais como o one-step e o ragtime. No início dos anos de 1920, as canções carnavalescas cariocas tinham presença marcante nos carnavais da Fortaleza. Foram as marchinhas que, de certa forma, ajudaram a quebrar a monotonia dos carnavais do final do oitocentos e início do século vinte. A marchinha, segundo Edigar de Alencar⁹¹, era viva, crepitante e buliçosa. Durante a década de 1920, essas canções carnavalescas cariocas aportavam na capital cearense mais sob a forma impressa do que gravada⁹². Todavia, com será visto no segundo capítulo, o rádio dos anos de 1930 deu dinamicidade às reproduções das canções, que não ficaram mais submetidas às vitrolas, às orquestras, às bandas e a outras formas de difusão.

⁸⁹ **ALENCAR**, Edigar de. Op. Cit., pp. 29-41. Esse memorialista lembra que as produções carnavalescas em Fortaleza começam em 1924, pois, até então, as músicas carnavalescas vinham do Rio de Janeiro. Vale inferir que os sambas da década de 1920 ainda guardavam muito do maxixe, era um samba amaxixado, diferente dos sambas urbanos da década de 1930. Contudo, como foi enfatizado, muitas músicas eram produzidas aqui na forma de fox-trot e ragtime.

⁹⁰ **NAPOLITANO**, Marcos. Op. Cit., p. 50.

⁹¹ **ALENCAR**, Edigar de. *O Carnaval Carioca Através da Música*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1979.

⁹² **ALENCAR**, Edigar de. Op. Cit., pp. 17-28.

Pode-se perceber que, no início dos anos de 1920, as festas de carnaval estavam ganhando outros ritmos, e os corpos dançantes começavam a denunciar que o carnaval não era mais o mesmo de outros tempos.

Eis a caravana triunphante
Dos desertos vinda entre rumores;
Altaneira, firme e elegante,
Coração repleto de amores ⁹³.

Esse é um trecho da “Canção dos Beduínos”, cantada no “fox-trot Histoire de Poupée”. Percebe-se que a influência francesa ainda era muito presente e que estava amalgamada aos gêneros musicais que aportavam e que iam sendo apropriados pela cidade após a Primeira Guerra Mundial. Fora essa canção, os “Beduínos” também tinham o ragtime feito pelo maestro Silva Novo, chamado “O Turbante”. Geralmente, os blocos possuíam um hino de guerra. A temática desse bloco, presente tanto nas músicas como no próprio nome, estava relacionada aos mercadores que percorriam os desertos árabes para comercializar. Essa temática relaciona-se à própria atividade econômica que muitos componentes exerciam na vida cotidiana da cidade. As apresentações durante o carnaval podem ser encaradas como uma forma de reafirmar uma imagem cotidiana.

Era evidente a relação estreita que os homens de negócio ainda mantinham com o carnaval de Fortaleza. Procurava-se uma auto-afirmação por meio da festa. Os blocos carnavalescos levavam para as ruas da cidade uma série de signos que firmavam o segmento social que se destacava, cotidianamente, no meio urbano de Fortaleza. O sentido do carnaval para os homens de poder, desde fins do século XIX, era o de apresentar uma cultura urbana para a cidade. Mas esse significado não era compactuado por todos os foliões que festejavam pela cidade. O fato de os segmentos abastados serem os organizadores não impedia que outros segmentos participassem, imprimindo significados outros ao carnaval. O diálogo existente entre os diversos segmentos dava-se constantemente.

Continuava existindo uma preocupação por parte dos segmentos abastados em estabelecer uma distinção social. Essa distinção estava inscrita

⁹³ Diário do Ceará, 20/1/1923.

nos símbolos exibidos que identificavam o poder econômico e político. Muitos políticos, homens de negócios e intelectuais organizavam blocos carnavalescos para sair desfilando nas ruas, não só nos três dias de carnaval, mas semanas e até meses antes. Os desfiles eram feitos, em sua maioria, pelo centro da cidade, porém, às vezes, faziam um itinerário mais longo, percorrendo os subúrbios da cidade. Esses desfiles ocorriam em carros próprios, carros alugados, em bondes ou em carroções concedidos pela Light ⁹⁴.

O gracioso grupo, então, sempre entoando harmoniosos e belos hymnos, percorreu todas as linhas de bondes, tendo travado forte prelio de serpentinas em frente ao Club Iracema, onde aguardavam a passagem dos "Cavaleiros do luar" muitos rapazes do nosso escol social ⁹⁵.

Um bloco que foi também bastante comentado no carnaval de 1923 era os "Cavaleiros do Luar", o qual recebeu toda a atenção da imprensa local. O comentário de um dos articulistas dizia que era "um grupo composto dos melhores elementos da nossa sociedade e tem por fim realizar magníficos passeios ao luar, em bondes da Light" ⁹⁶. Os bondes foram cedidos, especificamente, para os participantes do bloco. No dia 29 de janeiro de 1923, partiram, às 22 horas, da residência "Itapuca Villa" e percorreram todas as linhas de bondes da cidade. Essa residência ficava no bairro de Jacarecanga, perto da praça Fernandes Vieira ⁹⁷, constituindo, na realidade, o palacete do comerciante Alfredo Salgado. Esse comerciante tinha destaque na vida pública da cidade, pois era dono de vários imóveis e mantinha estreitas relações com o comércio inglês.

O desfile pela cidade foi acompanhado de uma orquestra que animava os foliões. Os integrantes do bloco "Cavaleiros do Luar" estavam vestidos da seguinte maneira: "toilette é branca, com uma collrete rubra e um gorro alvirubro". Buscava-se mostrar harmonia e sincronia nas vestimentas e nos movimentos. As vestimentas também tinham uma carga simbólica que remetia ao combate e à batalha. O articulista enfatiza que o bloco, ao chegar à frente

⁹⁴ Era a companhia inglesa que fornecia energia para os bondes, "The Ceará Tramway Light and Power Co". Os bondes movidos à eletricidade duraram de 1913 até 1947.

⁹⁵ Diário do Ceará, 31/1/1923.

⁹⁶ Diário do Ceará, 30/1/1923.

⁹⁷ Hoje a praça Fernandes Vieira é denominada de praça Gustavo Barroso, entretanto é mais conhecida como "Praça do Liceu". Observar a planta da p.46, Fernandes Vieira (nº 1).

do clube "Iracema", travou acalorada batalha de serpentina. Ocorria um verdadeiro teatro de operações, elaborado e pensado entre as distintas famílias. Em muitos momentos, o combate dava-se entre os pares. Não foi por acaso que o combate travado tenha sido com os rapazes do clube "Iracema". Esses desfiles eram considerados os preparativos para os três grandes dias da folia.

Os nomes de pessoas com certo destaque na vida social comentada por alguns segmentos jornalísticos da cidade ganhavam relevo nos dias de festa. O universo da festa carnavalesca permitia que houvesse um exagero nos comentários de certos articulistas. O carnaval é um ótimo momento para enxergar como a cidade era marcada por diferenças sociais. As notícias, por exemplo, relacionadas aos "Beduínos" e aos "Cavaleiros do Luar" desenrolavam-se em extensos comentários, e os nomes dos integrantes sempre ganhavam destaque como os organizadores de alguma investida carnavalesca. A maior parte dos jornais da cidade atendia aos interesses particulares de comerciantes e políticos. No final das contas, estes eram os responsáveis pela veiculação dos discursos que procuravam reafirmar o prestígio das famílias abonadas.

Em 1924, os sócios do clube "Iracema" organizaram um bloco carnavalesco intitulado "Mexicanos". A proposta do nome do bloco foi aceita em reunião no dia 27 de janeiro de 1924, mas, alguns dias depois, o "Diário do Ceará" informava que o bloco teria como denominação "Deusas e Gênios". O interessante é que, no "Diário do Ceará", saiu apenas uma matéria relacionando o bloco com alguns elementos que se referiam à Revolução Mexicana. A primeira proposta não vingou e acabou-se adotando o nome de "Deusas e Gênios". As fantasias dos integrantes se reportavam às imagens de figuras clássicas das mitologias grega e romana. Os iracemistas, como os verdadeiros herdeiros das imemoriais sociedades carnavalescas, tinham que continuar dando o bom exemplo para a sociedade fortalezense e não podiam fazer referências a uma revolução que remetia, na lógica dominante, à subversão.

Outro bloco que teve destaque foi o do clube dos "Diários", denominado "Venezianos", que promoveu festas com temáticas relacionadas a Veneza. No mesmo ano, formou-se um grupo, denominado os "Fascistas", que incorporava

determinados elementos que remetiam ao sistema político italiano, como o de nomear de Mussolini alguns integrantes do bloco. O desfile desse bloco era feito com todos os participantes vestidos de preto.

As festas carnavalescas, como momentos atípicos, permitiam que muitos grupos se aproveitassem da dimensão festiva para satirizarem ou divulgarem e propagarem, com maior liberdade, idéias políticas, assumindo certos perfis ou ideologias. Além disso, o universo carnavalesco expunha, com maior clareza, as tensões cotidianas e projetava os grupos que participavam dos cortejos pela cidade, deixando marcas indeléveis no tempo cotidiano.

Ao pensar na indumentária dos participantes e na denominação desses blocos carnavalescos, vêm à tona questões relacionadas ao poder e à memória⁹⁸. Os blocos, que eram organizados por homens de destaque na imprensa, na política e no comércio, deixam transparecer a preocupação de dispor de signos que os elevassem em relação aos outros segmentos sociais. As fantasias e os nomes dos blocos ganhavam valor simbólico e carregavam a memória do grupo. Por isso, a importância da coerência entre grupo, denominação e fantasia.

Não foi à toa, por exemplo, que os associados do “Clube Iracema” mudaram a denominação de “Mexicanos” para “Deusas e Gênios”. Talvez, tenham recusado a primeira denominação ao pensarem nas fantasias que se relacionariam aos camponeses mexicanos que lutavam por terra. Tais indumentárias não eram coerentes com a posição social dos sócios do “Iracema”. Então, preferiram fantasiar-se de figuras legendárias das mitologias grega e romana.

Os blocos, no decorrer da década de 1920, principalmente nos últimos anos da segunda metade dessa década, intensificaram os carnavais dentro dos clubes elegantes e valorizavam os gêneros musicais que permitiam danças de salão. Os desfiles pelas ruas da cidade não mais despertavam tanto o interesse dos integrantes dos blocos. Alguns cronistas, como foi enfatizado no primeiro item, cobravam a participação desses foliões nos cortejos que ocorriam nas artérias da urbe.

⁹⁸ **STALLYBRASS**, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memórias, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

No entanto, não eram apenas os blocos luxuosos que se apresentavam pela cidade nos dias carnavalescos. Muitos outros grupos organizavam-se, dando outros sentidos aos folgedos de carnaval. E, como será visto adiante, outros foliões começaram a protagonizar as festas carnavalescas que ocorriam nas ruas.

Durante os dias de carnaval, muitos grupos organizavam-se pela cidade. No fragmento abaixo, observam-se indícios de que inúmeros grupos de foliões se organizavam pelos subúrbios da cidade.

O autor desta secção, no intuito de bem informar os possíveis leitores do que se diz nesta columna, fez hontem, ás primeiras horas da noite, uma excursão pelos suburbios da capital e ficou sufficientemente capacitado para registrar que o movimento carnavalesco por esses logares marcha animadamente ⁹⁹.

É interessante ver como há uma diferenciação do olhar desferido pelos articulistas dos jornais em relação aos grupos que se organizavam pelos subúrbios da cidade no início da década de 1920. O entusiasmo não era o mesmo, não havia, sequer, uma descrição de alguma investida. Esses grupos carnavalescos, geralmente, aparecem nas páginas dos jornais apenas uma única vez em todo o período momino.

A formação e a organização desses grupos de foliões pelos bairros pobres da cidade são relevantes para enxergar duas questões: a primeira é que havia a organização de grupos pelos bairros pobres da cidade; e a segunda é que a tentativa de monopolizar o carnaval da cidade pelos segmentos abastados não tinha pleno êxito, ou melhor, nunca teve.

A 'Caninha Verde' apparecerá muito bem organizada nos três dias de Carnaval, e não exaggeraremos se dissermos que será um dos melhores cordões de quantos os nossos suburbios vão apresentar ¹⁰⁰.

Esse grupo que se organizou pelos "subúrbios" da cidade obteve muito sucesso nos três dias de carnaval, durante os desfiles do curso. A imprensa procurava identificar os grupos que se formavam pelos subúrbios de

⁹⁹ Diário do Ceará, 17/1/1923.

¹⁰⁰ Diário do Ceará, 13/1/1923.

“cordão”¹⁰¹, como uma forma de diferenciação social e de hierarquização. Pelos indícios das fontes, percebe-se que eles não tinham o mesmo luxo e *glamour* dos blocos carnavalescos organizados por indivíduos que freqüentavam as “elegantes” rodas sociais da cidade.

A imprensa, ao denominar de “cordões” os grupos que se organizavam pelos locais considerados subúrbios, deixa transparecer a existência de uma preocupação de rotular e identificar os grupos sociais durante o carnaval fortalezense.

Os foliões provenientes dos arrabaldes da cidade começaram a ter uma maior participação nas festas carnavalescas de rua da cidade. As ruas foram sendo conquistadas lentamente por esses sujeitos, que lotavam os bondes da cidade em dias de carnaval.

Muitos desses foliões apinhavam as calçadas nas noites em que os luxuosos blocos saíam desfilando pelas ruas da cidade. O desejo de participar dos desfiles era percebido por meio de algumas atitudes proibidas pela Chefatura de Polícia.

Seria muito ingênuo não perceber que se estabelecia um diálogo entre os diferentes segmentos sociais da cidade em dias de carnaval. É certo que a organização dos blocos era pensada e elaborada para expor uma pedagogia do bom-tom. Mas é evidente que os espectadores não ficavam inertes à presença das luxuosas indumentárias. Às vezes, as fantasias provocavam risos nos sujeitos que ficavam dispostos pelas calçadas.

O modo incorreto e desabusado por que se tem portado o sereno, desrespeitando acintosamente famílias e cavalheiros que tomam parte nas festividades carnavalescas, está a reclamar a energica acção da policia ¹⁰².

O “sereno”, citado pelo articulista, era formado por foliões que, de maneira organizada ou não organizada, saíam pelas ruas da cidade para participar dos festejos carnavalescos. Esses foliões incomodavam pelo fato de

¹⁰¹ Os “cordões”, pelo que pude compreender, eram grupos de foliões que se formavam para festejar o carnaval nas principais artérias da cidade onde acontecia o curso. Esses foliões organizavam-se em bairros pobres da cidade. Esses “cordões” desfilavam a pé e atrás do curso de automóveis.

¹⁰² Diário do Ceará, 23/2/1924.

não serem convidados e por terem, em muitos momentos, posturas que desagradavam os organizadores de algumas festas carnavalescas.

No ano de 1924, o “sereno” ganhou destaque no jornal “Diário do Ceará”. Provocaram incômodos nas famílias e nos cavalheiros que participavam das festas carnavalescas pela cidade, o que fez a imprensa chamar a atenção das autoridades competentes para reprimir os desordeiros. Por meio de vestígios, começa-se a perceber uma relação de força travada em dias de carnaval. As brincadeiras que os sujeitos pertencentes ao “sereno” desferiam aos ilustres foliões mostram como o riso põe em risco uma estrutura pensada e elaborada para manter uma hierarquia social. Os segmentos abonados arrogavam-se como importantes e essenciais à vida da cidade, pois se consideravam os provedores das benesses que a cidade possuía. Contudo, o riso, a vaia, as palavras de baixo calão tinham um aspecto negativo, o que provocava o rebaixamento. Toda a imagem construída pelos homens de destaque desmoronava. Os comportamentos considerados desviantes desses homens e mulheres durante o carnaval faziam eclodir tensões ou as mostravam de forma mais transparente.

O desmoronamento da autoridade por conta de alguns indivíduos era latente em dias de carnaval, e todo cuidado era pouco. O comportamento de muitos sujeitos era enquadrado nos crimes de desordem¹⁰³, que não tinha uma definição clara, porém eram considerados desordeiros todos aqueles que punham em risco a ordem social. O olhar das autoridades e dos segmentos abonados era de desconfiança nos dias de folia. A preocupação com a ordem nos dias de carnaval aumentou em meados dos anos de 1920, e os reclames da imprensa para uma presença mais enérgica da polícia era uma constante.

O carnaval apresentava-se como um momento peculiar para homens e mulheres que faziam parte do “sereno”, pois tinham oportunidade de debochar das distintas famílias e dos cavalheiros de forma burlesca. Essa reclamação feita por parte do jornal “Diário do Ceará” apresenta a cidade como um campo de tensões. A cidade era experimentada por diversos sujeitos sociais. Por mais que houvesse tentativas de segregação social, como por meio da criação de

¹⁰³ **FAUSTO**, Boris. *Crime e Cotidiano: A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Edusp, 2001. Boris Fausto, estudando a criminalidade em São Paulo, quando se refere à desordem, afirma que esta “(...) vincula-se ao comportamento episódico das pessoas em público, sem fixar uma conduta criminosa” p. 46.

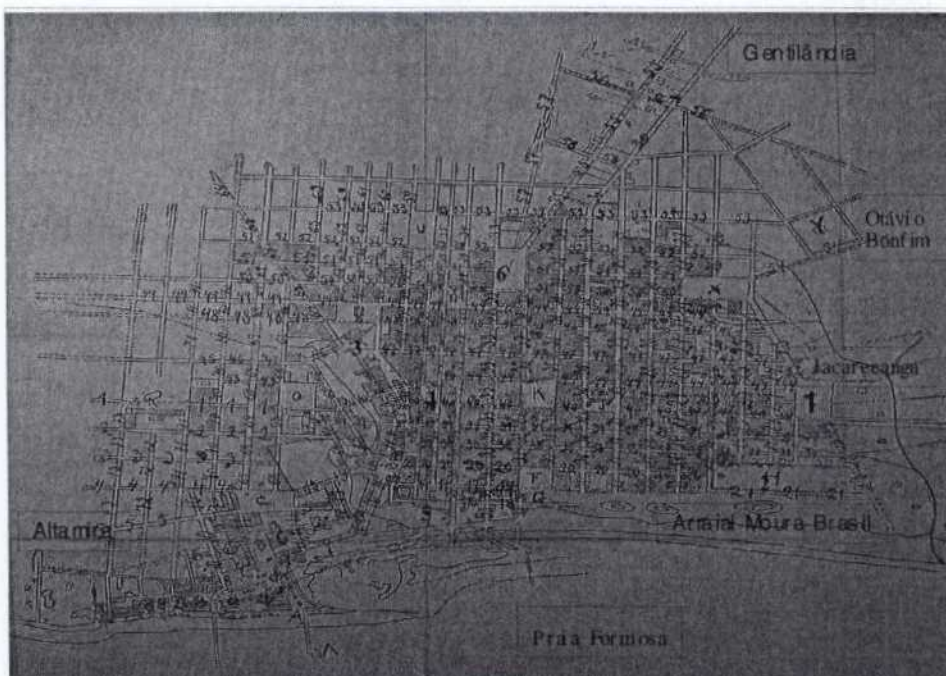
espaços privados, a interação ocorria constantemente nas ruas, nas portas e nas calçadas dos elegantes clubes e das residências luxuosas. As ruas eram artérias onde os indivíduos travavam relações nem sempre amistosas.

Como já foi enfatizado, muitos desses participantes provinham dos subúrbios da cidade. O historiador Gisafran Jucá¹⁰⁴ infere que, na década de 1930, os bairros pobres da cidade eram mais visíveis. Porém, já pelos idos anos de 1920, a pobreza urbana era evidenciada nas folhas dos jornais, e a constituição dos bairros suburbanos era uma realidade em Fortaleza desde o final do século XIX.

A presença dessa população menos favorecida na área central da cidade durante os festejos de carnaval foi se intensificando na segunda metade da década de 1920. Essa população buscava o reconhecimento de suas formas de festejar o carnaval. Para isso, dirigiam-se, muitas vezes, dos arrabaldes de Fortaleza para a praça do Ferreira.

Na planta abaixo, indica-se alguns espaços onde a população fortalezense festejava os dias de carnaval. A praça do Ferreira (n° 4 na planta abaixo), durante os dias de carnaval, era o ponto de concentração dos mais diferentes foliões. Essa praça, nas horas dedicadas a Momo, constituía-se em um espaço aonde os brincantes iam para ver e para ser vistos. Ao atentar esse logradouro, enxergam-se os diferentes carnavais presentes nos diferentes espaços da cidade e, também, as interações que ocorriam na praça entre os mais diferentes sujeitos.

¹⁰⁴ **JUCÁ**, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume, 2003.



Planta 2. 1. Fernandes Vieira; 3. Parque da Independência; 4. Praça do Ferreira; 5. Passaio Público; 6. Praça de Pelotas

No ano de 1924, a imprensa destacava alguns “cordões” que desfilaram a pé durante o curso. Foram destaques “Casamentos”, “Foi por isso que o sabiá zangou-se”, “Apaches”, “Segura sia Mariquinha” e “Me afroxé, seu Zeca”¹⁰⁵. O noticiário, ao destacar esses cordões, no final escreve “etc.”, mostrando que muitos outros se apresentaram no carnaval de 1924. No mais, o que chama a atenção é a denominação desses grupos que distam dos blocos formados dentro dos clubes. No âmago da denominação desses grupos, percebem-se certa licenciosidade e imoralidade, que imprimem outros significados ao carnaval. A ousadia desses foliões que vinham dos arrabaldes da cidade deixava assustadas as distintas famílias que desfilavam nos automóveis. No final dos anos de 1920, muitos eram os “cordões” que se dispunham a participar dos folguedos carnavalescos. Um exemplo dessa vontade de mostrar as suas formas de festejar era a persistente presença desses foliões nas batalhas de confetes e serpentinas, organizadas pelos e para os foliões pertencentes aos segmentos abonados.

Alguns dias antes dos três dias dedicados ao rei Momo, ocorriam, também, batalhas de confete e serpentinas na avenida 7 de Setembro¹⁰⁶ ou no

¹⁰⁵ Diário do Ceará, 4/3/1924.

¹⁰⁶ “Na praça propriamente dita, até 1920 aproximadamente, erguiam-se cinco artísticos quiosques que abrigavam quatro cafés e um servia de posto de fiscalização da Companhia de Luz. No centro da praça, rodeada por colunas de concreto e grades de ferro, ficava a Avenida

parque da Independência. Várias dessas batalhas eram sugeridas e organizadas pela imprensa local. Em meados da década de 1920, os jornais publicavam pedidos para que houvesse alguma batalha, pois estas estavam rareando a cada ano que passava. Os proprietários de algumas lojas participavam ofertando alguns brindes para os participantes.

A sympathisada secção <<Jazz Band>> do nosso collega <<O Ceará>>, obedecente à inteligente orientação de mr. Butterfly, e de accordo com Cyrano de Beragerac, do mesmo jornal, promovem para a noite de depois de amanhã, na Avenida 7 de Setembro, uma bella batalha de confetti, para cuja realização tudo concorre da forma mais satisfatória, não lhe faltando o apoio necessário das rodas elegantes e do commercio de Fortaleza ¹⁰⁷.

A batalha de confete foi realizada no dia 4 de fevereiro de 1926, mas estava sendo planejada e organizada dois dias antes por alguns colunistas do jornal "O Ceará". Mr. Butterfly era um conhecido colunista que escrevia, principalmente, sobre moda feminina. Segundo os organizadores, essa batalha teria a duração de três horas, começando às 19 horas e terminando às 22 horas. Alguns comerciantes destinaram brindes, que despertavam os desejos dos fiéis escudeiros de Momo, para quem tivesse o melhor desempenho na batalha de confete. O primeiro prêmio era da loja "Rosa dos Alpes" ¹⁰⁸ para o grupo com melhor organização; um segundo prêmio, uma dúzia de lança-perfumes, ofertada pelo café "Rotisserie Sportman" para a senhorita mais encantadora; e um terceiro prêmio, uma dúzia de lança-perfumes, concedida pelo comerciante F. Ribeiro Leitão para o cavalheiro mais espirosamente vestido.

O prêmio ofertado pela loja "Rosa dos Alpes" não foi discriminado pelo jornal, mas essa loja sempre destinava aos premiados artigos de beleza ou acessórios de moda, como carteiras de cédulas, sombrinhas e gravatas. A expectativa criada pelos organizadores com o tão esperado encontro na avenida 7 de Setembro foi noticiada no jornal "Diário do Ceará", no dia 4, logo

ou Jardim 7 de Setembro". Ver: **AZEVEDO**, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza: UFC, 1992, p. 57. Em meados da década de 1920, houve uma reforma na praça onde foram retiradas as grades de ferro.

¹⁰⁷ Diário do Ceará, 2/2/1926.

¹⁰⁸ A loja "Rosa dos Alpes" era famosa por disponibilizar para venda artigos de luxo e "novidades". No período carnavalesco, eram anunciados nos jornais produtos carnavalescos, como máscaras, lança-perfumes, dentre outros.

cedinho. Mr. Butterfly contava com a presença dos mais luxuosos blocos carnavalescos, pois já fazia algum tempo que as batalhas não tinham o mesmo brilho de outrora.

Entretanto, o festejo na avenida, que contou com a banda do Regimento Policial, não teve a animação esperada pelos organizadores. O jornal "Diário do Ceará" faz o seguinte comentário: "Apesar de muita gente, como dissemos acima, não existia o entusiasmo que a aproximação de Momo proporciona aos que obedecem ao seu rito"¹⁰⁹. A decepção era clara, pois os luxuosos blocos aguardados por Mr. Butterfly não compareceram.

Foram distribuídos prêmios, mas não os prêmios anunciados no dia 2 de fevereiro. Os brindes concedidos pelas elegantes rodas do comércio fortalezense não foram entregues. O Sr. Themotheo, que apareceu na batalha fantasiado de mulher, ganhou uma estatueta de pierrot, e o "Cordão Lampião" levou uma estatueta de arlequim. Estes foram os dois prêmios conquistados na tão esperada noite do dia 4 de fevereiro de 1926. Como enfatizou Stallybrass, "As coisas como presentes não são 'coisas indiferentes'; elas têm 'um nome, uma personalidade, um passado'"¹¹⁰. Os prêmios noticiados no dia dois de fevereiro eram destinados aos ilustres foliões que tinham destaque no carnaval, porém não houve o comparecimento destes, e sim de outros, e o teatro de operações que tinha sido armado "caiu por terra". Os confetes, os lança-perfumes e o misterioso prêmio da Loja "Rosa dos Alpes" eram mais do que simples prêmios, eles configuravam-se como presentes que guardavam uma memória e não podiam ser entregues a qualquer folião.

Os ilustres foliões participantes dos elegantes blocos não compareceram à batalha, e a festa não teve entusiasmo, apesar de ter comparecido um grande número de pessoas para assistir e participar das batalhas que se desenrolaram na avenida 7 de Setembro, na praça do Ferreira. A festa pode não ter sido como os idealizadores pensaram, mas a grande multidão que esteve presente aproveitou os dobrados, os choros, os foxes e os outros gêneros musicais tocados pela banda do Regimento Policial.

O ganhador de um dos prêmios foi o "Cordão Lampião", que não era um bloco carnavalesco organizado por segmentos de destaque da alta sociedade

¹⁰⁹ Diário do Ceará, 5/2/1926.

¹¹⁰ STALLYBRASS, Peter. Op. Cit., p. 58.

de Fortaleza. O outro prêmio foi conquistado por um homem vestido de mulher que participava da batalha. Não compareceu nenhuma senhorita e nenhum cavalheiro para levar a dúzia de lança-perfumes. Porém, os vencedores do combate, simbolicamente, levaram os troféus. Essa vitória era indício de que o carnaval de rua estava ganhando outros protagonistas.

As batalhas de confete, serpentinas e lança-perfumes guardavam uma relação íntima com o sentido de combate. As surpresas poderiam ocorrer e, em algumas horas, toda uma autoridade poderia desmoronar. Talvez, a grande multidão que se fez presente à batalha de confetes, na aludida avenida, estivesse disposta a participar, como nos velhos tempos do entrudo. No final das contas, o carnaval guarda uma dimensão explosiva que põe medo, pois, mediante um simples riso ou palavra, tudo poderia “ir por água abaixo”. O melhor caminho para os luxuosos blocos parecia ser o “calmo” recinto dos clubes.

O não-comparecimento dos ilustres foliões provocava a insatisfação de alguns articulistas que procuravam “salvar o carnaval”, conclamando a participação dos homens de posse que, aos poucos, deixavam de organizar as festas carnavalescas nas ruas.

Nas praças e logradouros publicos das grandes capitaes, onde haja festejos e batalhas carnavalescas, costumam os proprietarios de café-restaurant e casas de diversões deverão fazerem uma pequena quota entre si com o fim de mandar illuminar e ornamenatar as referidas praças, a bem do publico e de seus interesses ¹¹¹.

Os pedidos eram constantes para que os comerciantes e as autoridades públicas continuassem organizando os festejos dos dias de folia nas ruas de Fortaleza. A cada ano que se seguia, os luxuosos blocos passavam a festejar o carnaval dentro dos salões dos clubes. Muitos, ainda, arriscavam sair pelas ruas em carros ou em caminhões nos desfiles do curso. Entretanto, a presença dos ilustres personagens da cidade ia diminuindo, e outros grupos firmavam-se nos festejos dedicados ao deus pagão.

Os espaços do centro da cidade foram sendo conquistados por segmentos que não tinham muita projeção social. As novas formas de se

¹¹¹ Diário do Ceará, 26/2/1927.

organizar de determinados grupos, causava estranhamento aos espíritos ligados aos luxuosos desfiles do corso.

As luxuosas fantasias, sempre presentes nos festejos carnavalescos, deram passagem a homens travestidos de mulher. Essa tendência se confirmou na década de 1930, pois as atenções de alguns jornais eram direcionadas aos dois grupos que apareciam freqüentemente nos carnavais: As “Baianas” e o “Frevo das Mariêtas”.

(...) o numero de cavalheiros em trajes de mulher era espantoso. A coqueluche, a sedução, o beguin que dominou foi a saia. Por toda parte saias, somente saias, era o que se via. Parece que a mania da inversão de sexos dominou com uma vantagem notavel ¹¹².

O trecho citado acima é do colunista social Affonso Carvalho que, em 1933, ficou abismado com a profusão de grupos fantasiados de mulher. As reclamações eram constantes em relação aos novos protagonistas que apareciam no carnaval de Fortaleza.

Os homens travestidos de mulheres chocavam os foliões adeptos dos comportados carnavais. No universo da festa carnavalesca, muitos homens e mulheres utilizavam-se da inversão e da irreverência para denunciar as regras e as normas impostas cotidianamente. As chacotas, os chistes, as irreverências, as piadas eram vistas na ótica dominante como transgressões.

Os brincantes, que desfilavam aos grupos pelas ruas da cidade fantasiados de mulher, com perucas, seios e nádegas salientes, estavam chamando a atenção nos três dias de carnaval. Esses novos protagonistas, que eram uma das sensações dos carnavais, principalmente da década de 1930, preocupavam as autoridades públicas e incomodavam os apreciadores dos luxuosos desfiles carnavalescos.

A partir da década de 1930, as distintas famílias intensificam o carnaval nos recintos fechados dos clubes elegantes. Ao mesmo tempo, os segmentos médios e menos favorecidos da cidade vão ganhando visibilidade no carnaval das ruas. É perceptível a mudança na forma de se comemorar o carnaval em Fortaleza nos fins dos anos de 1920 e início dos anos de 1930. Os grupos que se organizavam pelos bairros pobres da cidade não desfilavam de forma

¹¹² Gazeta de Notícias, 2/3/1933.

prefigurada, como nos cortejos do curso. Não havia a preocupação com uma unicidade, no tocante às vestimentas e aos gestos, como no curso. O desfile pelas ruas da cidade era acompanhado por surpresas e acontecimentos nos quais os corpos tinham que responder por meio de movimentos rápidos. Os automóveis foram deixando de aparecer nos dias de carnaval e abrem espaço para os desfiles a pé. Em contrapartida, os segmentos abonados procuravam instituir para o carnaval outros espaços que representavam novos signos de urbanidade, como os clubes elegantes.

A imprensa procurava a todo custo arregimentar os grupos para os festejos de rua. A Ceará Rádio Clube, juntamente, com a Associação Cearense de Imprensa e a Prefeitura Municipal promoveram um concurso, no ano de 1936, para escolher o melhor grupo carnavalesco do ano. Alguns jornais da cidade conclamavam a participação de todos os blocos, principalmente a presença dos blocos do clube dos “Diários” e do “Iracema”.

Outra “novidade” no carnaval da década de 1930, como será visto no segundo capítulo, eram os aparelhos radiofônicos. Esses aparelhos permitiram que as canções carnavalescas chegassem do Rio de Janeiro com maior rapidez. Por meio dos aparelhos radiofônicos e dos grupos de batucada que se formavam pela cidade, as ruas ganharam novos grupos e novos ritmos durante o carnaval. Os festejos pelas vias públicas eram marcados, também, agora, pelo toque do surdo de marcação. O legado do choro, com suas cadências de engano, juntamente com o tempo fraco do samba, possibilitava que o corpo em movimento completasse o tempo vazio com palmas, meneios e balanços de pernas e braços. Certos movimentos durante o carnaval estavam assustando os corpos acostumados à rigidez dos desfiles do curso. Os corpos dos sujeitos vivenciavam, nas ruas, uma ambiência saturada de novos sons e gestos no carnaval de Fortaleza¹¹³.

Outros carnavais estavam anunciando-se com maior intensidade no final da década de 1920 e início da década de 1930. Não era de se estranhar que alguns homens que escreviam para os jornais sobre o carnaval se mostrassem assombrados com as mudanças no carnaval da cidade, pois os festejos de rua, que sempre contaram com o apoio e a presença das ilustres personalidades da

¹¹³ No segundo capítulo, dedicarei alguns parágrafos e notas para discutir o samba da década de 1930.

cidade, estavam sendo trocados pelos segmentos abonados fortalezenses pelos "calmos" recintos dos clubes. Simultaneamente ao desinteresse dos antigos organizadores pelos festejos carnavalescos nas ruas, outros ritmos, grupos e performances intensificavam-se nas artérias, provocando, às vezes, estranhamento. Entretanto, não tardaria para que os carnavais dentro dos clubes elegantes fossem ganhando visibilidade na imprensa e aceitabilidade pelos exaltados críticos que pronunciavam a morte do carnaval elegante.

Capítulo 2 – Foliões nas ruas: “um campo de sugestões”

Nas ruas da cidade, nesse período, um público bastante heterogêneo procurava festejar a chegada de Momo. Isso acabou intensificando a negociação dos espaços das ruas entre os segmentos abonados e os segmentos médios e menos favorecidos no limiar e no decorrer da década de 1930.

Na segunda metade da década de 1920, a Chefatura de Polícia, para manter a ordem, tornou os editais policiais mais rígidos. Os carnavais nas artérias da cidade, no final dos anos de 1920 e início da década de 1930, ganharam uma preocupação toda especial por parte do poder público. Nessa última década, a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) baixava uma série de medidas para conter os comportamentos considerados desviantes nos dias de festejo.

Alguns políticos, como Raimundo Girão, procuravam fazer intervenções no meio urbano da cidade com o intuito de redirecionar o carnaval de rua. As novas formas de se comemorar o carnaval nas artérias da urbe estavam incomodando. Essas formas dos novos protagonistas festejarem impeliam alguns cronistas e articulistas a lembrarem dos “bons tempos” de outrora do carnaval.

Percebi que a inquietação dos poderes constituídos em reforçar a ordem cotidiana, a partir da dinâmica própria do carnaval, acabava por sugerir alternativas para os vários foliões burlarem essa ordem reforçada. A preocupação em manter a ordem deixa transparecer as desordens presentes nos dias de festa.

Ordem e desordem andavam juntas, pois, como se verá adiante. Os próprios mantenedores da ordem, em muitos momentos, tornaram-se agentes da desordem nos festejos carnavalescos. Os homens da lei, às vezes, traduziam as normas em proveito próprio. Utilizavam o poder para benefício próprio e aproveitavam o universo da festa carnavalesca para agirem com uma maior liberdade.

Muitas posturas e comportamentos de alguns foliões eram considerados, na ótica dominante, como desordens. Como o fato de muitos brincantes

cantarem alto nas ruas, nos cafés e nos cabarés ou desfilarem travestidos com indumentárias de autoridades públicas.

O universo da festa carnavalesca produz interstícios entre a ordem e a desordem que só são perceptíveis na agência dos sujeitos históricos. Por isso, no presente capítulo, analiso alguns incidentes que aconteceram em dias de folia carnavalesca com o intuito de compreender as transformações nos carnavais que se festejavam nas ruas da cidade de Fortaleza. Nesses acontecimentos, que mostram o alto potencial explosivo do carnaval, observa-se a subversão da ordem estabelecida e, de certa forma, vislumbram-se novos referenciais que estavam sendo impressos nos festejos mominos de Fortaleza por sujeitos que, por muito tempo, não foram os protagonistas das festas nas artérias centrais da cidade.

O carnaval do Corso parecia estar com os dias contados, entretanto, no início da segunda metade da década de 1920, o Poder Público, juntamente com os interessados nos luxuosos desfiles, procurou reviver os imemoriais festejos carnavalescos das ruas. No entanto, essa medida não impediu que outros foliões aparecessem nas ruas com novas performances, ritmos e sons.

Os espaços projetados para servir de guarida aos segmentos abonados desde fins do século XIX estavam sendo conquistados por foliões que vinham de diversas partes da cidade. Em contrapartida, os ilustres foliões procuravam resistir por meio da instituição de outros espaços para o carnaval elegante da cidade.

É partindo para a dinâmica interna dos embates e dos interesses dos diferentes sujeitos nesse período de trânsito das festas carnavalescas, que procuro compreender os carnavais de rua que se configuravam pela cidade.

2.1. Do carnaval do curso para o carnaval de rua

Nos primeiros anos da segunda década de 1920, o curso ainda contou com o apoio de algumas personalidades da cidade, talvez por conta de uma série de reclamações que se intensificavam em alguns periódicos. Porém, os luxuosos blocos de foliões já anunciavam, nesse momento, a preferência pelos recintos elegantes dos clubes.

O curso era organizado para e pelos segmentos abonados da cidade. O itinerário desse cortejo, que acontecia nas principais artérias da urbe, por muito

tempo foi elaborado pela Chefatura de Polícia. Pela leitura dos editais policiais, que eram divulgados dias antes do carnaval, enxerga-se a tentativa de dar um caráter privado ao carnaval realizado nas ruas.

Os editais chegavam ao público por meio da imprensa local, bem antes dos três dias de carnaval, configurando-se num código de postura para o período carnavalesco. Os editais policiais eram medidas que ditavam como os foliões deveriam se comportar nas vias públicas. Era uma série de medidas que visava ao bem-estar dos ilustres foliões, pois nada poderia sair errado na comemoração de carnaval patrocinada pelos homens de posses de Fortaleza.

O itinerário do curso era deliberado pela polícia por meio dos editais. No ano de 1926, os desfiles do curso, no primeiro e no último dia de carnaval, foram realizados na praça do Ferreira (1ª Zona); no segundo dia de carnaval, foi realizado no parque da Independência (2ª Zona).

1ª Zona (Praça do Ferreira) entradas pelas ruas Coronel Guilherme Rocha (lado do Palácio da Presidencia) e pelo lado oposto (Café Riche) contornando em qualquer das duas entradas a Praça do Ferreira pela rua Major Facundo seguindo por essa em direção à travessa do D. Pedro que contornará para o nascente até a rua Marechal Floriano Peixoto, pela qual subirá em direção a referida Praça a encontrar a Travessa Coronel Guilherme Rocha.

2ª Zona (Parque da Independencia) Entrará pelo portão principal, á Praça do Coração de Jesus, seguindo a direita para o interior, fazendo a volta em torno do mesmo Parque e sahindo por qualquer um dos portões ao fundo, que dão para Travessa de São Bernardo¹¹⁴.

O curso teve início às 16 horas e terminou às 18 horas, pois assim prescreviam os editais policiais. Porém, a banda de música do Regimento Policial, às vezes, ficava tocando até às 21 horas no coreto da praça do Ferreira, animando os foliões que permaneciam ali. Os segmentos abonados desfilavam em automóveis abertos¹¹⁵, e alguns “cordões” acompanhavam o cortejo a pé. A velocidade máxima permitida para os automóveis no trajeto do curso era de 10 km/h. Havia uma preocupação com atropelamentos, pois alguns choferes excediam essa velocidade, provocando acidentes.

Os automóveis para os desfiles do curso eram enfeitados com lindas ornamentações, enchendo de orgulho os articulistas dos periódicos. Os

¹¹⁴ Diário do Ceará, 10/2/1926.

¹¹⁵ Muitos desses veículos eram alugados.

homens de imprensa publicavam, orgulhosamente, descrições da desenvoltura das distintas famílias que desfilavam dentro de seus carros. Os movimentos rígidos dos corpos dentro dos autos, como acenos e meneios positivos com a cabeça, instituíam lugares próprios. Espaços que eram construídos a partir de gestos e coreografias que procuravam elaborar uma performance para os espectadores que ficavam apinhados nas calçadas.

Fica expressamente proibido o estacionamento de pessoas no meio das ruas e praças por onde transitar o curso: devendo os espectadores permanecer nas calçadas, passeio e avenidas respectivas ¹¹⁶.

Os editais, elaborados pela Chefatura de Polícia, corroboravam esse teatro de operações, que reafirmava posições de sujeitos. Os foliões que não tinham condição de desfilarem em ricos carros, com ornamentações suntuosas, deveriam ficar nas calçadas vendo a animação das ilustres personalidades da sociedade fortalezense. Havia uma linha tênue entre os automóveis dos ilustres foliões e os “espectadores”, que poderia ser quebrada a qualquer momento.

As medidas policiais enunciavam “um teatro de legitimidade a ações efetivas” ¹¹⁷. As ruas, nos editais, tornavam-se um campo de controle onde os movimentos deveriam ser friamente calculados. Os editais policiais não tinham apenas a função de autorizar e prescrever as formas de se comportar, mas, também, de conclamar e preparar os foliões para o combate. Durante o carnaval, enxerga-se por meio das medidas policiais a preocupação com as ações humanas, pois elas eram incertas, perigosas e até fatais. Os editais policiais configuravam-se como estratégias elaboradas pelo poder público em consonância com os interesses dos segmentos abastados. As estratégias policiais procuravam fundar um tempo sincrônico para o carnaval. Os passos, os movimentos, os olhares eram observados com desconfiança. As autoridades sabiam que o universo da festa carnavalesca era cheio de surpresas. Os foliões que pretendiam burlar as regras impostas ficavam na espreita, aguardando o momento, a ocasião e as circunstâncias favoráveis para agir.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: EDITORA VOZES, 1998, p. 210.

A preocupação com a dimensão subversiva da festa é evidente nos editais policiais, os quais se tornaram cada vez mais rígidos no decorrer da década de 1920. Os editais eram uma forma encontrada pelo poder público de fazer uma mediação entre o tempo da festa e o tempo do cotidiano. Nos editais policiais, eram dispostos para o público as linhas de bondes, o itinerário do curso, a velocidade com que os carros poderiam trafegar e também até que horas os foliões poderiam usar máscaras. De certa forma, havia uma reorganização da cidade para os três dias de festa, mas as preocupações cotidianas acentuavam-se por conta da dimensão festiva.

Os editais policiais eram bastante enfáticos no que diz respeito ao transitar pelas ruas. As proibições efetuadas pela Chefatura de Polícia a partir dos editais demonstram o que acontecia nos dias de carnaval. Os editais, pelo que tudo indica, eram elaborados a partir de conhecimentos prévios e tinham como função principal ditar o que se poderia fazer nos três dias de carnaval. As proibições nos editais eram destinadas, também, para os foliões que festejavam a pé, ou seja, não participavam do curso em carros ornamentados. No edital de 1924, como em outros anos, havia a preocupação com os menores que ficavam nas ruas durante os três dias de carnaval: “menores encontrados nas plataformas dos bonds ou tentando galgar os automoveis, serão conduzidos presos á Delegacia”¹¹⁸.

Nesses editais, mais do que ver normas e controles, percebe-se a interação que ocorria nos dias de carnaval. As medidas policiais demonstram o incômodo das autoridades constituídas com os comportamentos indesejados. As preocupações com os menores que corriam para galgar um lugar nos automóveis ricamente enfeitados denunciavam que a festa era perigosa para as distintas famílias, pois, em uma simples brincadeira de criança, por alguns segundos, toda uma estrutura de poder poderia desmoronar.

O curso, até meados da década de 1920, ainda era a grande atração, ou melhor, a atração mais divulgada pela imprensa local. No desfile do curso, o destaque eram as famílias abonadas de Fortaleza. Os cavalheiros, as damas, as senhoritas e os moços que tinham destaque na vida pública da cidade

¹¹⁸ Diário do Ceará, 27/2/1924.

aproveitavam e utilizavam-se do momento festivo como uma sala de espelhos, onde multiplicavam as suas aparências.

Pode-se dizer muito bem que foi travestido de um brilhantismo nunca visto.

Todos os automóveis de que se pôde dispôr, inclusive mesmo os caminhões, ostentavam artística ornamentação.

O curso fez, por varias vezes, a volta da praça do Ferreira, trajectando pelo Parque da Independencia¹¹⁹.

O fragmento acima é de um comentário sobre o carnaval de 1923, que fora um dos mais animados da década de 1920. O curso, no início dos anos de 1920, era realizado, principalmente, na praça do Ferreira. As duas ruas paralelas a essa praça, Major Facundo e Floriano Peixoto, eram as principais vias do comércio da cidade. Nos desfiles que aconteciam nos três dias de carnaval, essas duas ruas eram discriminadas pela Inspetoria de Trânsito como as duas artérias principais por onde o curso deveria passar. Como ficou explícito no itinerário do desfile do carnaval de 1926, no primeiro e no último dia, o cortejo seria na praça do Ferreira. O domingo e a terça-feira de carnaval eram os dias de maior animação. Neles se aglomerava o maior número de foliões, pois, no segundo dia, os brincantes estariam recuperando-se dos excessos do primeiro dia de pagodeira e, no terceiro, estariam prontos para novas investidas. Por isso, nada melhor do que fazer um desfile pelo parque da Independência que, às vezes, aglomerava um grande número de foliões. A praça do Ferreira era ponto certo para, pelo menos, dois dias de desfile do curso, mas esse fato tem uma explicação.

O fragmento acima enfatiza que o curso fez várias voltas em torno da praça do Ferreira, mas isso não era uma mera casualidade. Essa praça era considerada o coração da cidade por muitos noticiaristas de alguns periódicos da cidade. Vários memorialistas lembram-se da praça do Ferreira de forma saudosista. Muitos homens de negócio tinham as suas lojas, confeitarias, cafés, restaurantes nas imediações dessa praça ou em ruas próximas, como a Barão do Rio Branco. Alguns escritórios de representações comerciais¹²⁰ de

¹¹⁹ Diário do Ceará, 13/02/23.

¹²⁰ No Guia Cearense de 1927, percebe-se que muitas empresas estrangeiras possuíam escritórios em Fortaleza. Empresas como a companhia inglesa de navegação "The Booth Steamship Company Limited", localizada na rua Pessoa Anta nº 25. Essa companhia, particularmente, efetuava viagens para os portos de Liverpool, Londres, Lisboa, Leixões,

empresas estrangeiras situavam-se, também, nas proximidades do referido logradouro. Como foi evidenciado no capítulo primeiro, com a intensificação da formação de bairros elegantes, a partir da década de 1920, o centro urbano de Fortaleza começou a ganhar prédios, predominantemente, comerciais. Porém, ainda existiam muitas residências no centro urbano da cidade. Os prédios que se situavam nas ruas Major Facundo e Floriano Peixoto, nas imediações da praça do Ferreira, eram, essencialmente, destinados ao comércio.

O itinerário do curso não era elaborado à toa. As ruas discriminadas para os desfiles tinham uma referência estreita com a vida cotidiana dos organizadores da festa, pois esses espaços eram pensados como forma de instituir um lugar próprio para os homens que tinham destaque na vida social da cidade. A partir do itinerário do curso, os foliões executavam passos antes mesmo de efetuá-los. O itinerário era uma tentativa de impulsionar e coordenar os passos dos foliões, dando-lhes direção. Os espaços por onde passava o cortejo tinham um passado, uma memória e uma personalidade. Estes estavam intimamente ligados aos segmentos de destaque, como intelectuais, comerciantes, homens de imprensa e políticos, que eram considerados os herdeiros dos antigos préstitos carnavalescos.

Os ilustres foliões se autopromoviam durante o carnaval. As ruas por onde o cortejo passava eram consideradas por estes como um grande palco armado ao ar livre.

O povo agglomerava-se ao longo das calçadas em todo o percurso antes determinado pela polícia para o curso. Neste tomavam parte todos os automóveis de praça e particulares existentes nesta capital e mais ainda vários autocominhões, bem como de localidades vizinhas ¹²¹.

Nos dias de carnaval, muitos eram os foliões dispostos pelas calçadas das ruas por onde o cortejo passava com os lindos carros ornamentados. Nesse ano de 1924, muitos blocos desfilaram pelas ruas da cidade em automóveis. O bloco mais esperado nos dias de carnaval desse ano foi o grupo que se formou nos recintos do “Clube Iracema”, denominado “Deusas e

Havre, Antuérpia, Hamburgo e Nova York. Além de efetuar viagens, cobrava fretes das mercadorias exportadas para a Europa e para os Estados Unidos (Nova York). Muitos eram os escritórios de representações comerciais existentes em Fortaleza nesse período.

¹²¹ Diário do Ceará, 4/3/1924.

Gênios”, que, no último dia de carnaval, desfilou apresentando dois “belíssimos carros allegoricos” ¹²². Esse bloco não se limitou ao percurso do curso e fez um itinerário mais longo por várias ruas da cidade até chegar aos redutos do “Clube Iracema”, que se situava na praça do Ferreira.

Enquanto os articulistas cobriam de lantejoulas, das mais diferentes cores, as investidas dos blocos carnavalescos, os “cordões” saíam desfilando logo atrás dos carros ornamentados e ganhavam parcos comentários nas páginas dos jornais.

Quanto aos cordões, fazendo o raid pedestre Praça-Parque, estes eram a valer, quaes os dos 'Casamentos', 'Foi por isso que o sabiá zangou-se', 'Apaches', 'Segura sia Mariquinha', 'Me afroxé, seu Zeca', etc ¹²³.

O noticiarista enfatiza que o desfile foi feito a pé e que existia “cordão” a valer nas ruas da cidade nas noites de carnaval. Os nomes dos “cordões” não tinham o mesmo *glamour* que carregavam os nomes dos blocos. Porém, carregavam, também, uma personalidade, uma memória e um passado. A disposição dos participantes no cortejo, durante o carnaval, denunciava as diferenças sociais que construía o meio urbano e que eram construídas por este. A disposição de blocos e “cordões” demonstrava como os espaços das ruas eram negociados nos dias de festa carnavalesca. Os foliões acomodados nas calçadas constituía uma outra parcela dos que negociavam com os idealizadores de uma cultura urbana pautada pela “modernidade” e pelo “progresso”. Por um lado, muitos desses foliões, que tinham as calçadas como espaços para brincar a chegada de Momo, olhavam com curiosidade o luxo exibido pelas distintas famílias em dias de carnaval, com seus carros lindamente enfeitados. Por outro lado, dirigiam-se à praça do Ferreira para observar as desenvolturas desabusadas dos “cordões” que desfilavam a pé.

Os desfiles durante o carnaval era uma forma que os diversos segmentos sociais encontravam de se exibir em público e, também, para se dar a conhecer mutuamente. Os participantes dos “cordões”, ao desfilarem no curso organizado pelos ilustres foliões da cidade, imprimiam valores, costumes e comportamentos outros que não condiziam com os referenciais dos homens

¹²² Idem.

¹²³ Idem.

apatacados que ajudavam a pensar e a organizar o cortejo. Então, ocorriam jogos de improvisar nas ruas de acordo com a ocasião, pois os acontecimentos, as armadilhas eram latentes. Os foliões que participavam dos desfiles a pé percorriam o itinerário do curso com uma maior liberdade de pular, dançar e cantar. Assim, entrecortando o caminho, esses brincantes, no encontro fortuito com o outro, faziam emergir memórias, passados e identidades.

Nesse período, ao analisar alguns periódicos, percebe-se o medo de perder o monopólio da festa de carnaval por parte de alguns segmentos abonados. Muitos periódicos do período eram utilizados por esses segmentos para sustentar o monopólio da festa. Para isso, utilizavam-se de estruturas discursivas. Esses discursos que procuravam legitimar um carnaval para a cidade foram se intensificando em meados dos anos de 1920. As poucas notícias sobre os “cordões” podem ser indícios dessa tentativa de monopolizar o carnaval de Fortaleza. Para os idealizadores do curso, os “cordões” e outros grupos apresentavam-se como ameaças constantes nos dias de carnaval.

Os foliões vinham de diversas partes da cidade para festejar o reinado de Momo. As linhas de bondes destinadas ao transportes dos foliões em dias de carnaval eram discriminadas pela Chefatura de Polícia. Os bondes paravam nas imediações da praça do Ferreira e partiam de várias localidades da cidade como: praia de Iracema, Outeiro, Fernandes Vieira, Mororó, Benfica, Prado, Alagadiço, via Férrea, praça José Bonifácio, estação de Bondes¹²⁴.

Percebe-se que muitas linhas de bondes correspondem a localidades consideradas subúrbios. Essas linhas de bonde permitem inferir quais eram os foliões que acorriam em direção à praça do Ferreira. Esses que vinham do subúrbio nos bondes lotados ocupavam, na folia do centro da cidade, não só os espaços das calçadas, mas, também, os espaços das ruas por onde desfilavam, com ricas fantasias, dentro de seus automóveis, senhoras e cavalheiros.

O desfile do curso, aos poucos, perdia espaço para outras formas de desfilar pela cidade. Interessante que os periódicos, paulatinamente, começam

¹²⁴ Estes locais correspondem aos pontos de partida dos bondes rumo à praça do Ferreira. Essas informações constam nas “providências policiais” de 1928, publicadas no jornal O Nordeste, de 16/2/1928.

a divulgar as festas carnavalescas nas ruas como sendo o “carneval de rua” e não mais como o “carneval do curso”. Isso demonstra que o carnaval nas ruas de Fortaleza estava ganhando outros referenciais. Dessa forma, é importante analisar alguns incidentes explosivos ocorridos durante o carnaval e algumas medidas tomadas pelo poder público no início da década de 1930 como momentos que contribuíram para a passagem do “carneval do curso” para o “carneval de rua” em Fortaleza, processo que se intensifica na década de 1930.

2.1.1. (Des) ordem no carnaval de rua

A rua é um campo de sugestões. Ninguém resiste à influencia arrebatadora dos sambas, ao tilintar dos guisos, à orgia alucinante das côres, ao enleio sensual das serpentinas.

Ninguém, não. Ha um elemento humano que não se deixa contaminar: é o policial¹²⁵.

O trecho acima foi retirado de um texto publicado na “Gazeta de Notícias” em 1936. Esse texto foi enviado por Heitor Cavalcante, que era policial na cidade de Fortaleza. O conteúdo procurava mostrar o policial como o mantenedor da ordem na cidade durante os dias de carnaval. Exaltava a imparcialidade do policial ao lidar com as desordens dos dias mominos em que os foliões extravasavam nas brincadeiras e nos chistes. Entretanto, o texto do policial Cavalcante mostra que a ordem e a desordem andavam juntas no carnaval.

Alguns incidentes ocorridos na praça do Ferreira durante os dias de carnaval, no início da década de 1930, anunciavam que outros tempos estavam por vir. A imprensa lamentava os conflitos violentos que se desenrolavam na praça que era símbolo da vida “chic” da cidade.

A sociedade de Fortaleza, prepresentada por um sem número de familias, soffreu, hontem á noite, uma grave affronta á sua indole pacifica, com os acontecimentos verificados na Praça do Ferreira, á hora em que todos se divertiam, certos de que estavam em uma capital civilizada e não em um campo de batalha, ou em algum arriscado pedaço do 'far west'¹²⁶.

¹²⁵ Gazeta de Notícias, 28/2/1936.

¹²⁶ O Povo, 18/2/1931.

O jornal “O Povo” estampava, em destaque, no alto de uma de suas páginas, a seguinte manchete: “Os deploráveis acontecimentos de ontem”¹²⁷. Na quarta feira de cinzas, os comentários sobre os acontecimentos do último dia de carnaval “corriam na boca” dos fortalezenses. O articulista do jornal “O Povo” procurava fundamentar um discurso de uma cidade pacífica e civilizada como forma de mascarar os embates que começavam a se intensificar no meio urbano de Fortaleza.

No dia 17 de fevereiro de 1931, mais precisamente uma terça-feira de carnaval, os preparativos para o último dia das brincadeiras destinadas ao deus Momo foram animados. Os jornais destinavam algumas páginas para os festejos que ocorreriam naquele dia tão esperado para os espíritos afins às festas na praça do Ferreira. Grande era o número de pessoas que se dirigiam à aludida praça, foliões que vinham de diversas localidades da cidade com o intuito de presenciar o desfile do curso acomodavam-se nas calçadas. Este teve início às 16 horas, mas a Chefatura de Polícia tinha estabelecido que o curso tivesse seu fim às 18 horas.

A mesma Chefatura de Polícia, tomando as devidas providências para os dias de carnaval, estabeleceu que a festa naquele logradouro expirasse às 21 horas. Houve, em todas as noites de carnaval, uma banda tocando no coreto para animar as festas da praça. Mas esta tinha ordem para parar de tocar às 21 horas, pois assim o delegado Faustino Nascimento havia deliberado. Com essa medida da autoridade policial, fica evidente que uma das grandes atrações nos dias de carnaval eram as bandas marciais que ficavam tocando no coreto. Quando a banda parava de tocar, a festa estava extinta. Porém, muitos foliões dirigiam-se aos estabelecimentos que abrigavam os notívagos nos dias de carnaval, como cabarés, cafés e bodegas.

Contudo, naquela terça-feira, a banda parou de tocar mais cedo, pois grande foi a confusão gerada por alguns foliões que ali brincavam em nome do deus da licenciosidade. A execução de vários tiros fez com que muitas pessoas saíssem correndo pelo meio da praça do Ferreira. Esse incidente ocorreu depois do desfile do curso de automóveis, blocos e “cordões”, mais precisamente às 19h30min, quando a algazarra na praça do Ferreira estava em

¹²⁷ Idem.

seu ápice. Muitos foliões amedrontados saíram do logradouro e rumaram para as suas casas.

Vários eram os foliões na praça do Ferreira. Ao analisar o depoimento de João Victoriano Rocha¹²⁸, que era sargento do 23^oBC, mas que não estava de serviço, percebe-se que as pessoas estavam assustadas com toda aquela confusão. O depoente estava encostado no coreto olhando as batalhas de lança-perfumes e confetes que ocorriam na referida praça, quando escutou uns estampidos para os lados da Floriano Peixoto. Escondeu-se por detrás do coreto. Ao mesmo tempo, deparou-se com um homem com esposa e filho pedindo-lhe ajuda. Era um enfermeiro da Guarda Cívica que, também, estava participando dos folguedos carnavalescos.

O guarda cívico Romualdo Gomes¹²⁹, 52 anos, às 19h30mim retirava-se do quartel da Guarda Cívica pela rua Coronel Bezerril em direção ao boulevard Duque de Caxias, quando, nas imediações do parque da Independência, deparou-se com várias pessoas assustadas e que lhe informaram sobre um tiroteio entre soldados da Guarda Cívica e do Exército. Eram comuns os incidentes que envolviam os homens da ordem. Havia uma rixa entre os homens do Exército e os da Guarda Cívica. Os jornais noticiavam que os motivos teriam sido por conta de uma discussão entre os homens dessas duas instituições. Mas, como ficará esclarecido logo mais, não havia sido.

Pelos depoimentos contidos no processo criminal e pelas matérias que saíram em alguns jornais, percebe-se que um grande número de pessoas estava na praça do Ferreira nessa noite de carnaval. Muitas bancas que vendiam lança-perfumes e que ficavam próximas à praça foram destruídas e saqueadas pela multidão.

Nas ruas Floriano Peixoto e Major Facundo, encontravam-se muitos estabelecimentos comerciais abertos, alguns cafés como o Nestlé e a Rotisserie, e algumas lojas comerciais como a Loja Maranguape e a Loja A Cearense. “A Loja Maranguape teve suas vitrinas jogadas por terra e foi invadida até o quintal, sendo roubada em fazendas, perfumarias e

¹²⁸ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Desordens, Caixa 01, processo 1931/01.

¹²⁹ Idem.

miudezas"¹³⁰. Na hora dos disparos, muitas pessoas aproveitaram-se da situação para adentrar nos estabelecimentos comerciais, o que provocou um verdadeiro quebra-quebra. Várias lojas foram saqueadas, furtando-se muitas mercadorias, principalmente, lança-perfumes.

O guarda cívico Mamede Casimiro¹³¹, 22 anos, estava escalado na terça-feira para fazer a ronda na praça. O depoimento de Mamede é bastante revelador no que diz respeito ao comportamento de alguns foliões que estavam festejando o carnaval.

Um indivíduo fardado de kaki, mas com chapéu civil na cabeça e que o depoente reconheceu ser um ex-soldado da polícia, pelo facto de ter um outro tropeçado nelle agrediu-o estupidamente apesar das desculpas desse que procurando fugir foi perseguido pelo agressor que deante disso o depoente começou a perseguição (...) ¹³².

Toda a confusão começou por conta de um sujeito que estava vestido com uma farda do Exército festejando o carnaval na praça do Ferreira.

O guarda Mamede conseguiu efetuar a prisão, mas foi desautorizado por um aluno do Colégio Militar, Luis França, que deu ordem para Mamede soltar o indivíduo. Luis França pensava que o indivíduo era realmente do Exército. Com a intervenção de Luis França, o indivíduo é posto em liberdade e sai correndo pelo meio da praça do Ferreira, provocando muito alvoroço. Quebraram-se vários vidros de lança-perfumes, provocando fortes ruídos, o que deixou ainda mais assustados os foliões.

Mamede, quando escutou os tiros de revólver, correu para dentro do café Nestlé, o qual estava repleto de foliões procurando abrigo. O guarda cívico esperou os ânimos acalmarem-se na praça para poder sair. Quando estava na calçada do referido café, apareceu em sua frente um homem fantasiado de mulher, que lhe apontou um revólver. Mamede saiu correndo para a delegacia, pois se achava desarmado. Muitos sujeitos aproveitavam do momento festivo para acertarem as contas. As ruas da cidade, nos primeiros anos da década de 1930, ganharam uma preocupação toda especial por conta dos vários

¹³⁰ O Povo, 18/2/1931.

¹³¹ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Desordens, Caixa 01, processo 1931/01.

¹³² Idem.

incidentes que vinham ocorrendo, pois o próprio momento político dos anos de 1930 era turbulento.

A dimensão da festa carnavalesca possibilitava que muitos sujeitos no meio da multidão ocultassem as suas identidades e resolvessem rixas antigas. Nos anos de 1930, algumas dessas rixas eram acertadas entre os homens do Exército e os da Guarda Cívica. Estes eram os agentes responsáveis pela ordem, mas, em muitos momentos, tornavam-se agentes da desordem. Por meio das leituras dos processos criminais, pode-se perceber que os conflitos envolvendo esses homens da lei, às vezes, relacionavam-se a questões políticas, principalmente nos anos de 1930, em que no Exército havia muitos simpatizantes e adeptos do integralismo. Nos dias de carnaval, as tensões acentuavam-se, pois o próprio universo do carnaval propiciava uma maior interação entre esses sujeitos. Assim, os dias de carnaval eram marcados pelos conflitos cotidianos, porém essa festa deixava profundas marcas no dia-a-dia da cidade.

Todo o teatro de operações que era estruturado a partir de estratégias “caia por terra” nesses momentos em que os ânimos exaltavam-se. O jornal “O Povo” calculou que, no ano de 1931, na praça, havia três mil pessoas comemorando carnaval na terça-feira. Esses números podem dar uma idéia de como a praça do Ferreira era freqüentada nos dias de carnaval. O teatro que as distintas famílias apresentavam não surtia mais o mesmo efeito de tempos atrás. Os foliões que pegavam bonde para ir à praça queriam festejar a chegada de Momo desfilando nas ruas com confetes, serpentinas e lança-perfumes.

Os indícios que estão atrelados aos depoimentos das testemunhas permitem entrever uma festa que tinha um alto potencial explosivo. A praça do Ferreira encontrava, nos dias de carnaval, uma linguagem própria que veiculava um vocabulário a partir das ações dos foliões. Essa praça era o espaço onde muitos políticos palestravam, onde intelectuais se encontravam para recitar poesias, mas, também, ainda guardava o universo simbólico da praça pública, que era constituído de signos culturais que remetiam ao mercado, aos pregões, às vendas, aos espetáculos, às festas e à subversão¹³³.

¹³³ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular Na Idade Média e No Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

O carnaval fazia emergir na praça pública uma dimensão de licenciosidade que existia em estado latente e que era podado, cotidianamente, pelo poder público e pelos seus representantes. Porém, parecia que os foliões que vinham dos subúrbios estavam conseguindo ocupar os espaços das ruas. Por meio das brechas que eram deixadas pelos ilustres foliões, outros protagonistas começaram a tomar conta do “pedaço”.

Os foliões na década de 1930 vinham de localidades cada vez mais distantes. A presença dos auto-ônibus, que se intensifica no início dessa década, permitia o acesso rápido à praça do Ferreira aos foliões que moravam em localidades distantes como: “Mecejana, Porongaba e Maranguape”¹³⁴. O próprio meio urbano da cidade estava em crescimento, e, em dias de carnaval, a praça do Ferreira ficava repleta de foliões desejosos de festejar a chegada do deus Momo. Mas alguns jornais publicavam artigos criticando o não comparecimento dos ilustres foliões da cidade nos festejos do corso.

Não se verificou, infelizmente, aquele entusiasmo estonteante dos anos anteriores. Os entusiastas folgasões que entre ondas de confetis e cloretil tanta graça emprestaram, o ano passado, á festa tradicional ao deus da folia, hontem, como domingo, não deram o ar da sua graça, permitindo, assim, que somente alguns automoveis, desprovidos de qualquer originalidade alegorica, constituissem o corso de hontem á tarde (...) ¹³⁵.

O desapontamento do articulista do jornal “Gazeta de Notícias” na segunda-feira de carnaval era com a não-presença dos ilustres foliões nas ruas no sábado e no domingo de carnaval de 1933. O sábado, na década de 1930, passou a fazer parte das loucuras carnavalescas, pois, até o final da década de 1920, o carnaval tinha como dias de pagodeira o domingo, a segunda-feira e a terça-feira. As cobranças e os reclames para o comparecimento dos “entusiastas folgasões” era uma forma de trazer para o carnaval das ruas o luxo e o *glamour* experimentados nos carnavais passados, tanto que uma das críticas do articulista era que os automóveis não tinham originalidade alegórica. No alto dessa matéria, estava a seguinte manchete: “O Corso de hontem - As

¹³⁴ Gazeta de Notícias, 26/2/1933.

¹³⁵ Gazeta de Notícias, 28/2/1933.

festas nos clubes - Espera-se compareçam ao desfile hoje grupos do 'Iracema' e do - 'Ideal' -" ¹³⁶.

Depois dos acontecimentos do ano de 1931, a imprensa procurava arregimentar e sensibilizar os foliões dos blocos dos grandes clubes para saírem às ruas nos dias de carnaval. Os periódicos procuravam justificar o abandono dos desfiles pelas ruas, por parte dos ilustres foliões e dos seus blocos, por causa das dificuldades financeiras, mas os mesmos jornais noticiavam as ricas festas que ocorriam nos clubes.

Após os incidentes de 1931, ocorreram algumas intervenções urbanas, realizadas por homens da política, que deixam entrever um interesse de redefinir os espaços para os festejos nas ruas. Com tais medidas, percebe-se que o poder público buscava reordenar o carnaval a partir de interesses particulares. Ao analisar duas dessas interferências, enxerga-se a preocupação em redirecionar o carnaval que ocorria nas ruas.

A primeira está relacionada ao coreto da praça do Ferreira, construído na década de 1920 pelo prefeito Godofredo Maciel. A segunda diz respeito ao deslocamento do itinerário do desfile da praça do Ferreira.

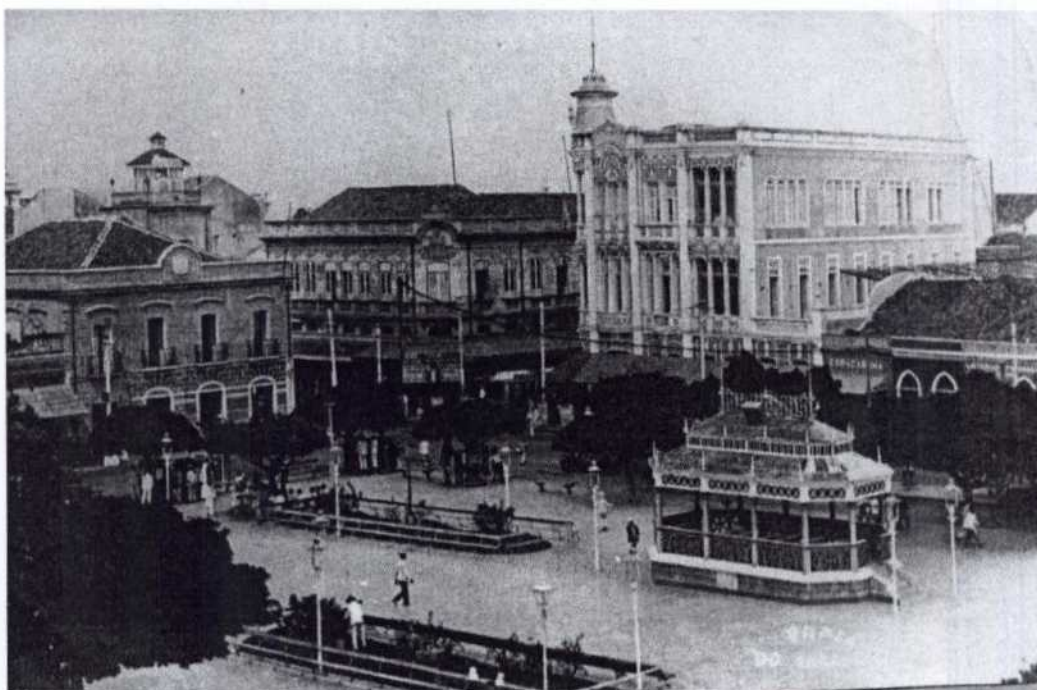


Foto 1. O Coreto da Praça do Ferreira – (Acervo – MIS)

¹³⁶ Idem.

No ano de 1933, o então prefeito Raimundo Girão efetuou a retirada do coreto da Praça do Ferreira. O prefeito, em uma de suas obras literárias, faz algumas apreciações sobre a praça do Ferreira. Especificamente em relação ao coreto, faz o seguinte comentário:

(...) o tão famanaz coreto, grosso, acaçapado e desgracioso, que o Prefeito Godofredo Maciel mandara erguer, para lugar de concêrto das filarmônicas, quando reformou a Praça, e o Prefeito Raimundo Girão desmanchou, em 1933, substituindo pela 'Coluna da Hora'.¹³⁷

Essa atitude do prefeito foi mais do que uma simples promoção política. Havia uma grande preocupação com o número de pessoas que se aglomeravam em torno do coreto na praça do Ferreira durante os dias de carnaval, preocupação que se agravou depois dos acontecimentos do ano de 1931. As bandas de música tocavam por várias horas no coreto e atraíam os foliões das mais diferentes partes da cidade. Mas esse, também, era ponto para políticos adversários, em tempos de eleições ou em alguma disputa partidária, engalfinharem-se.

O prefeito¹³⁸, como tantos outros foliões que começavam a intensificar os festejos carnavalescos dentro dos clubes, não tinha mais interesse em patrocinar e organizar os festejos na praça do Ferreira. A retirada do coreto foi um golpe nos festejos carnavalescos que ocorriam na aludida praça, pois as bandas não tinham mais o coreto como palco para tocarem nas noites carnavalescas. E os foliões que para lá se dirigiam não tinham mais os sons que emanavam dos metais dos músicos. Entretanto, vale anunciar que os sons, no decorrer dessa década, terão outros protagonistas, além das bandas marciais, e outros ritmos, como ficará explícito mais adiante.

O coreto onde muitas bandas marciais tocaram estava destoando do lugar próprio que os idealizadores de uma cultura urbana procuraram instituir e, também, não estava mais atendendo aos seus interesses durante o carnaval. A banda ficava tocando para os sujeitos que permaneciam na praça do Ferreira até tarde da noite, pois, logo depois do desfile pelas ruas, os ilustres foliões

¹³⁷ **GIRÃO**, Raimundo. A Praça do Ferreira. In: *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959, p. 200.

¹³⁸ Raimundo Girão era sócio de um dos mais afamados clubes da cidade, o Iracema.

divertiam-se nos recintos dos clubes com as orquestras tocando os foxes, os ragtimes e alguns sambas. Então a beleza do coreto era mais apreciada pelos foliões que ficavam se acotovelando e brincando na praça. Para os ilustres foliões, como o prefeito, ele era “grosso, açaçapado e desgracioso”. Existia a intenção de direcionar o carnaval de rua para outro espaço que não fosse mais a praça do Ferreira.



Foto 2. Coluna da Hora (Acervo – MIS).

Na praça do Ferreira, Raimundo Girão mandou erguer a Coluna da Hora, da qual o mesmo tanto se orgulhava. O coreto marcava e era símbolo do tempo da festa, pois o mesmo foi, por muito tempo, uma referência do carnaval na praça do Ferreira. O coreto guardava marcas das festas carnavalescas no coração da cidade e era um guardião dos amores, dos conflitos e das memórias dos carnavais na praça. Era nele que estavam impressas as muitas identidades que circulavam naquele logradouro, tanto em dias de carnaval como no dia-a-dia dos fortalezenses. A Coluna da Hora, pelo contrário, marcava o ritmo do tempo cotidiano dos cidadãos e imprimia, na referida praça, uma dimensão da lida diária dos sujeitos. Essa coluna relacionava-se com a

própria dinâmica comercial que os homens de negócio idealizavam para o centro urbano da cidade, mas o centro continuou guardando, nas antigas ruas, nos antigos sobrados e em outros artefatos da cidade, fantasmas que assombravam quando os dias de carnaval chegavam.

O desmonte do coreto, efetuado pelo prefeito Raimundo Girão, não impediu que os foliões continuassem festejando o carnaval na praça do Ferreira. Por mais que os desfiles, em meados da década de 1930, começassem a percorrer outras ruas de Fortaleza, a praça ainda era um referencial do carnaval das ruas da cidade. Porém, era um referencial que estava ganhando outros contornos e outros significados que não correspondiam aos interesses dos ilustres foliões que um dia idealizaram, planejaram e elaboraram uma identidade para a praça do Ferreira. Muitas identidades negadas e vilipendiadas começavam a emergir e a ganhar destaque nas ruas nos dias de carnaval, por isso era necessário destruir o coreto, como forma de redirecionar o carnaval para outro lugar que não fosse o idealizado pelos homens de destaque da sociedade.

O mesmo prefeito foi bastante criticado no ano de 1934 por ter efetuado uma mudança no carnaval da cidade. Mudança essa que demonstra, mais uma vez, o interesse de pôr os novos protagonistas do carnaval de Fortaleza longe da praça do Ferreira.

Haja vista que estas intervenções do poder público efetuaram-se em um momento em que os segmentos médios e menos favorecidos conquistavam os espaços que até então eram desfrutados pelos segmentos abonados.

Inumeras reclamações nos têm chegado quanto ás disposições em que se encontra o sr. Prefeito Municipal, no sentido de modificar o antigo itinerário do curso carnavalesco para as ruas Major Facundo e Floriano Peixoto ¹³⁹.

E o articulista termina da seguinte forma:

O grande movimento carnavalesco de Fortaleza é na Praça do Ferreira e para a principal arteria da cidade é que o povo acorre expontaneamente. Querer mudar-lhe os habitos e contrariar-lhe os

¹³⁹ A Rua, 10/2/1934.

desejos é procurar impopularizar-se. Mas se o Prefeito assim o quer, assim seja...¹⁴⁰.

A insatisfação do jornal com a medida adotada pelo “Sr. Prefeito” poderia até ser reflexo de uma disputa política, mas deixa transparecer o intuito de distanciar os foliões da praça do Ferreira. No entanto, era também uma forma de o prefeito efetuar a propaganda de seu governo, pois estava mandando pavimentar as principais ruas da cidade com concreto ou com paralelepípedos. Entretanto, o trecho das ruas a que se refere o articulista do jornal “A Rua” não é o compreendido nas imediações da praça do Ferreira. A insatisfação também era pelo fato de, nesse trecho, existir um grande número de lojas comerciais que, nos dias de carnaval, fechavam as portas, diferentemente das imediações da praça onde existiam os cafés e restaurantes que sempre ficavam abarrotados de foliões.

O carnaval da praça do Ferreira já não tinha mais o mesmo luxo dos carnavais de outrora, mas as políticas para revitalizar o carnaval do curso sempre vinham à tona no início dos anos de 1930. Muitos foliões ligados aos velhos tempos do carnaval, que era monopolizado por políticos, comerciantes, intelectuais e homens de imprensa, esforçavam-se em reivindicar um carnaval de luxo para a cidade.

Todavia, homens como Raimundo Girão percebiam que os protagonistas da festa carnavalesca não eram mais os mesmos do início dos anos de 1920. Os segmentos médios, a cada ano que passava, roubavam a cena e abriam alas para os segmentos menos favorecidos de Fortaleza. A imprensa da cidade, seguindo o exemplo do Rio de Janeiro, intensificava a divulgação dos novos grupos que obtinham destaque nos carnavais de rua de Fortaleza.

Porém, alguns incidentes na praça do Ferreira, no carnaval de 1935, chocaram a cidade. Esses acontecimentos amedrontaram, ainda mais, os ilustres foliões que presenciavam nesses anos de 1930 a ocupação da praça do Ferreira por foliões que, até então, não tinham destaque nos dias de folia.

O jornal “Correio do Ceará”, em 1935, publicou algumas medidas baixadas pela instituição mantenedora da ordem, a Delegacia Auxiliar. Essas

¹⁴⁰ Idem.

medidas estavam organizadas em sete providências, algumas dessas eram as seguintes:

- a) Fica expressamente proibido o uso de mascaras; b) Os blocos e cordões carnavalescos só poderão percorrer as ruas da cidade com licença prévia concedida pela Delegacia Auxiliar; e) É rigorosamente proibido o uso de quaisquer armas; g) Será levado á Delegacia todo aquelle que for encontrado embriagando se com lança-perfume

¹⁴¹.

Essas providências, estabelecidas pela Delegacia Auxiliar nesse ano de 1935, não foram obedecidas por alguns foliões que estiveram na praça do Ferreira. No dia seis de março de 1935, uma quarta-feira de cinzas, alguns periódicos publicaram, em negrito, manchetes que chamavam a atenção dos transeuntes que passavam em frente aos pontos de venda de jornais. Um articulista do "Correio do Ceará" disse o seguinte "(...), junto a nossa redação, começou a se concentrar grande numero de pessoas, á procura de exemplares da edição do 'Correio do Ceará'" ¹⁴².

A manchete do jornal "Correio do Ceará" era a seguinte: "Uma nota sangrenta e trágica na última noite carnavalesca em Fortaleza" ¹⁴³. O jornal "O Nordeste" tinha como manchete: "Momentos de terror na Praça do Ferreira" ¹⁴⁴. O jornal "A Rua" começava a matéria com a seguinte manchete: "Sangrenta tragedia que quebra a alegria dos folguedos carnavalescos" ¹⁴⁵. As matérias que se desenrolavam logo após as manchetes descreviam e narravam o momento de pânico do dia cinco de março de 1935.

Os motivos dos incidentes da noite do dia cinco de março foram atribuídos à discussão entre dois civis, que, logo em seguida, ocasionou uma altercação entre soldados da Guarda Cívica e soldados do Exército que faziam o policiamento da praça do Ferreira naquela terça-feira de carnaval.

Entretanto, o jornal "O Nordeste" e outros mostram que o tiroteio ocorrido na terça-feira de carnaval pode ter sido por conta de uma vendeta.

¹⁴¹ Correio do Ceará, 1/3/1935.

¹⁴² Correio do Ceará, 7/3/1935.

¹⁴³ Correio do Ceará, 6/3/1935.

¹⁴⁴ O Nordeste, 6/3/1935.

¹⁴⁵ A Rua, 7/3/1935.

O militar sobre quem os três phantasiados atiraram abruptamente, fulminado-o, era o 2º sargento da Guarda Cívica, Raimundo Correia Lima, natural de Morada Nova.

Ha meses esteve envolvido no assassinato do commerciante Luis Marques, facto occorrido em Maranguape, pelo qual chegou a responder a processo ¹⁴⁶.

Pelas manchetes que foram destacadas, percebe-se o pandemônio ocorrido na praça do Ferreira no último dia de carnaval, já que, além do 2º sargento da Guarda Cívica, Raimundo Correia Lima, morreram: Eldair Correia Lima, guarda cívico, e Marcos Ribeiro Magalhães, guarda de veículos. Muitos foram os feridos que estavam na praça do Ferreira no dia do incidente. O carnaval da cidade que era pintado, por cronistas e articulistas, na década de 1920, como sendo uma festa pacata parecia não ser mais o mesmo.

No entanto, na segunda-feira de carnaval, um dia antes do tiroteio do dia cinco, apareceu nas ruas da cidade um grupo de foliões que provocou irritações nos militantes simpatizantes do integralismo no Ceará.

Que os autos dão notícia verdadeira dos elementos que pretendiam perturbar a ordem publica, elementos esses que eram conhecidos desordeiros, aliados a elementos da Policia, entre estes diversos secretas, e todos juntos formaram um bloco carnavalesco denominado 'Galinha Verde', nome esse que por si só exprime a intenção agressiva desses mesmos elementos, bem como o seu crédito comunista;

Que esse bloco 'Galinha Verde' conduzia um estandarte com uma galinha pintada de verde e visava, realmente, insultar e provocar elementos dos exercito, tidos como simpatizates do integralismo, sendo que referido estandarte ostentava pintada a cabeça do Revmo. Pe. Helder Camara, então figura de destaque do sigma ¹⁴⁷.

Esse grupo saiu pelas ruas ostentando um estandarte com o rosto do padre Helder Câmara, que era um expoente do movimento integralista no Ceará. A insatisfação provocada por esse bloco que circulou as ruas do centro da cidade está estampada em alguns depoimentos no processo criminal. No depoimento de José Pedro de Carvalho ¹⁴⁸, que tinha 43 anos de idade e era auxiliar de comércio, consta que os organizadores do bloco eram: Jacó Moura (O Pintor), José Carvalho e Capitão Newton. No trecho citado acima, consta

¹⁴⁶ O Nordeste, 6/3/1935.

¹⁴⁷ APEC, Fundo: Justiça Federal; Série: Ações Criminais; Sub-série: Ferimentos, Caixa 13, processo 1939/04.

¹⁴⁸ Idem.

que os “desordeiros” estavam aliados a alguns elementos da polícia e que, juntos, comungavam do credo comunista. Isso demonstra que diversos grupos, mesmo com as providências da Delegacia Auxiliar, que proibia a formação de grupos sem consentimento prévio, formavam-se pelos quatro cantos da cidade. Os ditos comunistas aproveitaram-se dos momentos festivos para proferirem pilhérias contra os integralistas, que tinham muitos adeptos nas corporações do Exército¹⁴⁹.

O universo carnavalesco possibilita uma série de acerto de contas. Seja na forma de pilhérias provocadoras por parte dos comunistas em relação aos integralistas, ou sob a forma de três sujeitos travestidos de palhaços que assassinam um 2º sargento da Guarda Cívica, ou sob a forma da insatisfação de não poder comprar o aromático lança-perfume e ter que roubar de um vendedor.

Esses incidentes assustavam e amedrontavam os antigos organizadores dos festejos carnavalescos nas ruas da cidade, que se refugiavam nos luxuosos clubes. O tão ilustre carnaval da praça do Ferreira, no coração da cidade, começava a ser palco para novos protagonistas.

Outros protagonistas ganhavam destaque por parte da imprensa e apresentavam-se desfilando nos dias de folia com performances bem diferentes das apresentadas nos anos de 1920. Contudo, os segmentos abonados procuram não deixar que a imagem da praça do Ferreira, de coração da vida elegante da cidade, se perdesse. As medidas tomadas nos anos de 1933 e 1934, pelo então prefeito Raimundo Girão, podem ser uma amostra desse medo de que a praça do Ferreira fosse destituída de sua identidade e tomada pelos novos protagonistas. Então, era preciso redirecionar os festejos carnavalescos para outros espaços que não aquele, a praça do Ferreira, que fora pensado e organizado para atender aos interesses dos segmentos abonados.

A atenção dada pela imprensa para os protagonistas que se predispunham a sair desfilando pelas ruas em dias de carnaval aumentava a

¹⁴⁹ Os conflitos de cunho político partidário no decorrer da década de 1930 no país foram sentidos em várias cidades do país: em 1932, foi fundada a AIB; em 1933, há a reorganização do PCB; e, no começo do ano de 1935, foi lançada a ANL, que visava combater o fascismo e o imperialismo. Ver: **VIANNA**, Maria de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: *O Brasil Republicano*. Vol. 2. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003, pp. 64-105.

cada ano que passava. Diferentemente dos anos de 1920, em que a imprensa dispunha toda a atenção para os ricos blocos organizados por ilustres foliões, a imprensa, em meados dos anos de 1930, começou a ficar mais atenta aos foliões que não tinham tanta projeção social. Muitos desses foliões eram funcionários públicos, empregados do comércio, estudantes, dentre outros.

Para os novos protagonistas das festas carnavalescas nas vias públicas, as ruas eram mais do que simples espaços de circulação, eram, muitas vezes, extensões de suas casas e de seus ofícios. Os referenciais que esses grupos começavam a imprimir nas ruas da cidade, por muito tempo, foram negados. Muitos dos grupos carnavalescos que obtinham destaque desfilavam pelas vias públicas não mais ostentando ricas indumentárias ou mostrando os seus luxuosos automóveis com lindas ornamentações. E os sons dos desfiles eram mediados por aparelhos radiofônicos dispostos em janelas e sacadas, e por grupos de batucadas que se formavam pelos bairros da cidade.

2.1.2. Rádios e batucadas: os sons das ruas

A Ceará Rádio Clube, no carnaval de 1936, juntamente com a Associação Cearense de Imprensa (ACI), organizou diversos desfiles pelas ruas nos dias que antecederam o carnaval.

Como é sabido, o <<Ceará Rádio Clube>> tomou a iniciativa de intensificar e animar o carnaval de rua, este ano, estimulando, nesse objetivo, os diversos grupos de foliões com valiosos prêmios ¹⁵⁰.

A Emissora de Rádio convocava todos os grupos a comparecerem à sua sede, que se situava na rua Barão do Rio Branco, 1172. O jornal "Gazeta de Notícias" estampava a manchete: "A iniciativa carnavalesca de 'Ceará Rádio Clube'". A radiodifusão dará uma guinada na divulgação dos novos protagonistas do carnaval nesse período. E, como observou Fabiana da Cunha, sobre o advento do rádio: "Esse novo meio de divulgação terá um papel fundamental dentro da nascente indústria de entretenimento e passa a incluir em seus programas – no final da década de 1920 – músicas de caráter popular

¹⁵⁰ Gazeta de Notícias, 5/2/1936.

como o samba”¹⁵¹. Furtado Filho enfatizou que “O número de registros musicais, que mantinha um nível mais ou menos constante, sofria nos meses que antecediam o carnaval um acréscimo considerável”¹⁵². Foi nessa década que muitos sambistas do Rio de Janeiro “passaram a transitar no mundo do rádio e do disco, levando o samba para dentro da incipiente indústria musical de meios elétrico-eletrônico de maneira definitiva”¹⁵³.

A praça do Ferreira e a rua Major Facundo até o Passeio Público, regorgitava, desde cedo, de avultada multidão. Em cada esquina, um rádio fornecido pela Casa Dummar irradiava músicas carnavalescas. Uma iluminação profusa dava àquele trecho da rua um aspecto de movimentada avenida, onde uma multidão se locomovia sem perigo e o aborrecimento dos automóveis¹⁵⁴.

Esse fragmento permite que se enxerguem algumas mudanças no carnaval de rua da cidade. No parágrafo anterior, terminei comentando como o rádio foi um elemento importante para a divulgação de músicas como o samba e, durante alguns desfiles de 1936, alguns aparelhos radiofônicos foram postos nas esquinas do percurso praça do Ferreira-Passeio Público pela rua Major Facundo. Outro aspecto importante de se notar é o não uso de automóveis nos desfiles, pois estes começaram a ser feitos, especificamente, a pé, à moda dos “cordões” da década de 1920. O articulista do jornal “Gazeta de Notícias” enfatizou que a multidão se locomovia sem preocupação pelo percurso previamente acordado pelos organizadores. Essas mudanças na forma de festejar o carnaval nas ruas da cidade contribuiu para que um maior número de pessoas tomasse parte nos desfiles. Nas ruas pavimentadas pelo prefeito Raimundo Girão, como as ruas Major Facundo e Floriano Peixoto, muitos foliões dançavam, gingavam e pulavam ao som de sambas, marchinhas, batucadas e outros ritmos.

APELO AOS RADIOFILOS

O Ceará Rádio Clube e a A.C.I. pedem, por nosso intermédio, aos srs. proprietários de rádio que coloquem os seus aparelhos nas

¹⁵¹ DA CUNHA, Fabiana Lopes. *Da Marginalidade ao Estrelado: O samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: ANNABLUME, 2004, p. 44.

¹⁵² FURTADO FILHO, João Ernani. *UM BRASIL BRASILEIRO Música, Política, Brasilidade, 1930-1945*. São Paulo: USP, tese de doutorado, 2004, p. 41.

¹⁵³ NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 51.

¹⁵⁴ *Gazeta de Notícias*, 11/2/1936.

sacadas ou próximos a estas, afim de que fique o ambiente mais alegre no trecho que compreende o itinerario do desfile ¹⁵⁵.

A animação que era gerada pelos aparelhos radiofônicos nesse período pode ser percebida pela convocação dos radiófilos no carnaval de rua de 1936. A conclamação para que os proprietários de rádios disponibilizassem seus aparelhos nas sacadas de lojas e residências era uma constante em meados da década de 1930. A radiodifusão foi fundamental para difundir as músicas carnavalescas nos cantos das ruas da cidade. Mas é interessante frisar que o rádio “será um dos grandes responsáveis pela transmissão e consumo do samba pelas camadas médias a partir da década de 1930” ¹⁵⁶. Como se pode perceber, pelo “Apelo aos Radiofilos” nos dias de carnaval, muitas pessoas tinham acesso aos sambas. O papel dos segmentos médios nas transformações da forma de se festejar o carnaval em Fortaleza foi perceptível.

Entretanto, muitos dos sujeitos que festejavam ao som dos sambas e batucadas vindas do Rio de Janeiro, mediados pela radiodifusão, eram inerentes ao tecido urbano de Fortaleza, eram conhecedores dos segredos do mundo das ruas da cidade e logo começaram a mostrar os sons que estavam vindo das ruas fortalezenses, mas que não eram “novidades” como os rádios dispostos nas sacadas e portas dos imóveis.

(...) Ressuscitar o que devia ficar esquecido como atentatório ao belo [os Congos], quando a tendência é aperfeiçoar, não é razoável, bastando para desmoralização nossa os rimadores do Morro do Pinto e da Favela que perpetram em linguagem urunga e bantu os sambas carnavalescos e não-carnavalescos (...) ¹⁵⁷.

Por meio do desprezo do articulista, enxergam-se alguns grupos que se predispunham a participar do carnaval em meados da década de 1930. A memória do atento articulista reporta-se aos “Congos” e, pelos indícios, enfatiza que os sujeitos eram integrantes dos subúrbios da cidade. Importante é lembrar que, pelos meados dos anos de 1930, a presença dos maracatus ¹⁵⁸ nos desfiles de carnaval da cidade firmou-se e, por meio desse fragmento,

¹⁵⁵ Gazeta de Notícias, 15/2/1936.

¹⁵⁶ DA CUNHA, Fabiana Lopes. Op. Cit., p. 152.

¹⁵⁷ Correio do Ceará, 15/01/1934.

¹⁵⁸ Em 1936, Raimundo Alves Feitosa, conhecido como Raimundo Boca Aberta, organizou o Maracatu Az de Ouro, que realizou seu primeiro desfile em 1937.

percebe-se que as melodias eram as mais diversas, fazendo com que o articulista lembrasse, pejorativamente, da “linguagem urunga e bantu”. Outra questão que se percebe é o destaque para os sambas “não-carnavalescos”, mostrando que, nas ruas de Fortaleza, estavam presentes outros ritmos e melodias que destoavam do que se passou a chamar de samba urbano nos anos de 1930¹⁵⁹. Pode-se inferir que esses sambas não-carnavalescos podem ser registros de sambas compostos por negros cearenses que já estavam presentes na cidade no final do século XIX. Esses afro-descendentes podem ter se aproveitado dos novos contornos que o carnaval de Fortaleza estava ganhando para imprimir seus referenciais culturais na cidade.

Nesse momento, vale ressaltar que o samba não pode ser visto de uma única forma, pois, partindo para as apropriações e recepções que os grupos sociais fazem do samba urbano na década de 1930, percebem-se os diversos significados empregados no samba pelos sujeitos. Os sambas e as músicas carnavalescas que eram escutados por intermédio dos rádios nas sacadas diferiam dos sambas e das músicas que emergiam das ruas, entretanto enxerga-se uma circularidade nos diversos sons e ritmos. O contato entre as estruturas rítmicas fazia-se presente nos dias de carnaval, fosse na cadência dolente dos Maracatus e dos Congos, fosse na síncope do samba com instrumentos de percussão.

Como se pode perceber, a novidade nas ruas da cidade não foram apenas os rádios que eram dispostos pelas ruas. Outros grupos que faziam bastante sucesso pelas artérias da cidade eram os que se autodenominavam de Escola de Samba. Em 1936, um grupo carnavalesco que obteve bastante sucesso nos desfiles pelas ruas foi a “Escola de Samba Prova de Fogo”. A animação foi geral no carnaval de 1936, pois, durante o itinerário deliberado

¹⁵⁹ Sobre o samba dos anos de 1930, é interessante ver o que Marcos Napolitano tem a dizer: “O tipo de samba conhecido como “Samba do Estácio” passou, a partir dos anos 30, a ser considerado o sinônimo de samba autêntico, de ‘raiz’. Seus primeiros compositores foram os ‘bambas’ Ismael Silva, Alcebiades Maia Barcelos (Bidê), Armando Vieira Marçal, entre outros.” **NAPOLITANO**, Marcos. Op. Cit., 2005, p. 51. Ainda sobre o samba da década de 1930, são importantes as observações de Fabiana da Cunha: “A turma do Estácio, formada por músicos provindos das camadas subalternas e descendentes de africanos, é defendida por muitos estudiosos como os que definiram estilisticamente o samba. A diferença rítmica deste novo tipo de samba estaria no fato de que este estilo estaria mais adaptado talvez às necessidades de um carnaval que se popularizava cada vez mais, tornando a festa mais ampla e movimentada.” **DA CUNHA**, Fabiana Lopes. Op. Cit., p. 138.

pela comissão organizadora, a “Escola de Samba Prova de Fogo” animou os foliões com ritmos alucinantes.



Foto 3. “Escola de Samba Prova de Fogo” – Carnaval 1936 (Acervo – Prefeitura)

O desfile começava no Passeio Público, passando pelas ruas Major Facundo, Guilherme Rocha, Barão do Rio Branco até chegar à praça do Carmo. Em frente à Ceará Rádio Clube, foi montado um coreto onde a comissão julgadora assistia ao desfile e onde uma banda de música executava números carnavalescos nos intervalos das apresentações dos grupos.

A comissão julgadora¹⁶⁰ estabeleceu alguns requisitos para o julgamento, como fantasia, samba, letra, marcha, execução, entusiasmo, pois os sete primeiros lugares receberiam prêmios em dinheiro: 1º 1.000\$000; 2º 700\$000; 3º 500\$000; 4º 300\$000; 5º 200\$000; 6º 200\$000; 7º 100\$000. Os prêmios a serem dados aos grupos de foliões, como se pode perceber, não eram mais objetos ou artigos de moda como ocorria nos anos de 1920 e início dos anos de 1930, e sim dinheiro. Isso demonstra que todo aquele teatro de operações e toda aquela troca de favores elaborados pelos segmentos abonados foram-se perdendo com a presença dos novos protagonistas que enchiam as ruas com novos sons e ritmos.

¹⁶⁰ Essa comissão que foi designada pela ACI era composta por: Perboyre e Silva, Carlos Ramos, Paulo Sarasate, Clovis Matos e Rui Costa Sousa. A atenção que a imprensa estava dando aos grupos carnavalescos que, até então, não tinham destaque em Fortaleza pode ser percebida por essa comissão, pois era composta de homens da imprensa.

A comissão julgadora proferiu o seguinte resultado:

- 1º lugar 'Prova de Fogo'
- 2º << 'Marietas'
- 3º << 'Baianas'
- 4º << 'Comigo é na virada'
- 5º << 'Turma bamba'
- 6º << 'Se você quiser'
- 7º << 'Peraltas da Hora H'¹⁶¹.

O primeiro colocado foi a “Escola de Samba Prova de Fogo”, que saiu desfilando pelas ruas da cidade com instrumentos de percussão. Vinte dias antes da apuração da comissão julgadora, mais precisamente no dia cinco de fevereiro, o jornal “Gazeta de Notícia” lançava, em uma de suas páginas, a seguinte manchete: “Escola de Samba <<Prova de Fogo>> É quasi certa a batucada” ¹⁶². Essa manchete traz elementos interessantes para se pensar os ritmos e os sons das ruas nos carnavais dos anos de 1930 em Fortaleza.

Antes de mais nada, é importante enfatizar que o grupo carnavalesco “Prova de Fogo” teve muito sucesso no decorrer dos anos de 1930 por conta da sua batucada.

No final da década de 1920, precisamente em 1929, foi gravado o primeiro samba com instrumentos de percussão, chamado de “Na Pavuna” ¹⁶³. A historiadora Fabiana Lopes da Cunha¹⁶⁴ infere que havia a necessidade de se renovar os ritmos carnavalescos. A década de 1930 inicia com ritmos carnavalescos renovados, e o samba “Na Pavuna” foi classificado de “samba batucada” ou “choro de rua carioca”. A expressão “batucada” foi uma novidade durante os anos de 1930, pois, segundo Edigar de Alencar, até “1931, ao que parece, não registram os dicionários brasileiros o vocábulo – batucada” ¹⁶⁵. A batucada, segundo esse autor, tem um tríplice significado: o primeiro diz respeito à festa, ao batuque (dança); o segundo refere-se ao conjunto musical

¹⁶¹ Gazeta de Notícias, 25/2/1936.

¹⁶² Gazeta de Notícias, 5/2/1936.

¹⁶³ O Samba *Na Pavuna* foi composto por Almirante e Homero Dorneles. Foi gravado em 1929 pelo *Bando de Tangarás*, do qual Noel Rosa era integrante. Houve a utilização de instrumentos de percussão que as escolas de samba já usavam, como pandeiros, tamborins, cuícas, surdo, reco-reco e outros. Foi o primeiro samba que teve, em sua gravação, instrumentos de percussão. O Samba *Na Pavuna* abriu possibilidades para as composições que foram gravadas durante a década de 1930.

¹⁶⁴ **DA CUNHA**, Fabiana Lopes. Op. Cit.

¹⁶⁵ **ALENCAR**, Edigar de. *O Carnaval carioca através da música*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1979, p. 47.

de percussão; e o terceiro à composição musical que teria como ponto preponderante a percussão e a letra ajustada ao ritmo.

Como ficou explícito nos parágrafos acima, o contato com os ritmos e sons do carnaval carioca era intenso no meio urbano de Fortaleza, pois, com a radiodifusão, o processo foi acelerado. Por isso, não é de se estranhar que, pela cidade, músicos pertencentes a grupos carnavalescos, como o “Prova de Fogo”, começassem a introduzir nos carnavais de rua novos ritmos e novas nuances timbrísticas. A batucada, enquanto conjunto de ritmistas, dava uma grande animação ao carnaval de rua.

No carnaval de 1938, o jornal “Gazeta de Notícias” noticiava, no dia primeiro de março, que os grupos carnavalescos “Se você quiser” e “Vou ali e já volto” apareceram na redação do jornal “desacatando no pandeiro, no apito e no maracá”¹⁶⁶. Interessante que, nos anos de 1930, esses instrumentos destacavam-se nos carnavais de rua da cidade de Fortaleza, o que não acontecia durante a década de 1920. Esses indícios permitem inferir que os novos protagonistas dos carnavais começavam, também, a tirar partido da imprensa para se firmarem nos festejos carnavalescos.

O amálgama de sons, ritmos e foliões apresentava-se, na visão dominante, como uma contra-ordem. Todavia, muitos jornais e clubes elegantes da cidade passaram a organizar e a promover concursos musicais nas vésperas dos dias de carnaval, o que demonstra, de certa forma, um interesse de pôr ordem no que se apresentava nas ruas e de instituir uma forma única para os sons e ritmos carnavalescos.

No mês de dezembro de 1936, o jornal “O Povo” organizou e promoveu um concurso de sambas e marchas produzidos por músicos cearenses para o carnaval de 1937. O concurso contou com quinze sambas e treze marchas, todas produzidas por músicos cearenses. Os envelopes foram enviados para o Rio de Janeiro aonde chegariam às mãos do jornalista Demócrito Rocha, que os entregariam ao juiz. O juiz não era nada mais, nada menos do que o autor de “*Aquarela do Brasil*”, Ari Barroso. No dia nove de janeiro de 1937, o jornal mostrava a seguinte manchete: “O Laudo de Ari Barroso é um Documento altamente honroso para os musicistas cearenses – A Rádio Cruzeiro do Sul vai

¹⁶⁶ Gazeta de Notícias, 1/3/1938.

orquestrar as composições vitoriosas”¹⁶⁷. O músico Ari Barroso era o “speaker da Hora H” da emissora Cruzeiro do Sul e, no ano de 1937, o seu samba “*No tabuleiro da baiana*” foi impresso no jornal “O Povo”. A marcha vencedora foi “Eu sei o que é”. Mas as atenções voltaram-se para o samba vencedor, que, além de ganhar dois contos de réis, foi muito elogiado por Ari Barroso. O samba vencedor foi “Eis o meu samba”, do músico Lauro Maia.

Percebe-se que as mudanças no carnaval durante a década de 1930 são bastante significativas. A própria renovação dos ritmos carnavalescos deu uma nova roupagem aos festejos carnavalescos nas ruas da cidade. O grupo “Escola de Samba Prova de Fogo”, no carnaval de 1937, por exemplo, saiu às ruas tocando um samba que tinha como compositores: Assis Murad, Manoel Rebolça e Luiz Pimentel, intitulado de “Bebida, Mulher, Orgia”¹⁶⁸. Esse samba exaltava a malandragem. A repressão a essas composições que elevavam a malandragem foi sentida com maior vigor a partir de 1939, com a implantação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) pelo Estado Novo. Contudo, mesmo antes do DIP, a fiscalização das composições e dos grupos carnavalescos já era sentida, pois a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) baixava algumas medidas a serem obedecidas nos dias de folia.

a) proibição de trajes ou fantasias que, por seus característicos, venham ou possam confundir-se com as vestes eclesiásticas ou fardamentos militares, extensiva também aos ornamentos que, por seu caráter simbólico ou alusivo, venham ou possam exprimir idéia subversiva ou imoral; b) registro prévio, na Delegacia de Ordem Política e Social, dos blocos que desejarem participar dos folguedos carnavalescos; c) censura antecipada das letras de canções, dos estandartes e dos programas dos blocos; d) rigorosa repressão á aspiração de lança-perfume e ao lançamento de fogo nos respectivo esguichos; e) proibição do uso de mascaras depois das 18 horas; f) cassação do porte de armas nos dias 18, 19, 20 e 21 de fevereiro próximo, sob pena de ser enquadrado o infrator na Lei de Segurança Nacional; g) proibição de venda de lança perfume nas pensões alegres¹⁶⁹.

No meio da ordem e da desordem, novos ritmos, sons e foliões foram tomando conta das ruas da cidade durante os dias de carnaval. As medidas do

¹⁶⁷ O Povo, 9/1/1937.

¹⁶⁸ O Povo, 16/1/1937.

¹⁶⁹ Gazeta de Notícias, 1/2/1939.

DOPS abrem margem para que se enxergue a participação de vários grupos no carnaval de rua, mesmo mediante controle.

Foi nesse “campo de sugestões” que homens, mulheres, crianças e velhos dos mais diferentes segmentos sociais, nos dias de carnaval, negociaram os espaços da cidade. Os segmentos médios formando e organizando grupos para desfilarem nos dias de carnaval acabaram abrindo espaço para sujeitos vindos dos estratos menos favorecidos da cidade. Estes, juntamente, com as camadas médias, aproveitavam-se das ocasiões para conquistarem as ruas da cidade nos dias de carnaval.

Os novos protagonistas que desfilavam pelas ruas da cidade com instrumentos de percussão faziam os corpos reboarem e requebrarem. O som da batucada, enquanto conjunto musical, mostrava os sons que estavam emergindo das ruas. A influência “arreatadora dos sambas”, seja por meio dos aparelhos radiofônicos, seja pelas bandas marciais ou pelos grupos carnavalescos era irresistível. A fusão de gêneros musicais, como os batuques, o maxixe, o choro, dentre outros, juntamente com a “síncope que desestrutura o compasso dentro da música, pois o tempo fraco se prolonga no tempo forte seguinte” ¹⁷⁰, “surgiu para o público como uma grande novidade, de sabor exótico e ainda mais sensual e ritmada, dando mais ginga e flexibilidade ao corpo que segue o som na dança” ¹⁷¹.

Os sons e os ritmos das ruas durante os anos de 1930 eram muito diferentes dos sons e ritmos dos anos de 1920, que tinham uma percussão mais sutil, até porque as bandas marciais e as orquestras, por exemplo, compostas basicamente por instrumentos de sopro (clarinete, trombone, trompete e pistons) e contrabaixo, deixavam os sambas sem marcação percussiva, o que vai mudar na década de 1930. Então, os desfiles nas ruas nos anos de 1930 destoavam bastante dos desfiles do curso dos anos de 1920. Os segmentos apegados aos comportados desfiles dentro dos luxuosos automóveis viam as ruas serem conquistadas por marcações percussivas mais

¹⁷⁰ **DA CUNHA**, Fabiana Lopes. Op. Cit., p. 138. Esta citação faz parte da nota de rodapé 31 da aludida página.

¹⁷¹ Id. Ibidem p. 139.

fortes e corpos mais flexíveis e ágeis. E, como inferiu Dilmar, “(...) o tempo fraco do samba é contra-ordem, vista como desordem na ótica dominante”¹⁷².

Porém, a flexibilidade e agilidade de muitos foliões não terminavam nas ruas, pois muitos eram os estabelecimentos que permaneciam com as portas abertas para recepcionar os grupos de notívagos que se dispunham a festejar o carnaval.

2.2. Entre ruas e travessas: foliões nos cafés, cabarés e bodegas

Travessas permitem que o olhar resvale, por sobre degraus sujos, para dentro de botequins, onde bebem três ou quatro homens sentados, isolados e ocultos atrás de tonéis como se fossem colunas de igreja (**Walter Benjamin**).

Ao me deparar com os processos criminais, percebi a existência de vias públicas que carregavam um topônimo que denotava perigo. Nesses documentos, encontrei alguns incidentes na travessa das Trincheiras que, também, era chamada de Beco das Trincheiras. Na travessa das Trincheiras, muitas contas foram acertadas, e muitos crimes foram cometidos em dias de carnaval. O memorialista João Nogueira dá uma explicação para a origem do nome dessa travessa que não se relaciona diretamente ao sentido violento que remonta a palavra “trincheiras”. Segundo esse memorialista, nessa travessa morava, pelos idos do século XIX, o sr. Cavalcante, que era apelidado de “Trincheiras”, apelido que se estendeu para as suas irmãs que ficaram conhecidas, também, pela mesma alcunha. Contudo, o nome só pegou porque o sr. Cavalcante promovia em sua casa “freqüentes reuniões e folguedos aos quais compareciam os moços daquele tempo”¹⁷³. A travessa das Trincheiras guarda, no seu topônimo, uma memória de festas, pois foi por causa dos

¹⁷² **MIRANDA**, Dilmar Santos de. *Tempo da Festa x Tempo do Trabalho: transgressão e carnavalização na belle époque tropical*. USP-SP, Tese de Doutorado, 2001, p. 303.

¹⁷³ **NOGUEIRA**, João. O Cajueiro do Fagundes – As Ruas das Trincheiras e do Fogo. In: *Fortaleza Velha*. Fortaleza: PMF/UFC, 1981, pp. 104-110.

folgedos promovidos pelo sr. Cavalcante, conhecido como “Trincheiras”, que a referida via ficou assim denominada¹⁷⁴.

A travessa das Trincheiras, pelo que tudo indica, era utilizada por muitos foliões como um atalho para chegar e sair da praça do Ferreira. Entretanto, quando os foliões não interrompiam o caminho, por conta de algum incidente, buscavam algum estabelecimento para “matar o bicho”¹⁷⁵, pois a travessa das Trincheiras ligava, de certa forma, os cafés da praça do Ferreira às bodegas da rua 24 de Maio e aos cabarés da rua Barão do Rio Branco, que ficavam do lado oposto da praça.

Todavia, um incidente ocorrido no carnaval de 1932 pode dar uma idéia das relações perigosas que se estabeleciam nas travessas, quase sempre, desertas e pouco iluminadas.

Na noite de nove (9) do, corrente, quando as festas carnavalescas iam sobremodo animadas na Praça do Ferreira, na Travessa das Trincheiras, dois (2), indivíduos engalfinharam-se em luta corporal(...)
¹⁷⁶.

O trecho acima faz parte do relatório policial feito na Segunda Delegacia da Capital. Os dois indivíduos a que se refere o escrivão eram o jornalista Pedro Faustino de Brito (que era operário da Fábrica São Luiz e residia na rua do Imperador) e o vendedor de redes Pedro Costa Gadelha, residente no Arraial Moura Brasil.

No auto de declarações de Pedro Faustino Brito, que fora acusado, consta que: “Começou a matar o bicho junto com o seu companheiro, quando este em dado momento, começou a esbofetea-lo e em defesa puchou o punhal para ele dando-se o fáto do ferimento”¹⁷⁷. Já no auto de declarações de Pedro Costa Gadelha, que fora ofendido, consta que “o fáto se deu na ocasião

¹⁷⁴ Segundo o Historiador Antonio Luiz, “Referir-se às ruas por meio de seus moradores mais conhecidos, ou situar-se através de edificações singulares, era uma maneira eficaz de se orientar no espaço urbano, inclusive tendo em conta o fato de que, em meados do século XIX, a maioria da população de Fortaleza era analfabeta, dificultando a consulta às placas de ruas (...)”. **SILVA FILHO**, Antonio Luiz Macedo e. *Fortaleza Imagens da Cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001, p. 55. A Travessa das Trincheiras é hoje a conhecida Rua Liberato Barroso que, nos anos de 1930, já tinha esta denominação, mas os moradores, já por este tempo da década de trinta, teimavam em recordar o apelido do festeiro sr. Cavalcante.

¹⁷⁵ “Matar o Bicho” é muito recorrente nos depoimentos quando se refere a tomar cachaça.

¹⁷⁶ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-Série: Ferimentos, Caixa 22 1931/08. É importante enfatizar que na catalogação a referência é 1931, mas o processo crime é de 1932.

¹⁷⁷ Idem.

discutiam acerca de quem dos dois devia pagar um pouco de aguardente, no primeiro estabelecimento encontrado; que não conhecia antes seu agressor (...)”¹⁷⁸.

Uma das testemunhas arroladas no processo foi Francisco Alves de Lima¹⁷⁹, que era empregado de um café, talvez na praça do Ferreira, pois este estava saindo da citada praça pela travessa das Trincheiras, indo para casa, pois morava na Vila Peixoto. Este disse que viu os dois engalfinhando-se na travessa. Francisco Alves da Silva¹⁸⁰, que era chofer, vinha da rua Barão do Rio Branco, rumando para a praça do Ferreira (talvez saindo de um cabaré e indo para um café nas imediações da praça do Ferreira) quando, também, deparou-se com os dois contendores. Francisco Alves de Lima pediu para que Francisco Alves da Silva fosse chamar a polícia.

É importante especificar que o horário da referida contenda foi às 22 horas, esse indício é interessante para enxergar como em dias de carnaval alguns foliões permaneciam nas ruas, travessas e becos até altas horas da noite, desobedecendo aos Editais Policiais, que estabeleciam o horário das festas até às 21 horas. A procura pelos cabarés, cafés e bodegas da cidade era intensa nos dias do reinado de Momo. E as travessas, os becos e as ruas eram canais que serviam de elo para que os foliões adentrassem nos espaços considerados “malditos” pelo poder público. O universo dos espaços destinados aos foliões-boêmios era cheio de surpresas e segredos.

Mas Pedro Gadelha não quis pagar a aguardente e Pedro Faustino começou a discutir. No meio do conflito entre os dois, o segundo deu uma punhalada no primeiro. Logo em seguida, chegaram dois guardas cívicos, avisados da altercação por Francisco Alves da Silva, os quais deram voz de prisão aos dois.

A contenda ocorreu no quarteirão entre a rua Major Facundo e Barão do Rio Branco, demonstrando que a travessa das Trincheiras era uma rua transversal que ligava duas outras ruas importantes para a vida social da cidade¹⁸¹. A travessa das Trincheiras, mais do que uma rua transversal,

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ FERREIRA, Sérgio Buarque de Holanda. *Mimi Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

configurava-se como os “restos de passados que se foram”¹⁸² e que possibilitava “nas ruas, escapadelas para um outro mundo”¹⁸³. A travessa destoava, bastante, das largas avenidas que o poder público procurava instituir durante esse período. As travessas eram fantasmas da cidade que continuavam teimando em possibilitar que muitos foliões efetuassem escapadelas às escondidas para chegar ao mundo dos cafés, dos cabarés e das bodegas, que funcionavam geralmente em antigos sobrados.

Muitas das vias públicas, estreitas e tortas, foram alargadas e calçamentadas por conta do próprio desenvolvimento comercial da cidade nos primeiros anos do século XX. Mas, mesmo assim, no centro da cidade, que era o espaço mais visado pelo poder público, “‘velhas pedras’ renovadas se tornam lugares de trânsito entre os fantasmas do passado e os imperativos do presente. São passagens sobre múltiplas fronteiras que separam as épocas, os grupos e as práticas”¹⁸⁴.

Havia a necessidade de racionalizar os espaços da cidade para que o fluxo de pessoas, mercadorias e automóveis fosse dinamizado. A década de 1920 em Fortaleza foi um momento em que a penetração de capital e de técnica estrangeira se fez sentir com maior intensidade. O historiador Raimundo Girão, na obra *Geografia Estética de Fortaleza*, afirma que a partir dos anos 20:

Viu-se, de uma hora para outra, a gente prata-de-casa em mistura com dolicocefalo louros e pretos barbadeanos, americanos, ingleses (...) arrotando fama de técnico, (...). Eram engenheiros e empregados das firmas Dwight P. Robinson & Co., Inc. e da Norton Griffiths & Co. Ltde., instalando maquinaria e andando para lá e para cá, com suas roupas e caras diferentes.¹⁸⁵

Contudo, o contato da “gente prata de casa” com as novidades vindas de outros países criou a necessidade urgente de equipar a cidade e os corpos com símbolos que denotassem que Fortaleza era uma cidade moderna e civilizada. Acredito que um desses símbolos eram os cafés, que, espalhados

¹⁸² CERTEAU, Michel de GIARD, Luce. Os Fantasmas da Cidade. In: *A Invenção do Cotidiano: 2 Morar, Cozinhar*. 3ª Edição. Petrópolis: EDITORA VOZES, 1996, p. 191.

¹⁸³ Id. Ibidem.

¹⁸⁴ Id. Ibidem., p.194.

¹⁸⁵ GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa da Universidade Federal de Fortaleza, 1959, p. 354.

pela área central da cidade¹⁸⁶, eram ponto certo de encontro da “gente prata de casa”. Espaços utilizados por políticos, intelectuais, comerciantes e industriais para reuniões e discussões sobre política, literatura e outros assuntos.

Acredito que seja importante fazer algumas apreciações sobre as edificações desse período da área central da cidade. Para isso, são interessantes as medidas tomadas pelo poder municipal por meio do Código Municipal de 13 de dezembro de 1932. No que diz respeito à altura dos prédios, esse Código diz, no artigo 225, o seguinte:

Nas construções e reconstruções de prédios às ruas Floriano Peixoto, Major Facundo e Barão do Rio Branco, no trecho compreendido entre a praça dos Mártires e a rua Pedro Pereira; á rua General Bezerril entre as ruas João Moreira e Pedro Borges; á rua Sena Madureira entre á Avenida Pessôa Anta e a rua Pedro Borges; ás ruas João Moreira, Castro e Silva, Senador Alencar e S. Paulo, no trecho compreendido entre a rua Sena Madureira e a rua Barão do Rio Branco; á rua Guilherme Rocha, entre a rua do Rosário e a praça Marquês de Herval; á travessa do Crato, entre a rua Sena Madureira e a rua Floriano Peixoto; á Avenida Pessôa Anta, entre a avenida 3 de outubro e rua Barão do Rio Branco; á rua Liberato Barroso, entre as ruas Major Facundo e Barão do Rio Branco; e á rua Pedro Borges, entre a rua Major Facundo e a rua Sena Madureira – somente serão permitidos sobrados¹⁸⁷.

A área circunscrita pelo Código Municipal da cidade corresponde ao perímetro central de Fortaleza. A maior parte dos estabelecimentos comerciais situava-se nessa área da urbe e, também, alguns estabelecimentos utilizados para a diversão dos fortalezenses. Muitos cafés, durante os anos de 1920 e 1930, localizavam-se nessa área central da cidade, como o Café Riche, que estava de acordo com as medidas deliberadas no Código Municipal, pois funcionava no antigo sobrado do comendador José Antônio Machado, construído em 1825.¹⁸⁸

O memorialista Otacílio de Azevedo¹⁸⁹, por meio de suas lembranças, dá indícios de como era um café, a partir de uma descrição do Café Riche, que

¹⁸⁶ A área central da cidade situava-se entre as avenidas do Imperador, Duque de Caxias e D. Manuel, tendo a praça do Ferreira como a principal praça da cidade.

¹⁸⁷ Prefeitura de Fortaleza – Código Municipal (Dec. N° 70, de 13 de Dezembro de 1932). Fortaleza: Tipografia Minerva, 1933, p. 61.

¹⁸⁸ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit., p. 296.

¹⁸⁹ AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza: UFC, 1992, p. 86. O memorialista, nessa obra, dedica quatro páginas para escrever sobre as suas lembranças relacionadas ao

funcionou nos idos anos 1920. O salão do café tinha uma tabacaria envidraçada que expunha os principais cigarros da época. Além destes, na tabacaria, também eram expostos para a venda charutos como Danemann e o Suerdick, muito famosos à época. No balcão do referido café, encontrava-se “uma corda com a ponta acesa para o uso dos fregueses”.¹⁹⁰ Raimundo Girão diz que:

Para maior bem estar da freguesia, eram colocadas, á tarde, mesinhas desarmáveis num tablado que avançava contra a rua Major Facundo, cobrindo a sargeta e, assim, ampliando a calçada. As mesas internas eram de mármore, oitavadas e de tripés de ferro prateado, imitando galhos retorcidos. Na alvura do mármore, quantas poesias não foram escritas, reproduzidas de memória ou ali mesmo improvisadas! Comumente, uniam-se duas ou mais bancas, a fim de acomodar-se a roda, bastante crescida, de **eventuais** desejosos de partilhar daquele radioso ambiente¹⁹¹. (destaque do escritor).

Os cafés eram espaços organizados e pensados para o sexo masculino. Muitas foram as rodas em que intelectuais, políticos e homens de negócios palestraram em cafés situados, em sua maioria, na parte térrea de antigos sobrados localizados nas proximidades da praça do Ferreira. Para esses homens, eram indispensáveis o fraque, a calça listrada, o rebenque ou a bengala em punho em lugares como os cafés. A busca por símbolos que demonstrassem distinção social era percebida pelos objetos expostos pelos segmentos abastados. Esses objetos, às vezes, eram apresentados como extensões do corpo. As bengalas, os chapéus, as calças listradas, os fraques, os rebenques e outros objetos davam o ar de “civilidade” e “modernidade” para uma cidade que ainda tinha hábitos, valores e costumes vindos do meio rural.

A praça do Ferreira era considerada o centro da vida elegante da cidade. O centro comercial de Fortaleza ocupava boa parte dos edifícios situados nas ruas Major Facundo e Floriano Peixoto nas imediações da Praça. Nos dias de carnaval, durante os anos 1920 e 1930 do século passado, era intensa a afluência de pessoas para a praça do Ferreira, pois, nessa praça, como já foi visto no item anterior, era realizado o desfile do curso, o que provocava a aglutinação de um grande número de foliões.

Café Riche (1913-1926), que durou até 1926, quando foi comprado pelo comerciante Plácido de Carvalho.

¹⁹⁰ Id. Ibidem.

¹⁹¹ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit., p. 280.

Muitos cafés que se localizavam nas ruas Major Facundo e Marechal Floriano Peixoto, em dias de carnaval, ficavam apinhados dos mais diferentes sujeitos. Não era raro ter, nos salões desses cafés, uma mesa de bilhar. A iluminação¹⁹² desses salões, até o início dos anos de 1930, era conduzida por finos canos de chumbo, que levavam o gás. Em muitos salões, também havia candelabros com pingentes belíssimos de cristal.

Raimundo Girão, lembrando-se de alguns desses cafés, recorda-se da confeitaria Glória, que funcionou de 1929 até 1937, no andar térreo do prédio do Paço da Intendência, e localizava-se entre a rua Floriano Peixoto e a rua Pará. Era ponto de encontro para reunião “da gente fina e centro de intensa movimentação intelectual”.¹⁹³

A “gente fina” a que se refere o escritor fazia parte de um segmento da sociedade que idealizava uma cultura urbana para a cidade de Fortaleza aos moldes das grandes capitais do mundo. Segmento esse que procurava instituir lugares próprios e estabelecer limites a partir das formas de se comportar, de andar, de se vestir, produzindo assim modelos de como agir nos espaços da cidade¹⁹⁴. Nos escritos de cronistas, memorialistas e de alguns articulistas do período, nota-se que a afirmação de identidades era realizada a partir de ações que produziam posições de sujeitos. Instituir lugares próprios era uma ótima forma para uma auto-afirmação dos segmentos abastados da cidade.

Esses cafés eram espaços nos quais políticos, intelectuais e profissionais liberais tinham oportunidade de promover e multiplicar as suas aparências. Eles jogavam com os seus bens, como roupas, objetos e muitos outros elementos que possibilitavam a difusão de novos comportamentos e novos hábitos. Assim, eles criavam, no meio do movimento e do anonimato, símbolos que os identificavam como sendo os provedores da “modernidade” e da “civildade”.

¹⁹² Otacílio de Azevedo, ao descrever o Passeio Público, no seu livro *Fortaleza Descalça*, lembra-se do gasômetro que se localizava nesse logradouro. Eram “(...) dois enormes cilindros de ferro, dentro de engradados, que desciam e subiam sob a força do gás que produziam.” AZEVEDO, Otacílio de. Op. Cit., p. 49.

¹⁹³ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit., p. 308.

¹⁹⁴ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Edição 3ª, Petrópolis, EDITORA VOZES, 1998.

Todavia, nos três dias de festa carnavalesca, os salões desses cafés ficavam repletos de fregueses que, muitas vezes, não pertenciam à “gente fina” que se reunia diariamente para palestrar sobre literatura e política.

No último dia de carnaval de 1932, Marcelino Marques foi preso em frente à calçada do café Rotisserie Sportman¹⁹⁵. A Rotisserie localizava-se na parte térrea do Palacete Ceará, que foi projetado em 1920, a pedido do banqueiro José Gentil, por João Sabóia Barbosa (1886-1972).¹⁹⁶

Antes de relatar os motivos da prisão de Marcelino pelos guardas cívicos da 2ª Delegacia de Polícia que estavam escalados para fazer o patrulhamento da praça do Ferreira e de ruas próximas, é interessante perceber alguns elementos do depoimento de Marcelino. O depoente estava na companhia de três amigos no salão do café Rotisserie quando:

(...) resolveram retiar-se dali, em face do ambiente de anormalidade que estava se formando pela exaltação de animo dos fregueses. Que assim sendo retiraram-se, mas o declarante chegando à calçada do referido café voltou novamente ao salão para ir procurar o chapéu de um dos seus companheiros.¹⁹⁷

O acusado estava em companhia de três amigos no café Rotisserie, que, segundo Raimundo Girão, ao falar deste café, “À noite, após o cinema, ornava-se a luxuosa casa de chá do que Fortaleza contava de mais escolhido, não sendo raro que intelectuais lá se reunissem”.¹⁹⁸ Nos autos do processo criminal, consta que Marcelino tinha como profissão a marcenaria, ou seja, era um artesão. O marceneiro Marcelino e seus companheiros estavam comemorando a chegada de Momo em um café que acolhia, depois de uma sessão de cinema no “Majestic” ou no “Moderno”, o “que Fortaleza contava de mais escolhido”.

É importante enfatizar que o acusado não era nenhum político e nenhum intelectual. Contudo, estava festejando o carnaval em um espaço pensado e organizado para o público masculino abastado. Isso permite enxergar que o

¹⁹⁵ O Rotisserie Sportman situava-se na parte térrea do prédio que hoje é Caixa Econômica Federal (Palacete Ceará) da praça do Ferreira.

¹⁹⁶ Ver os desenhos em aquarelas, de alguns edifícios em Fortaleza das décadas de 1920 e 1930, no arquivo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará.

¹⁹⁷ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 25, processo 1932/12.

¹⁹⁸ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit., p. 310.

universo da festa carnavalesca põe em risco toda uma estrutura organizada e pensada para impor limites a determinadas ações e a determinados sujeitos que poderiam incomodar. Atitudes e ações como as de Marcelino traziam à baila tensões que provocavam o desmoronamento de um lugar próprio que fora pensado e construído a partir de estratégias que elaboravam um tempo sincrônico e que procuravam conter os movimentos contingentes. Essas estratégias eram elaboradas pelo poder público e pelos segmentos abonados a partir dos Editais Policiais, que ordenavam e organizavam o carnaval. Todavia, durante os três dias de carnaval, surgiam movimentos imprevisíveis, acontecimentos-armadilhas que eclodiam dos limites impostos pelas autoridades públicas.¹⁹⁹

É pertinente frisar, novamente, que os anos de 1930 configuram-se como um momento em que os grupos abastados começam a se retirar das ruas nos dias de carnaval. A partir da década de trinta, percebe-se um medo, por parte desses segmentos, do contato que o tumultuado meio urbano começava a proporcionar. Pois foi no decorrer dos anos de 1920 e dos anos de 1930 que se intensificou a formação de bairros ricos em Fortaleza, como a Jacarecanga e, um pouco depois, a Aldeota²⁰⁰, afastados do centro da cidade. O afastamento dos segmentos abonados não se dá de forma abrupta, pois o centro da cidade era o local onde a “gente fina”, de que fala Raimundo Girão, possuía os seus negócios.

Mas as ruas centrais da cidade, também, eram freqüentadas por sujeitos como Francisco Alexandre Maciel de 19 anos, operário, analfabeto e residente no Arraial Moura Brasil. Francisco Alexandre prestou depoimento sobre o crime cometido por Marcelino Marques, pois no dia do acidente o depoente disse:

(...) que na ocasião que se deu o fato em apreço, êle depoente se encontrava, próximo ao ‘Rotisserie’, puxando o ‘maxixe’ quando viu

¹⁹⁹ CERTEAU, Michel de. Op. Cit.

²⁰⁰ O bairro da Jacarecanga começou a ter certo crescimento nos idos da década de dez, mas intensificou-se durante a década de 20, contudo perdeu visibilidade por conta da formação de um bairro operário dos ferroviários, como comenta Liberal de Castro: “(...) as oficinas da R.V.C. polarizaram o grande bairro operário da cidade e, posteriormente, sua maior favela, apropriações urbanas que cerceariam o desenvolvimento do arrabalde elegante da Jacarecanga, definitivamente derrotado pela Aldeota, situada em posição oposta, no outro lado da cidade”. CASTRO, José Liberal de. *Arquitetura Eclética no Ceará*. In: *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. Annateressa Fabris (org). São Paulo: Nobel EDUSP, 1987, p 244. Isso demonstra que esses bairros elegantes configuram-se como um refúgio dos tumultos do centro urbano de Fortaleza no período.

um rapaz sair do salão do Rotisserie e, em chegando a calçada respectiva, onde se encontrava um rapaz encostado em poste ali existente, desfechou áquele uma bengalada sobre este (...)²⁰¹.

O operário Francisco Alexandre, que estava dançando, requebrando ou, como muito bem frisou o escrivão, 'puxando o maxixe', executado, talvez, por alguma banda marcial no coreto, foi uma das principais testemunhas oculares, por se encontrar próximo de onde se deu o fato em apreço.

Marcelino, nessa noite carnavalesca, portava uma bengala, que foi apreendida pela polícia, pois, sem motivo aparente, deu uma bengalada na cabeça do indivíduo chamado Moises Pereira Lima, que estava encostado em um poste na praça do Ferreira olhando os foliões dançarem o maxixe.

Nesse período, homens de grossa ventura castigavam moleques ou pessoas indesejadas com bengaladas. A bengala, como muito bem lembra Gilberto Freyre, "foi por vezes (...) considerada arma aristocrática de defesa ou agressão, em contraste com o cacete plebeu: arma de cafajeste".²⁰²

A bengala demonstrava certa distinção social no período pesquisado, era um objeto elegante muito divulgado pelas lojas de moda de artigos masculinos. Contudo, ela podia assumir outras utilidades como a empregada por Marcelino.

Essa atitude de Marcelino poderia muito bem ser deixada de lado se não fosse carnaval, pois, durante o carnaval, qualquer ato era suspeito, e a vigilância era dobrada. Os cafés, nos dias de carnaval, eram bastante visados pelas autoridades policiais. O articulista do jornal "Correio do Ceará" refere-se ao carnaval da praça do Ferreira da seguinte forma:

A nossa capital já devia sentir-se avisada do perigo que constitui a Praça do Ferreira nesta época do anno. Raro é o que não corre sangue naquelle local. (...) por este lado, seria aconselhável que em dias assim a polícia fechasse os bares ou prohibisse nelles, nas confeitarias e nos cafés a venda de álcool.²⁰³

O medo era com o público que freqüentava esses estabelecimentos nos dias de carnaval. Marcelino alega e debocha que, juntamente com os seus

²⁰¹ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 25, processo 1932/12.

²⁰² FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974, p. 677.

²⁰³ Correio do Ceará, 7/3/1935.

amigos, se retirou por conta do ambiente de anormalidade e da exaltação dos fregueses da Rotisserie. O marceneiro, de forma satírica e irônica, se desfaz do ambiente do café que a “gente fina” freqüentava depois das sessões do cinema.

O universo carnavalesco abre margem para que muitos foliões tenham comportamentos divergentes e contraditórios daqueles tidos como “normais”. As regras e as normas cotidianas são contestadas por ações consideradas como transgressoras e subversivas pelo poder público e pelos segmentos abonados. Por isso, durante os dias de carnaval, as autoridades públicas procuravam controlar os comportamentos e instituir um tempo próprio para o carnaval por meio dos Editais Policiais. Condutas como as de Marcelino assustavam e, para os apreciadores dos comportados desfiles, era melhor que se fechassem os cafés e outros estabelecimentos que serviam de guarida aos notívagos foliões.

Contudo, a bengalada dada em Moises custou a Marcelino o pagamento de uma fiança de duzentos mil réis para os cofres da Prefeitura Municipal. Determinadas ações e atitudes eram características de determinados segmentos sociais abastados, o que saía bem caro para aqueles que não faziam parte desses segmentos.

Nos dias carnavalescos de 1935, ocorreram fortes incidentes em cafés próximos à praça do Ferreira. Na segunda-feira de carnaval, houve: “(...) dois grossos charivaris ali ocorridos, terminando pelo fechamento do Bar Majestic às 21 1/2 horas (...)”²⁰⁴. A pancadaria no Bar Majestic foi intensa na segunda-feira de carnaval, tanto que um policial do Corpo de Segurança Pública acabou o carnaval internado na enfermaria.

Esses espaços tornavam-se perigosos nos dias do reinado de Momo para todos aqueles que os freqüentavam cotidianamente. Os cafés, em dias de festa carnavalesca, tornavam-se lugares malditos, e qualquer movimento suspeito chamava a atenção das autoridades.

No carnaval de 1928, os foliões que estavam comemorando o reinado de Momo na Rotisserie chamaram a atenção das autoridades e da imprensa, pois: “Na segunda-feira, pelas 23 horas, a atmosfera andou borrascosa, tendo

²⁰⁴ Correio do Ceará, 6/3/1935.

havido certo movimento de força em torno da 'Rotisserie Sportman', onde estavam sendo cantadas chulas pouco convenientes" ²⁰⁵. Nesses cafés, onde, muitas vezes, se cantava com vozes nem sempre educadas nos dias de carnaval, a concorrência entre os foliões pelo palco aumentava. O escritor José Ramos Tinhorão, referindo-se a esses espaços de sociabilidade nas grandes cidades do país, enfatiza que os "cafés-cantantes e chopes-berrantes chegaram a constituir um fenômeno brasileiro nos primeiros anos do século XX" ²⁰⁶.

Mas esses espaços que tinham estreitas ligações com a ambiência das ruas e das travessas começavam a ser conquistados por freqüentadores que, na maior parte dos casos, não tinham o fino trato de um político ou de um intelectual. Raimundo Girão, referindo-se à decadência e ao fracasso do café Riche nos últimos anos de 1920, enfatiza que as suas mesas foram tomadas "por malandros e gente de menor aceitação" ²⁰⁷. Um público cada vez mais heterogêneo começava a freqüentar, no final da década de 1920 e início da década de 1930, esses espaços de diversões projetados para os segmentos abastados. Muitos sujeitos, vindos dos segmentos médios e menos favorecidos, maliciosamente trajando roupas finas, com chapéus à cabeça e bengalas na mão, divertiam-se ao som dos maxixes e dos sambas, ou contando piadas nos salões desses cafés, principalmente nos dias de carnaval.

Mas os espaços que chamavam a atenção dos foliões não se restringiam apenas aos cafés. Os cabarés eram locais bastante freqüentados nos dias de festa carnavalesca. Muitos foram os episódios de amor e de brigas ocorridos nesses estabelecimentos que tinham a noite e a madrugada como horários de funcionamento.

Os cabarés, ou "casas de pensão", como eram chamados no período, também tinham suas portas abertas para receber aqueles adeptos de Dionísio, de Baco e de Momo. Alguns desses cabarés "situavam-se no centro, nos antigos casarões herdados dos tempos mais antigos dos quais as pensões, as chamadas 'pensões alegres', ocupavam a parte superior". ²⁰⁸

²⁰⁵ O Nordeste, 23/02/28.

²⁰⁶ TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua*. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 144.

²⁰⁷ GIRÃO, Raimundo. Op. Cit., p. 294.

²⁰⁸ GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza – provinciana*. Fortaleza: Abc, 1997, p. 174.

Nessa descrição, tudo indica que esses casarões eram antigos sobrados em que, na parte térrea, funcionavam estabelecimentos comerciais durante o dia, e, quando a noite chegava, o espaço superior desses casarões tornava-se ponto de encontro para o “grupo de notívagos que resistia ao chamamento doméstico e optava pela noite boêmia”.²⁰⁹

Muitos desses casarões situavam-se em ruas centrais da cidade como Major Facundo, Floriano Peixoto, Barão do Rio Branco e outras. Os moradores das vizinhanças reclamavam da intensa algazarra que ocorria nesses estabelecimentos. Não foram raros os momentos em que episódios de intensos conflitos ocorreram nessas casas de pensão, pois os ânimos exaltados dos fregueses eram um catalisador para o desenrolar de episódios violentos.

Seriam duas e meia horas da madrugada, quando surgiu entre dois frequentadores da pensão, um deles conhecido por ‘João bigodinho’, caloroso bate boca, terminando por uma troca de sapatos e cadeiras. Nesse momento a polícia intervinha, por intermédio dos inspetores de segurança José Maia, Guttemberg e outros policiais fardados. Estabeleceu-se então uma nova e mais violenta phase na lucta. Dispararam vários tiros, enquanto se apaga a luz. Gritos, cadeiras, garrafas quebradas etc.²¹⁰

O fragmento acima narra um incidente ocorrido na pensão da d. Nena, que era uma casa de meretrício situada na rua Barão do Rio Branco. Era uma terça-feira de carnaval, e estava ocorrendo um “animado pagode carnavalesco”²¹¹. O garçom João Batista fora atingido no peito e, em seguida, foi levado para o pronto-socorro. Os guardas, muitos, já se encontravam no local da confusão, pois era comum a presença de policiais nesses espaços. Nos dias de carnaval, esses incidentes intensificavam-se nesses locais, o que me leva a investigar o caráter violento da festa, pois, como lembra Maria Clementina Cunha, episódio como este, como o ocorrido na pensão da d. Nena, “pode dar uma idéia do potencial explosivo da brincadeira”.²¹²

Não era muito raro as donas das pensões serem agredidas, pois, muitas vezes, elas tentavam apaziguar os conflitos existentes entre os fregueses e as

²⁰⁹ Id. *Ibidem.*, p. 174.

²¹⁰ Correio do Ceará, 4/3/1935.

²¹¹ *Idem.*

²¹² CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecoss da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: companhia das letras, 2001, p 30.

meretrizes ou entre os próprios fregueses. As donas das pensões geralmente eram pessoas experientes que sabiam lidar com esses conflitos, como lembra o historiador Mardônio Guedes: “Essas mulheres eram responsáveis pela direção das casas de prostituição e agenciamento das meretrizes que agenciavam seus corpos nos bordéis”.²¹³

Os cabarés eram freqüentados pelos mais diferentes sujeitos do sexo masculino. Não só tipos como “João Bigodinho” freqüentavam esses estabelecimentos, mas várias autoridades, como sargentos e soldados do Exército, guardas e inspetores da Guarda Cívica²¹⁴. Os motivos dos conflitos, geralmente, giravam em torno do não pagamento de bebidas ou da meretriz, disputas dos freqüentadores por mulheres ou alguma desavença entre os fregueses. A dona da pensão sempre procurava apaziguar e “botar panos quentes”, pois não queria perder o freguês para outra pensão.

Nos dias de carnaval, as donas das pensões administravam a festa carnavalesca fazendo com que a casa ficasse devidamente apropriada para se brincar o carnaval. Havia toda uma preocupação na ornamentação do ambiente, e as músicas tinham que entusiasmar, como um animado pagode carnavalesco. O público freqüentador dos cabarés era bastante variado, pois operários, comerciantes, políticos, militares, pedreiros e outros buscavam essas casas nas noites carnavalescas de Fortaleza.

Blanchard Girão recorda-se, ainda, que as casas de pensão eram “Numerosas e agitadas, possuíam quase todas orquestras próprias, com seus cantores”²¹⁵. Percebe-se que as noites nesses estabelecimentos eram bastante animadas, além de violentas. No ano de 1929, ocorreu um incidente em uma casa de pensão na rua da Praia nº 27 que permite enxergar o universo

²¹³ **SILVA GUEDES**, Mardônio. *O PREÇO DA RECUSA: Violência e Limites Morais no Meretrício em Fortaleza (1930-1940)*. Dissertação de Mestrado, PUC – SP, 1998. p -37. Nesse trabalho, encontra-se um estudo sobre o cotidiano dessas mulheres que vivenciavam o meretrício na cidade de Fortaleza durante a década de 30 do século passado.

²¹⁴ Silva Guedes afirma que: “Nos conflitos violentos no meretrício havia uma forte presença de militares. Os processos criminais apontam que alguns desses homens eram amantes de meretrizes”. **SILVA GUEDES**, Mardônio. Op. Cit., p. 79. **PESAVENTO**, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: O mundo dos excluídos no final do Século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. A autora analisa, em determinado momento de sua obra, como os responsáveis pela lei eram muitas vezes os protagonistas de desavenças na Porto Alegre dos fins do XIX. Para a historiadora, o fato pode ser compreendido por meio da própria condição social desses sujeitos. Os homens da ordem eram assíduos freqüentadores dos botequins, dos bordéis e de outros espaços tidos como “malditos”.

²¹⁵ **GIRÃO**, Blanchard. Op. Cit., 174.

carnavalesco dentro desses estabelecimentos. O acusado, Francisco Candido de Mesquita, respondeu que:

(...) no dia onze do corrente mes cerca de uma hora e quarenta e cinco minutos achava-se em uma festa carnavalesca em caza de uma meretriz alcunhada por 'Dondon' em companhia di alguns camaradas; que esteve sentado a uma banca onde pediu tres garrafas de cerveja, pagando de imediato ²¹⁶.

A contenda deu-se entre Francisco Mesquita, que era sargento do Exército, e madame Dondon, que gerenciava a casa de pensão. O sargento do Exército esbofeteou a dona do estabelecimento por esta ter cobrado algumas garrafas de cerveja. O segundo delegado Joaquim Vianna Rodrigues, que estava presente, pois fazia diligências por algumas casas de meretrício na área perto da praia, socorreu a agredida e apaziguou os ânimos dos envolvidos no conflito. Porém, essa contenda abre espaço para que se enxergue toda uma ambiência da festa carnavalesca nos cabarés. Os depoimentos de testemunhas oculares que se encontravam no momento possibilitam que se façam apreciações sobre o universo das pensões alegres em dias de carnaval. Percebe-se que a cidade noturna, que representava o tempo do prazer e da festa nos dias de Momo, desferrava-se da cidade diurna e do cotidiano, que representava o tempo do trabalho. No dia do incidente, na pensão da madame Dondon, encontravam-se sujeitos dos mais diversos segmentos sociais.

O jornalista Rui Costa Souza compareceu à delegacia para depor sobre o conflito que se dera na madrugada da quarta-feira de cinzas na pensão da madame Dondon. Este começou respondendo “que no dia onze do corrente mes (...) fôra a pensão Dondon como fôra em muitas outras partes aonde se festejava o carnaval afim de colher notas para o seu jornal (...)”²¹⁷. A presença de jornalistas que vagavam pelas noites carnavalescas em busca de amores e de notas para os seus jornais era permanente. Os homens das letras sempre estavam à procura de notícias sensacionais para publicarem nas páginas dos periódicos.

Esses jornalistas, e muitos outros freqüentadores das pensões que se abancavam nas mesas para tomarem cervejas com mulheres sobre as pernas,

²¹⁶ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 17, processo 1929/09.

²¹⁷ Idem.

muitas vezes dançavam ao som das orquestras que eram contratadas para as noites carnavalescas. O sapateiro Júlio Carlos Sampaio, de 30 anos de idade, que sabia ler e escrever e morava no boulevard Visconde do Rio Branco, ao depor, disse que "(...) achava-se a rua da praia numero vinte e sete fazendo parte da orchestra que ali tocava durante uma festa carnavalesca".²¹⁸ Juntamente com Júlio Sampaio, encontrava-se o também integrante da orquestra, João Feliciano da Costa, que era sapateiro, não sabia ler e escrever e morava na rua do Seminário.

Com esses indícios, pode-se enxergar o universo festivo do cabaré nas noites de carnaval. Os dois sapateiros vindos dos segmentos menos favorecidos, sendo um dos dois que prestaram depoimento analfabeto, estavam animando o baile que se desenrolou até a madrugada da quarta-feira de cinzas na pensão da madame Dondon. Muitas dessas orquestras contavam com músicos vindos das camadas menos favorecidas da sociedade, como os dois sapateiros citados acima. Os instrumentos presentes nessas orquestras, geralmente, eram o cavaquinho, o violão, instrumentos de sopro (como a flauta) e o piano.²¹⁹ Os gêneros musicais mais populares desse período, como já foram citados antes, eram maxixes, marchinhas, choros, sambas, dentre outros. No centro dos salões, os freqüentadores balançavam os corpos ao som desses ritmos.

Outros espaços que os foliões procuravam nos três dias de carnaval eram as bodegas. Muitas dessas bodegas situavam-se um pouco afastadas do

²¹⁸ Idem.

²¹⁹ "Naquela época toda casa tinha um piano e um bandolim, porque não havia ricos e pobres, todo mundo comprava um piano." **DE SOUZA**, Simone; **PONTE**, Sebastião Rogério (Coord.). *Roteiro Sentimental de Fortaleza*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996, p. 176. Esse fragmento faz parte do relato de José Barros Maia sobre as primeiras décadas do século XX. Guardando-se as devidas ressalvas, pois não eram todas as casas que possuíam pianos, percebe-se que o piano era um instrumento presente nas residências de algumas famílias fortalezenses. José Ramos Tinhorão, quando se refere, especificamente, aos músicos vindos dos seguimentos menos favorecidos que tocavam piano, diz que eram conhecidos por *planeiros* pelo fato de terem pouco conhecimento de teoria e muito balanço. Esse pesquisador deixa claro que o piano se popularizou no final do século XIX, pois os pianos começaram a chegar às casas das famílias mais modestas, dos clubes recreativos, dentre outros espaços. Então, as casas de músicas começam a colocar no mercado muitas partituras de autores ligados ao choro, às polcas, entre outros gêneros do final do século XIX. **TINHORÃO**, José Ramos. Op. Cit., pp. 195-205. O escritor Machado de Assis, no seu conto "Um homem Célebre", relata a história do músico Pestana, que recebera de herança uma "casa velha, e os velhos trastes, ainda do tempo de Pedro I", o que demonstra que não era nenhum burguês, mas Pestana era um exímio compositor de polcas tiradas a partir do piano. Pestana vivia insatisfeito e atormentado pelo fato de não compor nada considerado clássico. **ASSIS**, Machado de. *Várias Histórias*. São Paulo: Editora Ática, 1998, pp. 36-44.

que era considerada a área central da cidade. Estas não eram vistas com bons olhos por aqueles que idealizavam uma cultura urbana para Fortaleza aos moldes das grandes capitais do mundo. Contudo, era na bodega que esse segmento abastado mandava os seus empregados e empregadas fazerem as compras.

Muitas eram as bodegas existentes em Fortaleza nos anos de 1920 e 1930. Na rua General Sampaio, famosa por possuir muitas bodegas, localizava-se o estabelecimento comercial de Francisco Benjamim de Menezes, conhecido como Chico Bacurau. Essa bodega era célebre pelo fato de ser ponto certo de venda de máscaras, artigos carnavalescos, fogos de salão e traques de pávio de fabricação chinesa²²⁰. Os foliões acorriam para a bodega do Chico Bacurau com o intuito de obter esses artigos carnavalescos.

Era na sala apertada da bodega, como comenta Edigar de Alencar²²¹, que o bodegueiro organizava as mercadorias para serem vendidas. Esse memorialista, ao ter em sua retentiva lembranças de algumas bodegas de Fortaleza, recorda-se da bodega do Chico da Mãe Iza, localizada na rua 24 de Maio. Nessa bodega, encontrava-se de tudo. Em sua pequena sala do lado de dentro do balcão, havia bananas, vinhos, cervejas, ferragens, tintas e remédios. Do lado de fora do balcão, existia um armário envidraçado que continha miudezas, como fitinhas gregas, sabonetes e vidrinhos de perfumes franceses. Na parte de fora da bodega, arrumavam-se as sacas de cereais, o bacalhau, a carne de sol estendida nas portas, o peixe seco e o camarão seco.

Percebe-se, pela organização da bodega, que havia produtos mais visados e outros, menos visados, que ficavam dentro do armário envidraçado. Esse armário, ao mesmo tempo, era uma vitrine e um meio de segurança. As mercadorias que ficavam do lado de fora da bodega eram produtos bastante vendidos, como feijão, arroz, carne seca e outros. Por essa variedade de produtos, muitas bodegas, por mais que fossem em uma pequena sala, configuravam-se como pequenos armazéns.

Os proprietários geralmente eram auxiliados por um empregado que ajudava a despachar os fregueses. A residência de muitos donos de bodegas

²²⁰ **ALENCAR**, Edigar de. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: edições UFC/PMF, 1980.

²²¹ Id. *Ibidem*.

ficava ao lado do estabelecimento comercial. Facilitando a administração do negócio e a assistência dada à família.

Todavia, a bodega era ponto de encontro para seresteiros cantarem músicas ou contarem estórias do sertão. Esses seresteiros acomodavam-se em frente às portas da bodega²²².

Era desses pontos comerciais que muitos acontecimentos da cidade eram comentados e analisados por aqueles que freqüentavam esses espaços. Edigar de Alencar, referindo-se e discorrendo sobre as bodegas da cidade nas primeiras décadas do século XX, faz a seguinte descrição de um balcão.

O balcão de tábuas superpostas era pintado de duas cores, geralmente vivas: verde e encarnado, azul e amarelo, em listras verticais como que separando as tábuas em que era assentado. As prateleiras eram rústicas, também pintadas em cor viva. Algumas tinham parte envidraçada para artigos de miudeza, outras possuíam armários para esses artigos, que eram chamados 'fiteiros'.²²³

Por meio desse balcão, o bodegueiro observava todo o movimento realizado em seu estabelecimento comercial. Ocupava uma posição privilegiada, pois todos os freqüentadores dirigiam-se até o balcão e davam conta das novidades. Ademais, quando alguns atos dos fregueses tornavam-se autos policiais, o proprietário era uma das principais testemunhas oculares a serem ouvidas no processo criminal, e o seu estabelecimento tornava-se referência nos autos do processo, pois, no relatório policial, a contenda entre os indivíduos tinha que ser localizada e datada.

No dia 11 de fevereiro de 1934, um domingo de carnaval, na bodega do Laurindo em Altamira (praia de Iracema), ocorreu uma luta corporal entre o marítimo José Bernardo da Silva (Pierre), de 25 anos, e o operário Rafael Garcia, de 40 anos. Em pleno domingo, ao meio-dia, os dois travaram um duelo do lado de fora da bodega. Segundo consta no relatório feito na Segunda Delegacia de Polícia do Estado, tanto José como Rafael eram naturais do Rio Grande do Norte, sendo o segundo casado. O promotor de justiça chamou três testemunhas para prestar depoimento, pois os dois cometeram crime previsto no art. 303 do Código Penal. Uma das testemunhas foi Francisca Firmino.

²²² Id. *Ibidem*.

²²³ Id. *Ibidem*., p. 78.

Domingo de carnaval, a depoente emprestou um cordão de ouro com uma medalha ao marítimo José Bernardo da Silva (Pierre), para o mesmo brincar o carnaval, que mais tarde meio dia mais ou menos, a depoente soube que Pierre estava brigando com indivíduo, que a depoente saiu e notou que diante a sua casa havia um aglomerado de pessoas vendo Pierre todo ensangüentado.²²⁴

A contenda deu-se logo após o encontro de Pierre com Francisca Firmino. Rafael, no momento, estava armado com uma faca e furou Pierre, provocando uma “ferida de 2 cm de extensão na região peitoral lesando a pele, os tecidos subcutaneos e os músculos”²²⁵. Pierre, naquela ocasião, portava uma bengala de jucá, utilizando-a para defender-se, deu um golpe certo na cabeça de Rafael, produzindo “uma ferida de 3 cm de extensão contusa na região parietal direita”²²⁶. Muitas pessoas que brincavam carnaval em mercearias próximas correram para ver o que estava acontecendo em frente à bodega do Laurindo. Os dois, pelo que tudo indica, tinham rixas há algum tempo e se aproveitaram do espaço e do momento festivo para acertarem as contas. Nos dias de carnaval, as bodegas ficavam apinhadas de pessoas, e, como lembra Sidney Chalhoub:

(...) a venda ou botequim é cenário para o surgimento e desenrolar de rixas e conflitos pelos mais variados motivos, desde os problemas ligados ao trabalho e habitação, passando pelas questões de amor e de relações entre vizinhos, até as contendas por motivos mais especificamente ligados ao lazer, como jogos, o carnaval ou bebedeira. (Grifo meu)²²⁷.

Pierre pediu um cordão e uma medalha de ouro, especificamente para brincar o carnaval, e portava uma bengala de jucá. Percebe-se, de certa forma, que Pierre tinha a pretensão de sair pelas ruas, bodegas, cabarés e cafés da cidade comemorando o reinado de Momo. Pierre pediu o cordão e a medalha nas primeiras horas do domingo de carnaval. Isso demonstra que tinha a pretensão de brincar o primeiro dia de carnaval por muitas horas. O carnaval apenas estava começando, e Pierre queria aproveitar os momentos dedicados

²²⁴ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 31, processo 1934/16.

²²⁵ Idem.

²²⁶ Idem.

²²⁷ **CHALHOUB**, Sidney. *Trabalho, Lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: São Paulo: UNICAMP, 2001, p. 312.

ao deus da folia, afinal de contas, festa como o carnaval só acontece uma vez por ano. Era o momento em que Pierre podia extravasar e esquecer do trabalho pesado do porto por alguns dias. Talvez a pretensão de Pierre fosse ir à praça do Ferreira festejar com outros foliões, pelas artérias centrais da cidade, o período momino. Pois a Inspetoria de Trânsito destinava bondes para fazer um itinerário entre a praia de Iracema e a praça do Ferreira, o que tornava mais fácil a ida dos moradores de Altamira ao centro.

Pierre trabalhava no porto da cidade, ou seja, estava em constante contato com produtos, mercadorias, objetos e pessoas vindas de outros países e outras capitais do país. O carnaval era um excelente momento para o marítimo Pierre projetar-se socialmente. A bodega do Laurindo era um ótimo espaço para ele começar a divulgar e a construir uma imagem de uma pessoa que estava inserida nesse meio urbano “moderno” em que políticos, intelectuais e homens de negócios queriam ser os guardiões e os provedores.

A multiplicidade de espaços exposta nestas páginas dá uma idéia de como eram complexas as relações sociais na Fortaleza das décadas de 1920 e 1930. Percebe-se um amálgama de experiências sociais que estão em constantes disputas. Ao mesmo tempo em que segmentos emergentes procuravam impor à cidade valores inspirados em outras capitais, surge, na capital cearense, uma cultura urbana própria. Essa cultura urbana própria, que não era a idealizada pelos segmentos sociais abastados, era vivenciada por todos os sujeitos que moravam, trabalhavam e viviam em Fortaleza nesse período.

É perceptível que havia, por parte de alguns políticos, comerciantes e intelectuais, uma busca incessante por um distanciamento do mundo rural. Porém, na bodega do Chico da Mãe Iza, vendiam-se vidrinhos de perfumes franceses ao lado de postas de carne seca estendidas nas portas. Simultaneamente, conviviam, no mesmo meio urbano, espaços como os cafés, onde palestravam os provedores da “modernidade” e do “progresso”, e as bodegas, com seresteiros cantando músicas e contando estórias do sertão. Isso demonstra que não havia uma cultura urbana homogênea e que o cotidiano urbano era eivado de costumes e hábitos vindos do sertão.

O carnaval possibilitava uma maior interação entre esses sujeitos que vivenciavam a cidade. A preocupação nessa época do ano era muito grande,

pois, em três dias, tudo que tinha sido construído e organizado pelos idealizadores de uma cultura urbana “civilizada” poderia “ir por água abaixo”. A festa carnavalesca configurava-se como um momento em que muitas barreiras impostas, social e cotidianamente, poderiam ser quebradas. A preocupação com o potencial explosivo do carnaval era percebida pelas medidas tomadas pela Chefatura de Polícia, pois o policiamento do meio urbano era intensificado por conta dos dias de festa.

Para enxergar o potencial explosivo do carnaval, é interessante fazer seu percurso, por algumas ruas, travessas, bodegas, cabarés e cafés. Assim, nota-se o universo festivo do carnaval na Fortaleza dos anos de 1920 e 1930. É evidente que outros espaços, como os clubes, são importantes para a compreensão das tensões e do universo festivo no carnaval da cidade, mas, por enquanto, continuarei nas ruas, travessas, bodegas, cabarés e cafés fortalezenses, escrutinado o mundo das ruas nos dias de carnaval.

No carnaval de 1932, três soldados do Exército e um reservista passaram a madrugada de sábado para domingo de carnaval cometendo ações criminosas. Os acusados são: Otacílio de Araújo Saldanha, 19 anos, praça do 23° BC; Manoel de Oliveira Campos, 19 anos, praça do 23° BC; Anísio Constantino de Almeida, 18 anos, praça do 23° BC; Antonio Lourenço da Silva, 22 anos, reservista do 1° Batalhão de Engenharia. Otacílio de Araújo, no depoimento prestado no 23° BC, disse que:

(...) saiu efetivamente do quartel pelo lado da fortalêza, utilizando-se de um cano existente na respectiva muralha, que facilitou a sua saída pelo portão próximo aos armazens adjacentes, encontrou-se na rua com os soldados Constantino e Campos²²⁸.

Manoel de Oliveira e Anísio Constantino escalaram o muro do quartel e ficaram esperando Otacílio de Araújo efetuar a escalada para ter acesso à rua e a outros espaços considerados malditos, principalmente, em dias de carnaval. Os três pegaram um bonde rumo à praça do Ferreira. Dessa praça,

²²⁸ APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 24, processo 1931/46. É importante enfatizar que na catalogação a referência é 1931, mas o processo crime é de 1932.

fizeram o percurso, a pé, em direção à praça de Pelotas²²⁹. Manoel de Oliveira, no depoimento, disse que, ao chegarem à praça de Pelotas, entraram “(...) numa mercearia beberam cachaça e se encontraram com reservista de cor preta (...)”²³⁰. O reservista de cor preta, de que fala Manoel de Oliveira, era Antonio Lourenço, que, segundo o depoimento de Otacílio de Araújo, estava armado com uma bengala e uma faca. Os quatro ficaram, por algum tempo, bebendo nas imediações da praça de Pelotas.

Os quatro sujeitos saíram da praça de Pelotas à procura de alguma festa onde pudessem continuar festejando o carnaval. O primeiro ponto em que pararam foi na rua 24 de Maio, que, segundo Edigar de Alencar, como indiquei anteriormente, era famosa por ter a bodega do Chico da Mãe Iza. Nessa rua, estava acontecendo uma festa carnavalesca que chamou a atenção dos foliões que estavam à procura das brincadeiras de Momo. No entanto, segundo Otacílio de Araújo, eles permaneceram pouco tempo pelo fato de um “rapaz bem vestido que estava no baile cujo nome o indiciado não sabe, pediu para que o indiciado com seus companheiros se retirassem porquanto não ficava bem no estado em que eles estavam a permanência de praças alcoolizadas ali”²³¹, e, no depoimento do reservista Antonio Lourenço, consta que, na referida festa da rua 24 de Maio, o soldado Campos tirou “uma mascara do rosto de um velho”²³².

Os soldados estavam fardados e alcoolizados, tanto é que o “rapaz bem vestido” atentou para esse detalhe. Estavam na rua 24 de Maio, que servia de endereço para muitas personalidades da cidade, como o conhecido advogado Raimundo Gomes de Matos, que promovia muitas festas em sua residência. Os foliões, que procuravam alguma festa carnavalesca, estavam destoando do ambiente elegante do baile carnavalesco que se desenrolava na referida rua. Os acusados saíram da festa rumo à praça José de Alencar, na altura da travessa das Trincheiras, onde altercaram com um guarda cívico de serviço. Esse guarda detonou toda a carga do revólver, o que fez com que os acusados saíssem rapidamente.

²²⁹ A praça de Pelotas hoje é a praça Clovis Bevilacqua, que se situa em frente à Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. No entanto, é mais conhecida como praça da Bandeira. Observar a planta da p. 46, praça de Pelotas (nº6).

²³⁰ Idem.

²³¹ Idem.

²³² Idem.

Continuaram andando e encontraram-se com dois paisanos, um deles era o sapateiro Antonio Gomes da Silva, que, no depoimento prestado na Delegacia de Polícia do Estado, disse que:

(...) no dia a que se refere a denuncia cerca de 24 horas, na Travessa dos Coelhos, entre a Tristão Gonçalves e Imperador o depoente passeava em companhia de Miguel Felipe de Santiago empregado na Fabrica Fenix, de Frederico Pontes, quando foram ambos agredidos por três soldados do exercito (...) ²³³.

O encontro entre os dois grupos não foi nada amistoso, pois o reservista Antonio Lourenço, no depoimento prestado no 23° BC, disse que, no local conhecido por “Cambirimbas”:

(...) onde se encontraram com dois paisanos, indo o soldado Saldanha ao encontro deles, atracando-se com o paisano mais alto, derribando-o; nesse momento, os soldados Campos e Anísio seguraram o outro paisano mais baixo, depois o soldado Saldanha mandou que o indiciado presente segurasse o paisano mais baixo afim de que os soldados Campos e Anísio fossem auxiliá-lo na luta contra o paisano mais alto que, depois de dominado, foi solto, tendo nesse instante dado um sôco no soldado Campos, o qual puxando de uma navalha muito velha golpeou levemente o rosto do paisano mais alto (...) ²³⁴.

Desse encontro inesperado, o soldado Otacílio de Araújo levou oitocentos réis de um dos agredidos. Porém, “Não satisfeitos com estas façanhas, na mesma artéria, próximo a Rua Izabel encontraram-se com os guardas civis Amazonino Rocha e Francisco Costa Matos, ambos a paisano” ²³⁵, com os quais travaram luta corporal, e Saldanha feriu à faca o peito direito e as costas de Amazonino Rocha. Logo em seguida, os acusados foram para o Arraial Moura Brasil em busca de mais festas carnavalescas.

Todavia, o que os soldados estavam procurando era um estabelecimento onde pudessem “matar o bicho”. Por meio dos indícios do processo crime, acredito que os quatro foliões passaram por várias bodegas, cafés e cabarés, pois, nos autos do processo, consta que agrediram a meretriz Antonia da Silva Lima, moradora da rua D’Aratã n° 12.

²³³ Idem.

²³⁴ Idem.

²³⁵ Idem.

Quando já estava amanhecendo, os quatro foliões separaram-se no café Ypiranga. No depoimento de Antonio Lourenço, consta que este “estando no mercado comendo uma panelada e chegando os soldados Campos e Saldanha êle lhes ofereceu uma refeição ao que êles aceitaram (...)”²³⁶. Os três terminaram a noite carnavalesca sentados no estabelecimento de d. Zefinha comendo panelada.

Por meio dessas histórias carnavalescas, surge um substrato onde se percebe a trama histórica em que estavam inseridos operários, meretrizes, marceneiros, policiais, soldados, comerciantes, políticos, intelectuais e muitos outros que experienciavam a Fortaleza dos anos de 1920 e de 1930, e, como enfatizaram Certeau e Giard: “É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas que jazem de vez em quando num simples nome, dobradas neste dedal como as sedas da feiticeira”.²³⁷

O que constato por intermédio das tramas percebidas por esses percursos pelo meio urbano é que os diversos espaços da cidade se interpenetravam a partir da interação entre os diferentes sujeitos da cidade. É evidente que, nos dias de carnaval, a interação dava-se de maneira mais estreita, e o medo dessa interação era exposto pelas diversas medidas baixadas nos Editais Policiais que procuravam segregar os foliões. Foi no limiar da década de 1930 que os foliões vindos dos segmentos médios e menos favorecidos exigiram uma participação mais efetiva na cidade. Por isso, não foi por acaso que as medidas policiais intensificaram-se nos últimos anos da década de 1920 e início da década de 1930.

Nos dias de carnaval, um público cada vez mais heterogêneo percorre as ruas, travessas, praças, cabarés, bodegas e cafés da cidade em busca de diversão. Esses espaços tornam-se mediadores culturais no sentido de permitir que os foliões tenham acesso à nascente indústria cultural dos anos de 1930, pois havia a oportunidade de desfrutar, nesses espaços, dos rádios, das vitrolas, das orquestras, das bandas, entre outros. A historiadora Fabiana Lopes da Cunha, quando se refere ao rádio, diz que este teve uma “importância na veiculação da música popular”²³⁸, e essa música consolidou a

²³⁶ Idem.

²³⁷ CERTEAU, Michel de ; GIARD, Luce. Op. Cit., p. 201.

²³⁸ CUNHA, Fabiana Lopes da. Op. Cit., p. 21.

figura do “malandro”, que era muito divulgado nas composições da década de 1930. O rádio influenciou, de forma significativa, outros meios de divulgação musical como os conjuntos musicais e as orquestras presentes em muitos cabarés e cafés da cidade. Vários autores de sambas eram provenientes dos segmentos médios e menos favorecidos da sociedade carioca do período, o que provocava a identificação dos mesmos segmentos em Fortaleza. As composições versavam sobre a malandragem, a vida boêmia, as mulheres, as orgias, entre outros temas. Essas composições influenciaram nas produções locais.

As ruas, como já foi trabalhado no item anterior, ganharam outros ritmos e outras performances carnavalescas, e algo semelhante aconteceu com os cafés e cabarés que propagavam as “novidades carnavalescas” por meio de seus músicos e de suas orquestras. A década de 1930 foi um período em que os segmentos abonados começaram a intensificar outros espaços privados de sociabilidade em dias de carnaval, como os clubes.

Capítulo 3 – Ilustres foliões: os carnavais nas residências e nos clubes

A partir das mudanças ocorridas nos carnavais de rua, que foram apresentadas e discutidas no segundo capítulo, surgiu a necessidade de compreender os espaços que começavam a ser instituídos para o carnaval elegante da cidade no período pesquisado. Esses espaços eram os clubes que já existiam desde a segunda metade do século XIX, mas que não despertavam tanto o interesse dos foliões ligados aos carnavais luxuosos. No entanto, os clubes, no final da década de 1920, ganharam a atenção dos segmentos abonados como espaços privilegiados para as comemorações dos festejos carnavalescos, processo esse que se intensificou no decorrer da década de 1930.

Nesse período, não se pode atribuir o redirecionamento dos festejos elegantes do carnaval para dentro dos clubes luxuosos apenas às transformações na forma de se festejar o reinado de Momo nas ruas. É evidente que as disputas e as negociações pelas artérias da cidade contribuíram para que se intensificassem as festas carnavalescas dentro dos clubes elegantes. Porém, não se deve cair em reducionismos, pois a própria ambiência histórica permite entrever que a atenção dada pelos segmentos abonados aos clubes tinha relação estreita com os significados que esses espaços passaram a ter na década de 1930.

Os clubes também passaram a despertar os interesses dos segmentos médios, que alugavam, às vezes, os salões de elegantes clubes para realizarem festas carnavalescas. Assim, a busca por novos espaços de sociabilidade intensificava-se na cidade de Fortaleza. Contudo, essas festas realizadas pelos estratos médios não tinham o mesmo *glamour* dos festejos organizados pelos associados que pagavam mensalidades.

Todavia, é importante analisar, no presente capítulo, que outros espaços fechados, no decorrer dos anos de 1920, serviram para dar o tom elegante das festas carnavalescas na cidade. Essas festas eram os “assaltos carnavalescos”, que ocorriam em residências situadas em ruas e bairros nobres da cidade. Esses festejos ajudam a compreender a preocupação por parte dos segmentos abastados em diferenciar-se socialmente. Os “assaltos”

em residências, no final da década de 1920, começaram a perder o interesse das distintas famílias. Por que os “assaltos” deixaram de despertar a atenção dos foliões abastados?

Entretanto, os grupos de foliões que vinham dos segmentos médios e menos favorecidos da cidade começaram a divulgar os seus desfiles nas ruas da cidade a partir de festas que, às vezes, eram denominadas de “assaltos”. Estes eram realizados nas sedes de sindicatos ou nas residências de algum folião.

Os clubes passaram a servir de guarida para os ilustres foliões que, por muito tempo, empunharam o lábaro do carnaval no curso de automóveis. De certa forma, o abandono do desfile nas ruas foi uma forma encontrada pelos segmentos abonados de continuar tentando divulgar um modelo legítimo para o carnaval de Fortaleza. Este capítulo tem como proposta compreender o que os clubes luxuosos passaram a significar para os homens de posse da cidade nesse período de notáveis tensões no carnaval.

3.1. Os “assaltos carnavalescos”

O carnaval de Fortaleza foi marcado por uma prática que era muito divulgada nos jornais, principalmente, nos anos de 1920, os “assaltos carnavalescos”. Eram festas realizadas em residências elegantes e que marcaram o carnaval luxuoso da cidade. A historiadora Caterina Saboya, a partir da sua pesquisa hemerográfica, afirma que a primeira notícia sobre os assaltos foi em 1907, “(...) uma descrição de um assalto dos ‘invictos’ *Endiabrados Cavalheiros* à residência da ‘distinta família Teophilo à Rua Gal. Sampaio”²³⁹. Nas semanas que antecediam os dias da folia, muitas personalidades de destaque na sociedade promoviam esses folguedos carnavalescos em suas propriedades.

A palavra “assalto” sugere um ataque repentino, súbito e à traição. Essa palavra guarda um sentido do universo da festa carnavalesca, pois o imprevisível durante o carnaval sempre está em estado latente. Porém, não era o que acontecia nos chamados “assaltos carnavalescos”, realizados pelos

²³⁹ OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. Fortaleza: UFC, Monografia em História, 1995, p. 63.

ilustres foliões fortalezenses que organizavam e ornamentavam as suas residências para serem “assaltadas”. A própria imprensa fazia com que o sentido original da palavra “assalto” perdesse o significado, porque, quando ia ocorrer um “assalto carnavalesco”, a imprensa divulgava o local, a hora e os grupos que iriam fazer a investida carnavalesca. O noticiário, dias depois da festa, fazia descrições minuciosas sobre a ornamentação, os blocos e, principalmente, exaltava os anfitriões. Estes eram as principais figuras das festas, e todas as atenções giravam em torno dos proprietários das luxuosas residências. Nas descrições, feitas por algum jornalista convidado, enfatizavam-se as disputas entre os blocos que participavam da festa.

Essas festas eram um teatro de operações, mas que, por muitos momentos, foi posto em perigo por sujeitos ironicamente chamados por alguns homens de imprensa de “serenos”, “goteiras” e “penetras”. Com a presença destes, às vezes, a palavra “assalto” ganhava o seu verdadeiro significado.

Os denominados “serenos”, “goteiras” e “penetras” eram pessoas não convidadas a participar dos festejos carnavalescos organizados nas casas de personalidades de destaque social na cidade. Muitos ficavam nas calçadas, observando a chegada dos célebres foliões que faziam parte de algum clube elegante da cidade, “Iracema” ou “Diários”.

Não foram raros os “assaltos carnavalescos” ocorridos na cidade durante a década de 1920 e no limiar da década de 1930. Em sua retentiva, Edigar de Alencar recorda-se de que os “assaltos” eram considerados como um pré-carnaval, pois aconteciam semanas, e até meses, antes dos dias da pândega carnavalesca. O mesmo memorialista lembra-se de que eram realizados “pelos grupos filiados aos clubes, que assim preparavam o terreno para os bailes oficiais e tradicionais”²⁴⁰. Eram nesses “assaltos” que os blocos, também, cantavam e dançavam ao som do fox-trot e do ragtime. Uma vez ou outra, algum grupo arriscava cantar algum samba vindo dos carnavais do Rio de Janeiro, pois, por exemplo, a letra do samba “Pelo Telefone”²⁴¹,

²⁴⁰ **ALENCAR**, Edigar de. Outros Aspectos e Incidentes do Carnaval Cearense. In: *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC, 1980, p. 30.

²⁴¹ Segundo Fabiana da Cunha, o samba “Pelo Telefone” foi gravado “(...) inicialmente pela Banda Odeon e interpretado por Baiano e Donga, foi lançado no Carnaval de 1917 com muita repercussão não somente quanto à narrativa e a sua estrutura rítmica, mas, também no que diz respeito à polêmica autoria do mesmo”. Ver: **DA CUNHA**, Fabiana Lopes. *Da Marginalidade ao*

segundo Alencar, foi impressa e largamente distribuída pela loja “Rosa dos Alpes”, que também era famosa por ser a principal detentora de “discos e máquinas falantes e cantantes”²⁴².

Todavia, as canções ensaiadas pelos blocos, por conta dos “assaltos” e dos próprios dias de carnaval, em sua maioria, pertenciam aos gêneros do fox-trot e do ragtime. No ano de 1923, o bloco de os “Beduínos” ensaiou por muitas vezes, na sede do “Clube Iracema”, a “Canção dos Beduínos” (fox-trot Histoire de poupée) e “O Turbante” (ragtime do maestro Silva Novo) para os “assaltos” em que iria participar. O articulista Batuta I escrevia, com entusiasmo, sobre os preparativos de uma das muitas investidas do afamado bloco e, em uma das reuniões nos altos do Palacete Ceará, dizia o seguinte: “Foram ensaiadas bellas canções que vão, sem duvida, dar grande exito á segunda investida dos subditos de sua Majestade”²⁴³.

As festas eram sempre revestidas com um discurso de magia e fantasia por parte dos homens da imprensa, sendo as residências palco para os seus ilustres proprietários. No ano de 1923, logo no mês de janeiro, muitos foram os “assaltos carnavalescos” a residências elegantes na cidade dos quais o bloco “Beduínos” participou. Nesse ano, o articulista Batuta I, no alto de uma das páginas do jornal “Diário do Ceará”, expunha a seguinte manchete: “Echos do primeiro assalto dos ‘Beduínos’”. A partir dessa manchete, percebe-se que havia a tentativa de deixar, no cotidiano da cidade, marcas das festas elegantes, pois a palavra utilizada pelo articulista “Echos” transparece o interesse de impregnar a urbe de sinais dos belos festejos carnavalescos organizados pelos cultores das requintadas festas dedicadas ao deus da folia.

No alto da página do jornal “Diário do Ceará”, Batuta I escreveu uma matéria que continha alguns comentários sobre um “assalto” no clube “Iracema”, mas o destaque era para a próxima investida do bloco, que se realizaria na residência do comerciante Alfredo Salgado. Sobre essa investida, o festeiro articulista dizia, com falso teor de “espionagem”, o seguinte:

Por um furo de reportagem, conseguimos saber que os 'Beduinos' darão o seu segundo assalto no sabbado proximo.

Estrelado: O samba na construção da nacionalidade (1917-1945). São Paulo: ANNABLUME, 2004, p. 78.

²⁴² ALENCAR, Edigar de. Op. Cit.

²⁴³ Diário do Ceará, 18/01/1923.

A *mesquita* a ser invadida é a nobre residência do sr. Alfredo Salgado, em Fernandes Vieira.

Sobre esse assalto que será certamente revestido de grande animação, ocupar-nos-emos mais circunstanciadamente em edições seguintes²⁴⁴

A residência desse comerciante situava-se no bairro de Jacarecanga, que, juntamente com outras propriedades residenciais, formava um conjunto arquitetônico que se diferenciava dos outros bairros da cidade. O articulista do jornal antecipa-se e afirma que o “assalto” será “revestido de grande animação”. Os preparativos para a festa já estavam sendo agilizados alguns dias antes, pois os anfitriões não poderiam ser pegues de surpresa. O Batuta I não só relaciona a residência de Alfredo Salgado a uma mesquita por conta do bloco “Beduínos”, mas, também, por conta do caráter exótico dessas construções que denotavam luxo e riqueza. Os comentários sobre essas festas sempre eram carregados de uma exaltação que projetava os proprietários. Mas, também, havia a projeção dos blocos que participavam dos “assaltos”. Ao se referir às providências tomadas pelos “Beduínos”, Batuta I faz um comentário que possibilita enxergar como esses momentos festivos eram aproveitados para projetar socialmente determinados segmentos sociais.

A secretaria do *Califado* dos 'Beduinos' teve a (...) gentileza de comunicar nos que hoje, às 7 horas da noite, do prédio do Clube Iracema, haverá uma reunião de todos os seus membros, afim de assentarem medidas relativas ao proximo assalto, que se effectuará sabbado²⁴⁵.

Estes estariam reunidos nos altos do Palacete Ceará²⁴⁶, pois era o espaço que servia de sede para os sócios do clube “Iracema”. Nessas reuniões, fica evidente a consolidação da identificação entre os membros do bloco e, também, a construção e o fortalecimento de solidariedades que não se restringiam aos dias de carnaval. A dimensão de disputa alimentada nessas reuniões, e que é característica da festa carnavalesca, intensificava, entre os integrantes do mesmo bloco, os laços de amizade. Por isso, não foi por acaso

²⁴⁴ Diário do Ceará, 16/02/1923.

²⁴⁵ Diário do Ceará, 17/01/1923.

²⁴⁶ O Palacete Ceará é onde hoje funciona a Caixa Econômica Federal da Praça do Ferreira, no caso da sede do Clube Iracema seria na parte superior enquanto a parte inferior seria ocupada pela Rotisserie.

que o articulista referiu-se à secretaria de os “Beduinos” de “*Califado*”, pois assim empregava a noção de unidade aos componentes de um mesmo bloco. Eram nessas reuniões que se tiravam as várias comissões como: de Recepção, de Salão, de Convites, de Reconhecimento, de Orquestra, de Buffet e de Direção Geral. Nessas reuniões, eram ensaiadas algumas canções e gritos de guerra para o tão esperado dia da festa.

Nessas festas privadas, percebe-se uma preocupação com os sujeitos indesejados que rondavam a cidade. Não muito raro, alguns incidentes envolviam um não-convidado, por isso eram importantes às comissões, principalmente a de Reconhecimento e a de Convite, pois era uma garantia para que tudo transcorresse na mais perfeita ordem.

Batuta I sempre procurando informar sobre as investidas carnavalescas que ocorriam ou que ocorreriam pela cidade possibilita que se enxergue todo o movimento realizado pelos organizadores do carnaval elegante do ano de 1923. Ainda sobre o tão badalado “assalto carnavalesco” à residência do comerciante Alfredo Salgado, o atento articulista faz o seguinte comentário na véspera do grandioso dia:

Segundo pudemos apurar, o sympathizado e gracioso grupo, ao som de harmoniosas canções, deixará o Clube Iracema às 8 1/2 horas da noite e, após curto passeio em bondes e automóveis pelo centro da cidade dirijir-se-á à fidalga residencia do sr. Alfredo Salgado²⁴⁷.

A tão almejada festa de sábado, que foi comentada durante uma semana, não se reduziu a uma festa nos recintos da “fidalga residencia do sr. Alfredo Salgado”. O itinerário do desfile foi exposto no dia 19 de janeiro, talvez como uma forma de conclamar os transeuntes a ficarem atentos à passagem dos animados foliões. Percebe-se uma minuciosa cobertura desempenhada pela imprensa, o que, de certa forma, engrandecia os protagonistas dessas festas. A parcela da imprensa que dava atenção a tais festejos carnavalescos estava sempre presente nas reuniões dos blocos de foliões, possibilitando a troca de informações.

²⁴⁷ Diário do Ceará, 19/01/1923.

No dia 20 de janeiro, logo pela manhã, o jornal “Diário do Ceará”²⁴⁸ divulgava as duas canções ensaiadas para serem cantadas durante o desfile pelas ruas centrais da cidade e no momento em que o bloco adentrasse na residência. Talvez, essa atitude do jornal de publicar impressas as duas canções²⁴⁹ fosse uma forma de arregimentar os leitores para ficarem dispostos a cantar na passagem do bloco de os “Beduínos” pelo centro da cidade. No final das contas, esse curto passeio tinha o sentido de espetáculo e, para isso, precisava-se de espectadores atentos. Esses espetáculos divulgados pela imprensa eram uma tentativa de alimentar as fantasias dos transeuntes que acorriam para as calçadas das ruas e residências para assistirem à animação dos segmentos que se destacavam na cidade.

A partir das descrições de como seriam as festas elegantes, denominadas de “assaltos carnavalescos”, a imprensa procurava seduzir os homens e mulheres, que eram chamados chistosamente de “sereno”, “goteiras” e “penetras”.

Talvez essas festas provocassem sedução ou estranhamento nos sujeitos que se encontravam pelas ruas. O bloco de os “Beduínos” não poupou esforços na investida que confabulou durante uma semana nos altos do Palacete Ceará. O espetáculo visto pelos atentos jornalistas que se encontravam nos locais por onde o bloco passou foi detalhado no dia 21 de janeiro de 1923. Ao partirem do reduto, “Clube Iracema”, às 20h50mim, ouvia-se, e os que estavam próximo viam, o espocar de vários morteiros. Os participantes, dispostos em três bondes da Light e em quinze automóveis, proclamavam, em alto e bom som, aclamações em voltas pela praça do Ferreira. Logo em seguida, rumaram para o palacete do comerciante Alfredo Salgado e, ao chegar à aludida residência, novos morteiros foram disparados, e o bloco de os “Beduínos” foi recebido pela família anfitriã.

Ha uma cousa que não devemos passar em silencio: foi a magnifica impressão que produziu em todos a recepção organizada pela ilustre família Salgado, tanto pela sua disposição habilidosa, como pelo tom atraente e cordial que presidiu á mesma.

²⁴⁸ Diário do Ceará, 20/01/1923.

²⁴⁹ As duas canções a que me refiro são: Canção dos Beduínos (fox-trot Histoire de poupée) e O Turbante (ragtime do maestro Silva Novo).

Depois, os salões da "Itapuca Villa" estavam ricamente ornamentados por bellas flores naturaes, que offereciam um espectáculo muito agradável.

Havia uma disposição de luz muito bem feita e delicadamente combinada²⁵⁰.

A atenção foi direcionada para a ornamentação da residência que ganhou vários elogios por estar maviosamente organizada. A luz, que era símbolo de "modernidade" e "progresso", ganhou comentários minuciosos por estar "delicadamente combinada". Pelo texto do articulista, percebe-se que o palacete "Itapuca Villa" possuía muitos salões para recepcionar os seus convivas. Nas descrições dos articulistas, a própria propriedade, principalmente o interior dos imóveis, confunde-se com o proprietário, possibilitando, assim, uma projeção dos anfitriões, que eram garbosamente exaltados pelo requinte e bom gosto da escolha habilidosa da ornamentação do domicílio. Contudo, a própria dimensão da festa carnavalesca intensificava a exaltação e a imagem de super-ambudância divulgada pelos segmentos abonados.

O conjunto arquitetônico que se destacava entre a praça da Lagoinha e a praça Fernandes Vieira (hoje denominada praça Gustavo Barros, mas conhecida como praça do Liceu), segundo Liberal de Castro "(...) se espalhava até as margens de um riacho de águas claras, formando grosso modo o arrebalde Jacarecanga"²⁵¹. Esse mesmo pesquisador afirma que quase todas as residências que formavam o bairro de Jacarecanga, pelos idos anos de 1920, tinham nomes que as identificavam, geralmente acompanhadas por "Villa". O palacete do destacado comerciante Alfredo Salgado, como já foi explicitado, era conhecido pela denominação "Itapuca Villa", com sintaxe própria do Inglês. Vale ressaltar que esse comerciante possuía íntima ligação com o comércio britânico, talvez isso possa explicar o porquê da sintaxe. Porém, outros palacetes ornavam-se nos altos dos portões com dísticos em Francês e em Latim, como no domicílio de Francisco Salgado (irmão de Alfredo) que, no alto do portão, estava escrito "Festina Lente".

O palacete que tinha em seu frontispício "Itapuca Villa", onde ocorreu o "assalto carnavalesco" no dia 20 de janeiro de 1923 liderado pelos "Beduínos",

²⁵⁰ Diário do Ceará, 21/01/1923.

²⁵¹ CASTRO, Liberal de. *Arquitetura Eclética no Ceará*. In: FABRIS, Annateresa. *Eclétismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/Editora da USP, 1987, 234.

era “implantado em um amplo jardim, tinha compartimentos cujos encontros das paredes internas eram arredondados e mostrava singular aparência exterior, talvez inspirada num autêntico *bungalow* indiano” ²⁵². Esse palacete inspirado em um *bungalow* indiano situava-se na Guilherme Rocha (antiga travessa Municipal), próximo à praça da Lagoinha.

Os articulistas aproveitavam a arquitetura, as ornamentações, os enfeites para elaborar descrições que se assemelhavam aos contos de fadas, onde a decoração deslumbrante, juntamente, com as adjetivações contidas nas descrições, ajudava a narrar episódios que relacionavam anfitriões e convivas num verdadeiro mundo de sonho e fantasia, em que a dimensão exótica devia prevalecer.

No palacete, também situado no bairro de Jacarecanga, da d. Sinhá Martins, alguns grupos, no ano de 1923, destacaram-se nos três salões lindamente ornamentados, como enfatizou Batuta I “que só a mãos de fadas era dado arranjar”.

Circundaram a Praça do Ferreira e proseguiram pela linha de Fernandes Vieira até o local indicado para o assalto. Ahi é que apareceu o espectáculo que só a mãos de fadas era dado arranjar. Os amplos e elegantes salões da residencia da distincta familia Martins estavam bellamente decorados e artisticamente preparados. A primeira sala, a principal, era dedicada aos 'Beduinos' e representava uma magnifica concepção de arte. A segunda, reservada ao 'Favo da Jaty, estava attrahentemente ornamentada. A terceira, era uma homenagem aos 'Capirotos' e 'Serpentinas', o que se podia desejar de melhor e de mais artistico ²⁵³.

Como era de praxe, os blocos convidados fizeram o passeio pela praça do Ferreira até chegar à residência de d. Sinhá Martins, que, inclusive, era sogra de um dos organizadores do bloco de os “Beduínos”, nos dizeres de Batuta I: o “decidido e invicto califa Sr. Benicio Cavalcante” ²⁵⁴. Observa-se, por esse pequeno indício, que os “assaltos carnavalescos” restringiam-se a pessoas que se conheciam há algum tempo, tanto que o bloco “Favo da Jaty”, após oferecer uma taça de Champagne à madame Benicio Cavalcante, pediu para que esta “distribuisse às moças presentes um artístico leque com os

²⁵² Id. Ibidem. p. 235.

²⁵³ Diário do Ceará, 6/02/1923.

²⁵⁴ Diário do Ceará, 3/02/1923.

dizeres: 'Lembranças do Favo Jaty'" ²⁵⁵. Tais atitudes serviam para fortalecer os laços de solidariedade entre esses segmentos.

Além destes três luxuosos salões, onde se divertiam os blocos, os "Beduínos", o "Favo da Jaty", os "Capirotos" e as "Serpentinas", existia, no mesmo palacete, um lindo jardim com as mais deslumbrantes ornamentações. Nesse jardim, encontravam-se três lindas pirâmides, o que, segundo o articulista, transformava-o "num deserto do Sahara" ²⁵⁶. O interesse dos anfitriões em destacarem-se era exposto logo na entrada, pois, na frente do palacete, "viam-se centenas de lampadas multicores e mais o dístico Luminoso *Allah*, que era de um efeito surpreendente" ²⁵⁷.

Havia um jogo constante por parte dos anfitriões com os espaços da residência e com os objetos que serviam de ornamentação. Esses elementos, que eram dispostos no jardim, nos salões e na entrada dos palacetes, ajudavam a multiplicar as aparências dos proprietários e dos convidados. O próprio dístico luminoso com a palavra *Allah* na frente do Palacete chamava a atenção dos que passavam na calçada.

Não era por acaso, como será visto adiante, que os curiosos ficavam aos grupos, nas calçadas e nas ruas, procurando obter alguma informação ou chacoteando com vaías e piadas, o que provocava irritações nos promotores e nos participantes dos "assaltos".

No ano de 1924, um "assalto" à residência do deputado Moreira da Rocha, figura de muito destaque social em Fortaleza, atraiu, por alguns dias, a atenção da imprensa ligada às luxuosas festas que se desenrolavam na cidade. O bloco que estava organizando o "assalto" era os "Funçanistas", que tinham como canto de guerra uma canção cuja música era do já conhecido maestro Silva Novo, e a letra era de Pedro Freire. Esse bloco iria "assaltar" a residência do ilustre deputado, a qual se situava na rua Barão do Rio Branco, nº 248. Para isso, dizia o articulista do "Diário do Ceará", que assinava Ba-Ta-Clan, que "os seus organizadores são cavalheiros que não poupavam esforços para tornar sempre brilhantes os assaltos que levam a efeito" ²⁵⁸.

²⁵⁵ Idem.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ Idem.

²⁵⁸ Diário Ceará, 13/02/1924.

As festas nas residências e nos clubes elegantes também eram utilizadas para promover os homens da política. Havia pedidos para o comparecimento da imprensa nas residências elegantes onde ocorriam “assaltos”.

Realizando-se sexta-feira, 15 do corrente, o nosso segundo assalto, na confortavel residencia do Exmo. Snr. Deputado D. Moreira da Rocha, sita á rua Barão do Rio Branco, n. 248, vimos encarecer o comparecimento dessa ilustrada redacção para maior realce e alegria da nossa festa, pelo que desde já nos confessamos gratos

²⁵⁹.

Os redatores eram convidados a comparecer aos “assaltos” realizados nas residências luxuosas. Isso deixa transparecer que não era qualquer redacção que comparecia aos “assaltos”, mas só aquela que tinha certa intimidade com os participantes envolvidos na organização. O ponto de encontro dos animados componentes do bloco foi na rua Major Facundo, nº 244. Dentre os componentes do bloco, figuravam homens de destaque como o advogado e professor de Direito Raimundo Gomes de Mattos. A relação estreita entre os homens de comércio, da política e das letras era muito intensa na organização de algumas festas carnavalescas na década de 1920. Durante o carnaval, estes se agrupavam nos blocos organizados dentro de algum clube elegante.

Sabbado, à noite o garrulo bando dos Bebes Levados deu um assalto em regra a residência do Dr. Gomes Mattos, a Rua 24 de Maio, a qual se achava esplendidamente iluminada a luz electrica. Do assalto participaram os Piratas Negros que condiziam bravamente a legião da folia, numa algazarra infernal ²⁶⁰.

As festas nas residências dos homens de destaque ganhavam as páginas dos jornais nos dias que antecediam ao tríduo carnavalesco. Eram os preparativos para os dias de carnaval. Às vezes, essas festas envolviam não só os foliões dos blocos que iriam comparecer às festividades carnavalescas, mas, também, muitos brincantes indesejados pelos organizadores.

No ano de 1923, o já conhecido articulista do jornal “Diário do Ceará”, Batuta I, de forma impaciente, escrevia algumas notas sobre o comportamento

²⁵⁹ Idem.

²⁶⁰ Diário do Ceará, 10/01/1929.

do “sereno”. O indignado articulista, que sempre exaltou os cultores das festas elegantes, mostrava-se extremamente irritado e dizia o seguinte: “Não há festival, seja em club ou casa de família, que escape às vaias dos mal educados, frequentadores do ‘sereno’”²⁶¹. Por esses indícios, fica explícito que a presença dos “frequentadores do sereno” não era esporádica e que a postura provocadora do “sereno” era condenada.

Assim, o “sereno” estava presente na frente da residência do cel. Fausto Silva, situada na rua General Sampaio, que foi “assaltada” por moços do comércio. Vale ressaltar que muitos comerciantes eram chamados de coronéis, talvez por conta das relações políticas que estabeleciam com as oligarquias locais. Durante os dias de carnaval, muitos promoviam festas em suas residências e utilizavam os “assaltos carnavalescos” para fazer propagandas de seus estabelecimentos comerciais.

Contudo, a batalha com lança-perfume e as danças na residência do cel. Fausto Silva prolongaram-se até duas da madrugada com a presença desagradável dos “freqüentadores do sereno”. Os desagradáveis partícipes do “sereno”, assim, ganharam o direito de serem noticiados no “Diário do Ceará”, que sempre estava publicando algum comentário do Batuta I sobre as luxuosas festas promovidas por clubes e residências elegantes.

O ‘sereno’ portou-se pessimamente, vaiando a torto e a direito. Esse detestavel costume, ultimamente adoptado por certo pessoal, naturalmente despeitado pela sua exclusão das festas carnavalescas, deve ter enérgica repressão²⁶².

No fragmento citado acima, o articulista demonstrou sua total aversão aos comportamentos dos desabusados que tomavam parte no “sereno”. O que irritou o articulista e os outros presentes na festa foi a “saraivada de vaia” emanada por parte do “sereno”, e não a sua presença que, de certa forma, era desejada, como ficava explícita na divulgação dos “assaltos” pela imprensa. As vaias, um costume que parecia estar-se tornando corriqueiro durante as festas de clubes e residências, era uma forma de ridicularizar e desmoralizar. Sobre a vaia durante o carnaval, são interessantes as observações de Luís Câmara Cascudo:

²⁶¹ Diário do Ceará, 8/02/1923.

²⁶² Idem.

As vaias durante o Carnaval, espontâneas, típicas, irreprimíveis, constituem exemplo. Impossível indicar a iniciativa, o primeiro grito resumindo a impressão latente em potencial, preexistente ou determinada na ocasião, explodindo matraquear ruidoso, indistinto e feroz, entre gargalhadas e gritos confusos. Tanto mais intensa quanto mais convergentes sejam os motivos solidaristas do Desabafo²⁶³.

Pela descrição e comentários do articulista, a intensidade das vaias foi perceptível, pois se vaiou “a torto e a direito” o ilustre anfitrião e seus convidados. Talvez, os partícipes do “sereno” tivessem motivos comuns e foram solidários uns para com os outros, aproveitando o momento festivo para desforrarem-se de forma burlesca de um “inimigo”. No meio da multidão que se postava em frente aos clubes e às residências, muitos sujeitos aproveitavam-se da possibilidade de tornarem-se anônimos para ridicularizar e satirizar os adeptos dos elegantes carnavais. As vaias, as assuadas, as gargalhadas e os gritos que surgiam de todos os lados desmoralizavam os ilustres foliões e eram armas típicas dos momentos de carnavalização²⁶⁴.

Não era de se estranhar a presença do “sereno” nas festas que se realizavam pela cidade. A imprensa, como já se sabe, divulgava diariamente os preparativos para as festas nas residências e clubes elegantes de Fortaleza. Os articulistas, de certa forma, convidavam leitores e leitoras a partir das descrições detalhadas nas folhas dos jornais.

No ano de 1928, num “assalto” em uma residência na rua Barão do Rio Branco, ocorreu um conflito entre dois foliões que estavam assistindo ao aludido folguedo. O noticiarista enfatiza que um indivíduo: “Quando, sábado à noite, estava no sereno de uma festa à rua Barão do Rio Branco assistindo um assalto carnavalesco foi ali, inopinadamente, agredido por José Mendes de Oliveira (...)”²⁶⁵.

O agredido por José Mendes de Oliveira com uma navalha foi Gervásio Rodrigues, que teve apenas o paletó cortado. Os dois encontravam-se, segundo o jornal, “no sereno de uma festa”. Já se observou que os “assaltos”

²⁶³ **CASCUDO**, Luís Câmara. *História dos Nossos Gestos*. São Paulo: Global Editora, 2003, p. 47.

²⁶⁴ **BAKHTIN**, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: editora da UNB, 1990.

²⁶⁵ Correio do Ceará, 20/02/1928.

atraíam muitos sujeitos que ficavam acotovelando-se nas calçadas e, assim, imprimiam em tais festas outros significados, que, muitas vezes, desagradavam os organizadores dos festejos. Mas o “sereno”, pelo que tudo indica, constituía-se em outra festa comemorada por foliões que se aproveitavam, talvez, das orquestras ou das “maquinas falantes e cantantes” presentes nas luxuosas propriedades. Todavia, no âmago desses foliões havia o desejo de participar de tais festejos. E não tardou para que, pelos idos das décadas de 1920 e 1930, muitos foliões que não tinham projeção social na cidade organizassem festas, também denominadas “assaltos”, em casas de conhecidos.

O desejo que estas festas despertavam nos segmentos médios e menos favorecidos da cidade é percebido por alguns “assaltos” realizados em organizações de trabalhadores da cidade. No ano de 1927, os “Russianos”, grupo pertencente ao “Club Artístico Operário”, organizaram um “assalto” à residência do presidente desse clube.

Promette se revestir de retumbante animação, o assalto que o <<Club Artístico Operário>> dará hoje na casa do seu presidente, sr. Antonio Medeiros; iniciando os festejos com que tenciona comemorar o Reinado do Deus Momo, entre nós²⁶⁶.

A residência do presidente do “Club Artístico Operário” situava-se à praça de Pelotas, na esquina da rua General Sampaio, nos altos de um sobrado. O sr. Antonio Medeiros e o “assalto” organizado pelos “Russianos” são indícios de que esses festejos não eram apenas apreciados pelos ilustres foliões. O “assalto” que caracterizava o carnaval elegante da cidade era apreciado por muitos foliões que não pertenciam aos estratos abonados da Fortaleza.

No ano de 1930, o “Sindicato dos Trabalhadores Gráficos de Fortaleza” convocou todos os “companheiros” para tomarem parte em um “assalto” que iria se realizar na rua 24 de Maio, nº 90. No fragmento abaixo, nota-se uma preocupação em fortalecer os laços de solidariedade entre os trabalhadores e em apoiar, talvez, os que se encontrassem desempregados.

Essa festa patrocinada pelo BOC Cearense, é de iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores de Fortaleza, que num gesto de justo

²⁶⁶ Diário do Ceará, 5/02/1927.

aplauso, resolveu fazel-a em benefício dos seus companheiros graphics, desocupados²⁶⁷.

Interessante o tom de ironia contido nas palavras do responsável por essa “Coluna Operária” publicada no jornal “Gazeta de Notícias”. O grupo de foliões que estava se organizando para o ataque autodenominou-se os “Forçados”. Na própria denominação, há uma crítica com referência à obrigação do trabalho. Esses “assaltos” distam dos elegantes “assaltos carnavalescos” promovidos nos palacetes luxuosos de alguns homens apatacados de Fortaleza. Os festejos nas residências de homens que não dispunham de uma grande visibilidade social e nas sedes de alguma organização de trabalhadores ocorriam freqüentemente, pois se encontram, geralmente, nas páginas policiais notícias dessas festas dançantes.

Por meio das denominações dos grupos e das próprias palavras utilizadas na curta “Coluna Operária”, enxergam-se elementos que remetem ao universo desses trabalhadores de Fortaleza. Eles revestem as suas festas carnavalescas com signos do seu próprio mundo.

Por mais que sejam poucas as notícias sobre esses “assaltos”, que não tinham o mesmo *glamour* e riqueza dos realizados nas residências luxuosas, elas permitem entrever as disputas para demarcar e conquistar espaços na cidade de Fortaleza durante os festejos carnavalescos. Ao denominar as suas festas de “assaltos”, esses segmentos procuravam adentrar na lógica dominante pela porta da frente, mas não como uma forma de incorporar e de absorver essa lógica, mas sim de traduzi-la e de apropriá-la para reivindicar o direito à cidade e ao carnaval.

Os jornais, como os grandes difusores da vida social da cidade, teciam poucos comentários em comparação aos luxuosos “assaltos”. A imprensa não fazia a cobertura dos festejos, apenas anunciava o local, os grupos e o horário dos “assaltos”, o que era bem diferente dos suntuosos “assaltos”, nos quais a imprensa oferecia toda uma cobertura e apoio para os organizadores.

A historiadora Caterina Oliveira, mediante intensa pesquisa hemerográfica, afirma que:

²⁶⁷ Gazeta de Notícias, 20/2/1930.

Os assaltos mantêm-se até a década de 30, porém passam a se concentrar nos clubes e os anúncios de assaltos a residências, antes freqüentes, tornam-se esparsos. Em 1934, quase inexistem anúncios de assaltos nos jornais ²⁶⁸.

A pesquisadora está se referindo aos “assaltos” às residências luxuosas. Saboya escrutinou o carnaval da “elite” da cidade de Fortaleza e percebeu que, na década de 1930, a “elite” procurou, com maior intensidade, refugiar-se dentro dos recintos dos clubes. Entretanto, como já foi debatido, em vários momentos desta pesquisa, outros carnavais configuravam-se pelos espaços da cidade nessas duas décadas.

Interessante notar, também, que os “assaltos” luxuosos foram deixados de lado, juntamente, com o corso. Essas duas práticas, tidas como pertencentes aos suntuosos carnavais, complementavam-se, pois os “assaltos” antecediavam o corso como forma de “preparar o terreno” para os grandes desfiles carnavalescos. Além de promover o encontro entre as distintas famílias da cidade, os “assaltos” divulgavam os foliões, as músicas, as performances e as fantasias. Mas com a intensificação, por parte dos ilustres foliões, das festas dentro dos clubes, os “assaltos” elegantes não tinham mais razão de existir nos dias que antecediavam o carnaval, pois o não-comparecimento dos ilustres foliões às ruas nos dias de carnaval descartava os avisos prévios.

Todavia, os segmentos médios e menos favorecidos apropriavam-se de tais festejos para divulgarem os grupos, os ritmos e as performances que seriam expostas nas ruas da cidade, como foi visto no capítulo anterior. Na década de 1930, os grupos que se aventuravam a desfilar pelas ruas da cidade nos dias de carnaval promoviam festas nas suas sedes, como o já conhecido grupo as “Baianas” que, no carnaval de 1936, realizou “(...) em sua séde, á rua Gonçalves Lêdo, uma grande festa carnavalesca, que foi mesmo um <<desacato>>” ²⁶⁹.

Os “assaltos” luxuosos foram desaparecendo das folhas dos jornais, mas outras festas carnavalescas continuaram ocorrendo pela cidade e, aos poucos, foram ganhando destaque nos jornais, principalmente na década de 1930. As matérias dos periódicos destacavam e divulgavam as luxuosas festas

²⁶⁸ OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. Op. Cit., p. 69.

²⁶⁹ Gazeta de Notícias, 3/1/1936.

nos clubes elegantes e as festas carnavalescas nas ruas da cidade. Entretanto, as festas mais comentadas nas páginas dos jornais eram as dos clubes.

3.2. Foliões nos recintos dos clubes

O aparecimento dos clubes elegantes, com intensa ligação com as festas carnavalescas na cidade, data da segunda metade do século XIX. Eram dois os clubes que se distinguiam em Fortaleza nesse período, o “Clube Cearense” e o “Clube Iracema”. O historiador Raimundo Girão enfatiza que:

Em 1867, surgiu o “Clube Cearense”, instituído no dia 19 de abril e começando as suas memoráveis festas em 7 de setembro, num sobrado residente da Rua Senador Pompeu, de propriedade de D. Manuela Vieira²⁷⁰.

O escritor afirma que os salões do “Clube Cearense” eram freqüentados, essencialmente, por estrangeiros, notadamente, ingleses, franceses e portugueses. Estes eram: “afeitos às exigências das grandes cidades européias e, por essa razão, polidos, cavalheirosos, num meio que apenas deixava os costumes sociais mais elementares”²⁷¹. Nos recintos do faustoso clube, muitas atividades eram desempenhadas pelos seus sócios, como jogos de recreação e partidas dançantes. O reduto do elegante clube era restrito aos segmentos abonados da cidade, e as medidas preventivas para que não ocorressem encontros com sujeitos indesejados, “cujos sapatos não podiam pisar os aveludados tapêtes da torre encantada”²⁷², eram constantes. Raimundo Girão observa que:

Formava-se, assim, do lado de fora, outra **jeunesse dorée**, desejosa de subir pela escada de Jacó dos seus anseios até os olímpicos das grandes salas da arte, do perfume e da música²⁷³. (Destaque do autor).

²⁷⁰ GIRÃO, Raimundo. A princesa diverte-se. In: *Geografia Estática de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959, p. 231.

²⁷¹ Id. *Ibidem*.

²⁷² Id. *Ibidem*, p. 232.

²⁷³ Id. *Ibidem*.

Essa juventude dourada a que se refere Girão eram os moços ligados ao comércio da cidade e que procuravam firmar-se enquanto classe dominante em Fortaleza. Nos fins do século XIX, vários desses rapazes emergiam na sociedade fortalezense a partir do comércio de importação e exportação. Ao chegar o limiar do século XX, muitos tinham seus escritórios de representações comerciais ou eram comerciantes de renome na cidade.

Raimundo Girão informa que a reação dessa juventude dourada veio quando o guarda-livros Antônio Costa Sousa foi expulso do clube e pelo “fato de ter sido recusada a proposta, para sócio do Clube, do funcionário da Alfândega, Francisco Carneiro Monteiro”²⁷⁴. Então:

Uniram-se José Marçal, Antônio Costa Sousa e seu irmão Joaquim, os despachantes Francisco Carneiro Monteiro, Francisco Teófilo G. de Oliveira e Antônio Martins, e mais Pápi Júnior, para formarem outra sociedade diversional. O último destes sugeriu o nome, que de pronto foi aceito – **Clube Iracema**. Pápi era, ao mesmo tempo, guarda-livros e despachante da casa em que trabalhava, assim como despachante eram Carneiro Monteiro e Dias Martins, sendo porisso fácil conquistar a solidariedade do conferente Francisco Perdigão de liveira. Cidadão estimadíssimo da população e do comércio, foi escolhido primeiro presidente. Sem demora eleita a diretoria – 28 de junho de 1884, e designado o dia 19 de julho para festa de inauguração²⁷⁵. (Destaque do autor).

A formação do “Clube Iracema” permitiu que os segmentos emergentes pudessem projetar-se socialmente, pois essa agremiação passou a ser referência na cidade e a despertar o interesse de muitos homens abonados da cidade. Nos salões desse clube, ocorriam:

Concertos, recitais, sessões literárias, festas de benefícios atraíam para os salões do ‘Iracema’ a gente culta de Fortaleza, já familiarizada com os bailes e partidas íntimas ali efetuados e com números sempre atraentes do seu mimoso palco²⁷⁶.

Os salões desses dois clubes eram destinados ao encontro das distintas famílias no final das tardes. Entretanto, o surgimento dessas agremiações que se tornaram rivais possibilitou que houvesse modificações no carnaval da cidade. Pois foi dos recintos dos clubes “Cearense” e “Iracema” que surgiram,

²⁷⁴ Id. Ibidem, p. 233.

²⁷⁵ Id. Ibidem.

²⁷⁶ Id. Ibidem, p. 239.

dentre outras, as duas Sociedades Carnavalescas que marcaram época no carnaval elegante da cidade. Nos recintos do “Clube Cearense”, formou-se a Sociedade Carnavalesca “Dragões de Averno” e, nos redutos do “Clube Iracema”, organizaram-se os membros da Sociedade Carnavalesca “Conspiradores Infernais”.

Esses dois clubes tinham como palcos, para demonstrar o esplendor das suas sociedades carnavalescas e a rivalidade entre elas, as ruas da cidade de Fortaleza. O carnaval, nesse momento, não se restringia aos recintos dos clubes, pelo contrário, o espaço preferido pelos organizadores e participantes das sociedades carnavalescas eram as artérias da urbe. No carnaval de 1885, um ano após a fundação do “Clube Iracema”, foram realizados pelos dois clubes “desfiles riquíssimos, com majestosos carros alegóricos, trabalhado mais delicado labor e paciente execução”²⁷⁷. Entretanto, nos salões desses dois clubes “dançavam-se figuras (valsas e polcas) quadrilhas e lanceiros”, ou seja, danças comportadas. O cronista João Nogueira afirma que os lanceiros eram uma “(...) contradança muito afidalgada, toda cheia de mesuras, em que se imitavam as delicadezes e sobriedade de movimentos da fidalguia antiga”²⁷⁸. Os sócios dessas agremiações, homens de destaque na sociedade, procuravam, por meio da rivalidade estabelecida entre eles, projetar-se mutuamente no meio social de Fortaleza.

Todavia, essa rivalidade duraria até o final do século XIX, pois, segundo Raimundo Girão: “Fechado o ‘Clube Cearense’, ali pelas finais horas do século, ficou o ‘Iracema’ a polarizar a elite fortalezense, a ser ‘um ateneu das atividades culturais que nobilitam a sociedade da nossa terra’”²⁷⁹. Assumia, assim, o “Clube Iracema” a dianteira das festividades elegantes dedicadas a Momo na cidade. Raimundo Girão não explica os motivos de o “Clube Cearense” ter fechado as portas. O desaparecimento desse clube e a permanência do “Clube Iracema” podem ser indício de que os segmentos ligados ao comércio da cidade fortaleciam-se e mantinham-se firmes na vida social da cidade.

²⁷⁷ Id. *Ibidem*.

²⁷⁸ NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha: Crônicas*. Fortaleza: Edições UFC, 1981, p. 45.

²⁷⁹ GIRÃO, Raimundo. *Op. Cit.*, p. 238.

No próprio seio do “Clube Iracema”, surgiu uma dissidência, “(...) o ‘Clube dos Diários’, fundado, em 18 de março de 1913, por João Garcia Arêas, Francisco da Costa Freire, Martiniano Silva, José de Mendonça Nogueira, João Mac-Dowell Guerreiro Lopes, César Cals de Oliveira, Henrique Jorge e mais alguns”²⁸⁰. Os sócios do “Clube dos Diários” também pertenciam ao mundo elegante de Fortaleza, entre eles se encontravam homens da imprensa, da política e do comércio. Durante as décadas de 1920 e 1930, os “diaristas” seriam os maiores rivais dos “iracemistas”. Sobre essa rivalidade entre os dois clubes, Raimundo Girão faz o seguinte comentário:

Ressurgia para o nosso mundanismo fase semelhante àquela áurea das competições cavalheirescas do ‘Iracema’ e do ‘Cearense’, pois que a nova associação bem cedo atingiu os cimos aristocráticos, dirigida por gentlemen da mais legítima contextura, tipo Eliéser Studart da Fonseca, sempre lhaneza e aprumo no exercício de sua longa presidência²⁸¹.

A rivalidade que se estabelece entre os dois clubes acirra-se no decorrer das décadas de 1920 e 1930, o que acabou por beneficiar os sócios das duas agremiações, pois os jornais da cidade, nos dias que antecediam e nos dias de carnaval, procuravam destacar o luxo e o *glamour* das festas organizadas dentro do recinto do “Iracema” e dos “Diários”. Os discursos elaborados por muitos jornais projetavam os associados, que se tornavam os “verdadeiros” promotores do carnaval da cidade. As competições intensificaram-se, principalmente em meados da década de 1920, porque os dois clubes procuravam, por meio da beleza das festas, suplantar o rival.

O empenho dos associados era percebido pelas diversas comissões organizadas para as festas. No carnaval de 1923, o “Clube Iracema” organizou as seguintes comissões: “Recepção, Ornamentação, Convites, Buffet, Orchestra, Reconhecimento de máscara”²⁸². As comissões para os sócios eram de extrema importância, pois os sujeitos indesejados eram barrados na porta do clube e, nesse sentido, a comissão de maior importância era a de “Reconhecimento de máscaras”. Nos dias de carnaval, os dois clubes investiam nas ornamentações de suas sedes.

²⁸⁰ Id. *Ibidem*, p. 240.

²⁸¹ Id. *Ibidem*.

²⁸² Diário do Ceará, 7/02/1923.

As ornamentações dos dois clubes nas noites carnavalescas de 1923 chamaram as atenções dos jornalistas que compareciam às festas.

Os exelentes trabalhos de scenographia, que obtiveram reaes apreciadores, foram executados pelo habilissimo artista cearense sr. Gerson Faria, que foi coadjuvado pelo esperançoso artista sr. Vicente Leite, tambem nosso coestadano.

A entrada do Iracema via-se colossal camelo, pelo intervavo de cujas pernas era permittido o acesso aos salões do andar superior.

Em frente ao compartimento da orchestra, notava-se grande elephante de papelão que foi sufficientemente admirado, em virtude de seu artistico arranjo²⁸³.

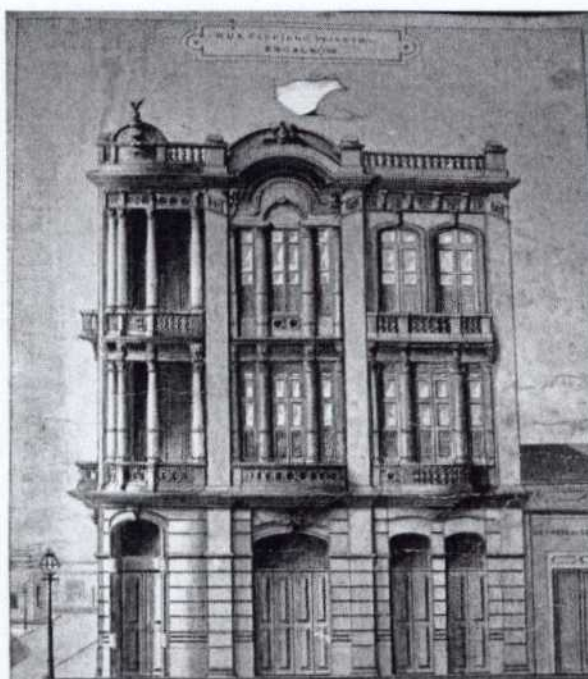


Foto 4. Palacete Ceará (Acervo – Faculdade de Arquitetura UFC).²⁸⁴

O “Clube Iracema” situava-se nos altos do Palacete Ceará, na praça do Ferreira. Na parte térrea do palacete, ficava o café Rotisserie Sportmen. Esse clube passou muitos anos tendo como sede os altos do palacete, que se distinguia dos outros prédios da praça do Ferreira.

²⁸³ Diário do Ceará, 11/02/1923.

²⁸⁴ Esta imagem é uma aquarela da frente do palacete, que dá para a rua Floriano Peixoto, rente à praça do Ferreira, sendo a face lateral desse prédio voltada para a rua Guilherme Rocha.

Percebe-se que a ornamentação, segundo o comentário do noticiarista, estava em consonância com a temática do bloco de os “Beduínos”, que estava encabeçando as festas carnavalescas elegantes do ano de 1923.

O “Clube dos Diários” procurava não deixar a desejar em suas festas carnavalescas. Nesse mesmo ano, os associados dos “Diários” capricharam na fachada e na ornamentação do ambiente interno.

A fachada do palacete Guarany, artistico moinho holandez, a luzes, abria as grandes azas luminosas como que tangidas pela aurea humida destas noites de fevereiro. A escadaria era como que um jardim de neve, sob a luz diaphana e mortiça de um luar azul... O interior, então, ostentava bizarro e attico. No salão principal, seis soberbos moinhos tinham as azas em movimento, com lindo effeito de luzes, enquanto outro soberbo moinho emprestava graciosidade extrema a um jardim de inverno, arranjado caprichosamente no terraço²⁸⁵.

O Palacete Guarani situava-se na rua Barão do Rio Branco. Os altos deste palacete serviam de sede para o “Clube dos Diários”.



Foto 5. “Clube dos Diários” (Acervo – MIS)

²⁸⁵ Diário do Ceará, 11/02/1923.

O bloco que se formou nos recintos desse clube no ano de 1923 foi os “Camponeses da Holanda”. O destaque da ornamentação para os dias de carnaval eram os moinhos dispostos tanto na fachada como nos salões. Interessante que alguns moinhos se movimentavam, dando mais brilho e distinção à festa carnavalesca realizada nos “Diários”.

Nota-se que as sedes dos clubes elegantes eram em majestosos palacetes na área central da cidade, principalmente nos altos desses edifícios construídos com o intuito de diferenciar-se dos sobrados existentes no centro da urbe. Nos dias carnavalescos, as ornamentações, planejadas nas reuniões organizadas pelos sócios, tornavam essas construções arquitetônicas mais imponentes.

No final da década de 1920 e início da década de 1930, percebe-se, pela leitura de alguns jornais, que os clubes ocupavam uma grande parte dos comentários de articulistas e de cronistas, deixando transparecer que os ilustres foliões dos clubes continuavam buscando, por meio da suntuosidade dos festejos, instituir práticas para o carnaval da cidade.

Nas descrições dos noticiários, percebe-se que os associados desfrutavam, nesses espaços, de um clima de intimidade, reforçados pelos laços de família e amizade. Dentro dos recintos desses clubes, nas décadas de 1920 e 1930, os sócios sentiam-se parte de uma sociedade diferenciada. Os clubes elegantes, no decorrer da década de 1920, começavam a se configurar como novos signos de urbanidade. Os clubes permitiam aos seus freqüentadores obter um referencial de cidadão urbano. Longe dos tumultos das ruas, as distintas famílias, em dias de carnaval, projetavam-se socialmente, pois os jornais enalteciam não só a ornamentação e a organização dos recintos, mas também o quadro de sócios que faziam as festas ficarem ainda mais encantadoras, segundo opinião da imprensa citada. Possuir uma ação de sócio de uma dessas instituições não era apenas motivo de orgulho e de prestígio social, mas também representava recurso e símbolo distintivos de um novo estilo de vida urbana.

Em meados da década de 1920, começou um processo de supervalorização dos espaços fechados dos clubes para os festejos carnavalescos. Os clubes passaram a ser locais estratégicos para os

segmentos abonados reproduzirem os seus valores, enquanto as ruas passaram a projetar os segmentos médios e menos favorecidos da cidade.

Os clubes, aos poucos, foram tornando-se, por meio de mecanismos intrincados de dominação e exclusão, os espaços que, supostamente, comportavam o “verdadeiro” carnaval da cidade. Para os freqüentadores das agremiações, as festas carnavalescas nos recintos dos clubes deviam diferenciar-se das festas em outros espaços, principalmente os das ruas.

Nesse sentido, em alguns momentos, os dirigentes reclamavam das danças e dos ritmos expostos em alguns clubes elegantes, pois estes desagradavam aos espíritos das comportadas famílias.

Nessa festa vae haver uma novidade: não será dansado o <<charleston>>, medida que foi, em boa hora, assentada pelas Directorias do Diarios e do Iracema para as reuniões que realizarem. Achamos tal providencia um passo deveras acertado. Com a sua effectiva e cuidadosa execução nada soffrerá o enthusiasmo dos divertimentos; pelo contrário os tornará mais agradaveis²⁸⁶.

O fragmento acima indica que o “charleston” poderia atíçar os ânimos dos foliões. Percebe-se o cuidado que havia dentro dos clubes para que não houvesse comportamentos incoerentes com a ambiência elegante dos recintos. Certas formas de danças eram condenadas nos luxuosos redutos, mas, em 1927, surgiram ritmos que agradaram aos diretores e a alguns adeptos dos bons comportamentos.

Talvez tenha, em nossos salões dansantes, melhor acceitação do que o charleston, por ser menos espectacularo no jogo e no movimento de pernas. No black-fox ha mais esthetica, sem espalhafato, passos lentos e curtos, sem requebros exóticos. Uma serie de sapateados é intercallado ligeiramente durante o compasso²⁸⁷.

Os diretores dos clubes procuravam ritmos que permitissem aos corpos ficar comportados durante as danças. As duas novidades que surgiram dentro dos clubes nesse ano de 1927 foram o “Black-fox” e o “Monkey-trot”, estes eram executados pelos músicos das orquestras.

²⁸⁶ Diário do Ceará, 1/02/1927.

²⁸⁷ Diário do Ceará, 12/02/1927.

Procurava-se um distanciamento dos ritmos e sons que vinham das ruas, pois, nas principais artérias da urbe, escutavam-se ritmos que levavam os corpos a requebros frenéticos, como os maxixes e os sambas. Entretanto, alguns articulistas, em comentários sobre as festas nos clubes, reclamavam da pouca animação nesses recintos, por conta da não presença dos ritmos que faziam os corpos reboarem exoticamente.

A inexplicável ausência das canções carnavalescas na presente temporada, notadamente na Festa das Cabeças, promovida pelo Iracema, muito concorreu para o desânimo da brilhante soirée, mau grado esforços dos seus dignos directores²⁸⁸.

Essa festa, que reuniu os sócios do “Iracema”, não teve a animação dos ritmos que eram as grandes sensações do momento, pois as orquestras não os executaram e, talvez, tenham primado pela estética do “Bleck-fox” e do “Monkey-trot”. Todavia, dias antes, ficou acertado entre os dois clubes elegantes da cidade que determinados ritmos “exóticos” não seriam executados.

É de se notar que, no decorrer da década de 1920, o carnaval para os segmentos abonados foi restringindo-se cada vez mais aos recintos dos clubes. O curso em torno da praça do Ferreira perdia a atenção das famílias que se destacavam no meio social da cidade.

Mas os clubes não despertavam apenas as atenções dos segmentos abonados, pois, na década de 1920, surgiram alguns clubes que não disponibilizavam de sede própria, é o caso do clube dos “Vingadores” e do “Clube Caixeiral”.

Além dos dois tradicionais clubes dançantes de Fortaleza, surgiram clubes menores, que embora não dispusessem de sede própria, deram grande animação à vida social e elegante da cidade²⁸⁹.

O primeiro destes dois clubes, o clube dos “Vingadores”, era composto, na sua maioria, de estudantes e funcionários públicos. O segundo, “Clube Caixeiral”, congregava os empregados do comércio.

²⁸⁸ Diário do Ceará, 17/02/1927.

²⁸⁹ ALENCAR, Edigar de. Op. Cit., p. 32.

Os “Vingadores” organizaram muitas festas na sede do “Clube dos Diários”, pois, durante a década de 1920, os salões dos “Diários” eram alugados para clubes que não tinham sede própria. Já o “Clube Caixeiral”, por muitas vezes, proporcionou alegria por meio de festas organizadas no edifício da “Fênix Caixeiral”²⁹⁰ e nos salões do “Clube dos Diários”.

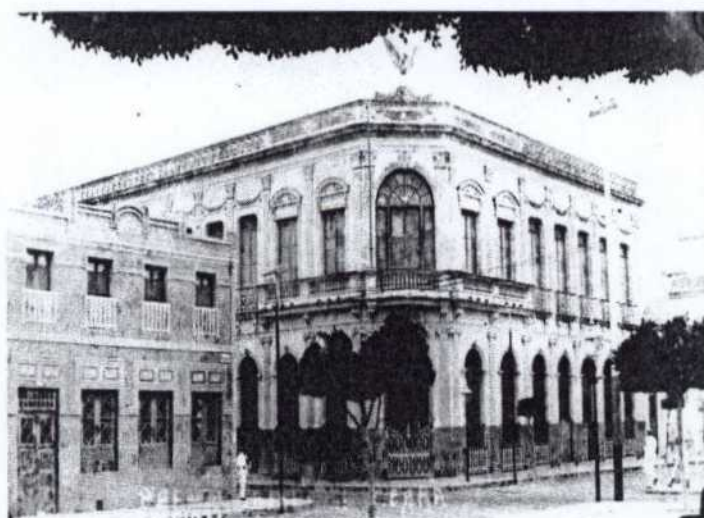


Foto 6. Fênix Caixeiral – 1920 (Acervo – MIS)

Edigar de Alencar, recordando-se dos organizadores do “Clube Caixeiral”, afirma que:

Sabiam os caixeiros que, embora outra já fosse a mentalidade dominante quanto à vida social dos empregados do comércio, nem sempre os que labutavam no comércio como assalariados poderiam ingressar nos dois grandes clubes divertivos da cidade. Por falta de status social ou por motivos de ordem econômica²⁹¹.

O memorialista enfatiza que o acesso aos dois grandes clubes da cidade era bastante restrito. As duas grandes agremiações despertavam os desejos dos outros segmentos sociais. As suntuosas festas dos “Diários” e do “Iracema”

²⁹⁰ Segundo Edigar de Alencar: “Em 1881 alguns rapazes do comércio na ânsia de conquistarem lugar ao sol fundaram a Sociedade Fênix Caixeiral, que rapidamente se tornaria a mais aguerrida e realizadora associação de classe no Brasil. (...). A Brillhante e benemérita sociedade dos comerciários de então foi berço de inúmeras associações e grêmios que surgiam sob seu teto e se fundiam de certa forma aos seus ideais de progresso, cultura e beleza. O Clube Caixeiral, em 1920, foi um desses grêmios nascidos sob as asas acolhedoras da sua água simbólica”. Id. Ibidem, p. 165.

²⁹¹ Id. Ibidem.

eram acompanhadas por outras que não tinham tanto *glamour* e requinte, mas que marcaram o carnaval de Fortaleza. Em um dos carnavais da década de 1920, o pessoal do “Clube Caixeiral” fantasiou-se da seguinte maneira: “Era um traje de cavalheiro medieval, todo negro, com capa negra forrada de vermelho por dentro, com boina e sapatilhas. Desenhadas pelo diretor José Rocha Souza, ganhou o apelido de ‘graúna’”²⁹².

Essas agremiações menores, que não dispunham de sede própria, surgiam com o intuito de permitir que grupos de amigos, ligados, às vezes, pela profissão, pudessem brincar o carnaval em espaços fechados. Entretanto, esses clubes tiveram pouco tempo de duração, pois iniciaram as suas atividades no começo da década de 1920 e desapareceram logo quando a mesma findava.

Todavia, a grande atenção era direcionada para as festas carnavalescas dos “Diários” e do “Iracema”. Essas duas agremiações diferenciavam-se dos clubes menores por alguns aspectos: possuíam sede permanente, por mais que fossem em prédios alugados, e apresentavam sócios que pagavam mensalidades, ou seja, era uma associação estruturada e que não se restringia apenas a promover bailes carnavalescos.

Na década de 1930, as notícias que saíam nas páginas dos jornais referiam-se, essencialmente, ao carnaval dentro dos clubes elegantes. As diretorias destes sempre estavam publicando notas nos periódicos para avisar aos sócios inadimplentes de suas obrigações ou informando-os sobre alguma festa que se realizaria nos seus luxuosos recintos.

As cobranças, também, giravam em torno de como os sócios deveriam se comportar durante os bailes carnavalescos. O consumo de bebidas alcoólicas era proibido, as indumentárias não podiam ser extravagantes, e os associados não poderiam levar amigos ou conhecidos que não pertencessem ao quadro de sócios.

As medidas tomadas pelos diretores e a deliberação de comissões nas reuniões eram uma forma de regular os comportamentos para que não ocorressem conflitos entre os próprios associados nos dias de festejos e, também, para preservar a ordem moral dos associados. A partir dessas

²⁹² Id. *Ibidem*, p. 169.

preocupações, enxergam-se as tensões latentes dentro do próprio recinto do clube e a necessidade de um policiamento organizado pelos sócios para definir o que era e o que não era permitido nos redutos do clube.



Foto 7. Gazeta de Notícias, 8/01/1936.

Havia preocupações em relação aos “penetras”, ao “sereno”, que, às vezes, procuravam desfrutar dos luxuosos bailes carnavalescos promovidos pelas elegantes famílias da cidade. Nas festas dentro dos clubes elegantes, os sócios poderiam brincar o carnaval de forma tranqüila, sem as inconveniências do heterogêneo público que festejava nas ruas da cidade. O próprio espaço e a organização dos clubes possibilitavam certa homogeneidade, não só dos freqüentadores, mas das músicas, dos ritmos, das danças e das fantasias.

A historiadora Caterina Oliveira, quando comenta sobre as festas dentro dos recintos dos clubes elegantes, informa que: “As evoluções eram previamente ensaiadas: ‘cirandas, cobrinhas, passes e cantos de guerra’. Cantavam-se sextilhas e quadrinhas durante a apresentação”²⁹³.

Na década de 1930, diferentemente da segunda metade do século XIX e início do século XX, os clubes foram os espaços preferidos pelos segmentos abonados para festejar o carnaval. Estes buscavam não só diferenciação social, mas também desejavam espaços seguros.

²⁹³ OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. Op. Cit., p. 88.

As estruturas das ornamentações, muitas vezes, movimentavam-se conferindo à festa um ar de superioridade. No ano de 1931, o “Iracema” organizou em seus recintos uma linda montagem, que possuía uma engrenagem que permitia o movimento.



Foto 8. Gazeta de Notícias, 17/01/1931.

A temática da festa do “Iracema” era sobre as “Geishas”. Todo o seu recinto ficou caracterizado com enfeites que remetiam ao Japão. Mas o que chamava bastante atenção era a maquinaria que permitia o movimento da grande estrutura montada nos salões do “Iracema”.

A Diretoria do <<Clube Iracema>> avisa que a <<Festa das Geishas>>, terça feira de carnaval, terá início impreterivelmente às 9 horas da noite, abrindo com a <<WALSA DAS GEISHAS>>. **O clube acha se caprichosamente ornamentado a carater Japonez, não podendo a assistencia subir ao andar superior onde se acha**

instalada toda a maquinaria para o movimento scenico.
(Destaque do jornal)²⁹⁴.

Nos anos de 1930, as festas nos clubes tornam-se cada vez mais pomposas. A suntuosidade dos clubes elegantes era estampada nas matérias dos jornais que se dedicavam a cobrir as festanças promovidas pelas famílias abonadas nesses recintos. Por meio de temáticas, como a exposta acima para o carnaval de 1931 do “Clube Iracema”, procurava-se dotar as festas de brilhantismo e exotismo, cuja variedade de elementos lembra o estilo arquitetural eclético, característico da época.

Muitos eram os blocos que se formavam dentro de um mesmo clube durante os anos trinta. Isso demonstra o interesse crescente dos segmentos abastados em procurar refúgio nesses espaços fechados, que se notabilizavam, cada vez mais, como signos de urbanidade.

É nessa década que surgem outros clubes que também agrupavam as célebres famílias da cidade, como o “Ideal Clube”, fundado em 1931.

Fundado por um grupo de treze amigos, integrantes da elite local, empresários ligados principalmente às atividades comerciais e industriais ou aos negócios de importação e exportação, o objetivo de tal instituição era, prioritariamente, criar um espaço de convívio e lazer para suas famílias²⁹⁵.

A primeira sede do “Ideal Clube” foi nas Damas, na avenida João Pessoa. Mas, no final de 1932, os associados abriram uma filial na rua Tabajara, na praia de Iracema. A partir de 1935, esse último endereço torna-se definitivo.

No decorrer dos anos de 1930, a rivalidade entre as agremiações foi desaparecendo e, muitas vezes, umas dedicavam às outras festas em seus recintos. Esses festejos carnavalescos congregavam todos aqueles que eram adeptos dos carnavais dentro dos redutos dos clubes elegantes.

Percebe-se o fortalecimento e a construção de laços solidários entre os sócios dos diversos clubes luxuosos, porém essas posturas dos membros dos clubes podem ser lidas como meios de instituir formas próprias para o carnaval

²⁹⁴ Gazeta de Notícias, 15/01/1931.

²⁹⁵ FREITAS, Mirtes. *A Cidade dos Clubes: Modernidade e “Glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005, p. 130.

da cidade. Tais atitudes não são novidades, pois, no final das contas, pode-se perceber que o carnaval, desde fins do século XIX, sempre foi um ótimo veículo para os segmentos abonados divulgarem e imporem novos valores e comportamentos para a sociedade.



Foto 9. Bloco Meu Bem é Você – “Ideal Clube” 1933 (Acervo-Prefeitura)

Esta fotografia do bloco “Meu Bem é Você”, que se formou no interior do “Ideal Clube”, deixa transparecer a busca, por parte dos seus sócios, por festas suntuosas. No salão onde as danças eram realizadas, percebe-se que a ornamentação harmonizava-se com os quadros em molduras arredondadas. Os quadros expostos nas paredes eternizavam os sócio-dirigentes que, talvez, tivessem participado da fundação do clube em 1931 e de muitas festas carnavalescas. A fantasia do bloco “Meu Bem é Você” permite que se enxergue a homogeneidade prezada dentro dos clubes. Essa sede, que se situava na avenida João Pessoa, reunia alguns foliões que procuravam se notabilizar na cidade.

A procura pelos clubes elegantes, por parte de um público bastante seletivo, intensificou-se em meados dos anos de 1930. O que demonstra esse interesse pelos recintos luxuosos foi o empenho dos clubes veteranos em reformar ou construir as suas próprias sedes. Os carnavais elegantes, a cada ano que passava, restringiam-se aos redutos dos clubes.



Foto10. Gazeta de Notícias 2/02/1936

O “clichê” acima era da nova estrutura do clube “Náutico Atlético Cearense”, fundado em 1929 por um grupo de comerciantes emergentes da cidade. Em 1936, os seus diretores anunciavam garbosamente que, no final do ano, estaria construída a nova sede, cuja planta fora planejada pelo Dr. Jacinto Mattos.

Os clubes elegantes, a partir da década de 1930, congregavam as famílias abastadas da cidade durante as festas de carnaval. Os luxuosos redutos dos clubes significavam para os ilustres foliões da cidade novos signos de urbanidade, diferenciação social e espaços seguros, onde as distintas famílias poderiam desfrutar tranqüilamente os dias dedicados ao carnaval.

Enfim, a cidade, nos dias de carnaval, possuía muitas opções para os adeptos dos festejos mominos. Nas ruas, um público bastante heterogêneo ocupava os espaços que, por muito tempo, tinha comportado os luxuosos

carnavais do curso. Simultaneamente, os foliões abonados buscavam espaços fechados que pudessem lhes conferir poder, status e prestígio social.

Considerações Finais

Procurei, nesta pesquisa, trabalhar as intensas transformações nas formas de festejar os carnavais de Fortaleza que aconteceram nas décadas de 1920 e de 1930.

Tal constatação só foi possível por conta das crônicas e dos artigos que decretavam a morte do carnaval em Fortaleza no final da década de 1920. O investimento de alguns periódicos em sustentar que o carnaval estava em declínio possibilitou-me enxergar as intensas transformações que estavam ocorrendo nos folguedos dedicados ao deus Momo. A cobrança de alguns homens de imprensa para o comparecimento dos luxuosos blocos às ruas permitiu-me perceber que outros carnavais poderiam estar se esboçando na urbe.

A memória de muitos cronistas buscava no passado das imemoriais sociedades carnavalescas o modelo do “verdadeiro” carnaval para a cidade. Assim, procuravam arregimentar os espíritos ainda apegados aos “tempos de ouro” do carnaval fortalezense. O passado emergia nesses lampejos de memória como forma de resistir às mudanças que estavam se processando nas brincadeiras carnavalescas na cidade.

Por meio da retentiva desses homens de outrora, comecei a trabalhar na hipótese de que há muito tempo uma forma que se pretendia ser o legítimo carnaval da cidade vinha sendo ameaçada. Essa ameaça vinha da insistente presença de grupos de foliões marginalizados pelos apreciadores dos luxuosos desfiles.

A presença de alguns foliões que festejavam marginalmente, no final do século XIX, foi percebida por indícios revelados pela memória de João Nogueira²⁹⁶. Esses foliões, como os maracatus, persistiam em pintar o rosto e travestir-se com longos vestidos de renda, demonstrando a força e a resistência dos afro-descendentes cearenses e, também, grupos de vaqueiros, que se apresentavam pelas ruas da cidade com cantorias próprias dos sertões do Ceará. É importante também destacar os insistentes entrudeiros que teimavam e afrontavam as autoridades públicas derramando as misturas de

²⁹⁶ **NOGUEIRA**, João. *Fortaleza Velha: Crônicas*. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

água, pós de sapato, zarcão e muitos outros ingredientes que amedrontavam os apreciadores dos elegantes carnavais.

Nas décadas de 1920 e 1930, essas disputas intensificaram-se. Não foi por acaso que, no final da década de 1920, a instituição mantenedora da ordem, a Chefatura de Polícia, destinou uma preocupação especial às ruas. Por meio dos Editais Policiais, procurava-se garantir segurança nas artérias da urbe para os ilustres foliões desfilarem em seus luxuosos automóveis nos dias de carnaval.

Constatou-se que uma série de mudanças históricas no período em apreço provocou o desinteresse dos segmentos abonados pelos espaços das ruas nos dias de carnaval.

No decorrer da década de 1920 e no desenrolar da década de 1930, muitas famílias de destaque social deixaram de ter residência no centro e procuraram instalar-se em elegantes palacetes em bairros nobres da cidade, como na Jacarecanga na década de 1920 e na Aldeota na década de 1930. O centro, nesse período, ganhou contornos praticamente comerciais, dando-lhe outra dinâmica. A partir de então, as principais vias do centro, como as ruas Major Facundo, Floriano Peixoto, Barão do Rio Branco, 24 de Maio, dentre outras, foram perdendo a presença dessas famílias. No centro, passaram a predominar prédios destinados a estabelecimentos comerciais. As ruas das imediações da praça do Ferreira deixaram de ser o ponto principal para as demonstrações das afortunadas famílias nos dias de carnaval.

O carnaval do curso de automóveis, que agradava uma boa parte da imprensa, por conta da riqueza demonstrada nos desfiles, e que simbolizava o caráter supostamente civilizado da cidade alencarina, foi deixando de ser organizado pelas ilustres famílias. Simultaneamente, práticas carnavalescas, que eram típicas dos segmentos abonados, como os “assaltos”, aos poucos foram deixando de ser apreciadas por estes.

O desaparecimento do curso retirou das ruas de Fortaleza o que era considerada a “forma ideal” do carnaval e que, para muitos, era a única razão do prestígio da festa carnavalesca.

Por isso, não foi por acaso que houve a necessidade de se estabelecer outros espaços para comportar o luxo e o *glamour* dos carnavais elegantes organizados pelos segmentos abonados. Esses espaços, que já existiam na

cidade desde a segunda metade do século XIX, eram os redutos dos clubes. Entretanto, logo após a Primeira Guerra Mundial, outros significados foram associados aos clubes. Os clubes tornaram-se signos de urbanidade, e ser sócio dessas agremiações dava status de cidadão urbano. Para o carnaval, os sócios formavam blocos que, até o início da década de 1920, desfilavam pelas ruas com freqüência. No entanto, no final dessa década, toda a atenção dos integrantes dos blocos voltou-se para as festas nos recintos dos clubes. Nas noites de carnaval, a procura por gêneros musicais, como jazz, fox-trot e ragtime, era intensa, demonstrando a apropriação feita por esses segmentos dos modelos que vinha da Europa e dos Estados Unidos da América.

No decorrer do trabalho de pesquisa, percebeu-se que, a partir dos recintos dos luxuosos clubes, os associados procuravam projetar e divulgar uma nova forma de se comemorar o carnaval na cidade de Fortaleza. Nesses espaços fechados e restritos, as famílias de posse da cidade conquistavam e consolidavam o tão almejado prestígio social. Aproveitavam-se da dimensão carnavalesca para criar de si um simulacro de pessoas que estariam articuladas às “novidades” propagadas pelas grandes capitais do mundo.

Nesse período, enxergou-se uma intensa troca entre o local/nacional/estrangeiro. Por meio do carnaval, trabalhou-se a hipótese de que a apropriação de “modelos” estrangeiros ainda fazia parte da estratégia dos segmentos abonados para continuarem obtendo destaque na cidade. A partir da afirmação de um ecletismo exótico construía-se a marca (registrada) da distinção social.

De fato, é importante enfatizar que a análise realizada permitiu perceber que os modismos de outros países, bem como dos que vinham do Rio de Janeiro, não foram transplantados integralmente, revelando modalidades específicas na apropriação das suas formas originais.

Ocorreram adaptações e re-significações de acordo com os interesses locais. Daí, talvez, o sucesso para os segmentos abastados dos carnavais realizados dentro dos recintos dos clubes.

A intensificação dos carnavais luxuosos dentro dos clubes e o abandono das ruas por parte dos ilustres foliões permitiram-me enxergar que as ruas estavam ganhando novos protagonistas em dias de carnaval.

Os homens e mulheres que lotavam os bondes e os auto-ônibus diariamente para trabalhar no centro comercial da cidade e que freqüentavam as bodegas, as mercearias, os cabarés e as travessas passaram a exigir, com maior intensidade, o direito de vivenciarem as suas formas de comemorar e celebrar o carnaval. Nesse período, a presença forte e firme, nas ruas, de novos protagonistas vindos dos segmentos médios e menos favorecidos foi percebida pelas preocupações das autoridades públicas.

Ao iniciar a década de 1930, percebeu-se o interesse do prefeito Raimundo Girão em redirecionar o carnaval. Vale reiterar que, em 1933, o prefeito demoliu o coreto e, em 1934, o mesmo prefeito tentou distanciar o carnaval da praça do Ferreira. Essas medidas deixam entrever o desejo em manter os novos protagonistas longe da praça, que era símbolo da vida elegante da cidade.

Outros referenciais eram empregados nos carnavais das ruas. Observou-se que alguns periódicos passaram a denominar as festas pelas artérias públicas de "Carnaval de Rua". Os foliões, os sons, os ritmos e as performances que apareciam nas ruas distavam das formas do "Carnaval do Corso".

Essa mudança dos referenciais relaciona-se, estreitamente, com a nova dinâmica urbana que começou a se esboçar no decorrer da década de 1920 e que se consolidou durante a década de 1930. Como enfatizei, a migração das distintas famílias da área central da cidade acabou por lhe dar contornos predominantemente comerciais. O carnaval nas ruas da cidade, nesse período, expressava os desejos, os anseios e as manifestações de um público cada vez mais heterogêneo.

Por meio da pesquisa, mostrou-se que, na década de 1930, intensificou-se um processo que, há bastante tempo, vinha ocorrendo no carnaval de Fortaleza: a descentralização da festa. A partir dessa percepção, enxergou-se que os espaços da cidade nos dias de carnaval estavam sendo redefinidos. A redefinição dos espaços não pode ser vista dissociada da íntima relação entre a festa carnavalesca e a cidade. O carnaval deixou muitas marcas na vida cotidiana da urbe, pois se constatou que espaços, como as ruas e os cafés, foram conquistados por foliões que, por muito tempo, ficaram à margem da história de Fortaleza. A nova paisagem urbana era esboçada por novos

protagonistas, que, em dias de carnaval, expressavam com maior liberdade o que se via diariamente.

É importante ressaltar que, durante a pesquisa, não tive a oportunidade de explorar todas as pistas que se abriram, porém vários foram os indícios deixados para futuros pesquisadores, no que diz respeito, por exemplo, à presença dos afro-descendentes cearenses que, por intermédio das escolas de samba e, sobretudo, dos maracatus, representam o coração do carnaval atual. Também, não foi possível abordar as festas carnavalescas nos subúrbios, mas apenas enxergar os deslocamentos desses homens e mulheres para os carnavais no centro da cidade. Muitas outras possibilidades de pesquisa podem ser colhidas desta produção. Até porque não foi minha intenção produzir um texto que encerrasse o debate sobre a temática abordada. Pelo contrário, tive a preocupação de deixar margem a especulações que possibilitassem novas hipóteses de trabalho.

No desenrolar do pós Segunda Guerra Mundial, percebe-se que há um fortalecimento dos clubes elegantes de Fortaleza²⁹⁷. Isso confirma a tendência que vinha processando-se desde o final da década de 1920. De certa forma, as atenções dos meios midiáticos voltaram-se, cada vez mais, para a elegância dos festejos nos recintos dos luxuosos clubes. O Governo do Estado do Ceará e a Prefeitura de Fortaleza, por muito tempo deixaram de destinar recursos financeiros para os grupos que se organizavam para festejar o “Carnaval de Rua”. Essa postura dos meios midiáticos e dos poderes instituídos acabou corroborando para a construção de uma memória de que “Fortaleza não tem carnaval”. Porém, a permanente participação de foliões vindos dos estratos menos favorecidos demonstra que a festa carnavalesca nas ruas sempre foi muito viva e importante para a sociedade fortalezense. Esse carnaval que resiste e floresce todos os anos revela muito da história da cidade.

Enfim, acredito que, por meio das análises desta pesquisa, foram fornecidos elementos de reflexão, permitindo problematizar as razões que fazem com que, ainda hoje, o “Carnaval de Rua” revele-se enquanto mobilização, quase exclusiva, de comunidades e associações organizadas pelos segmentos menos favorecidos de Fortaleza.

²⁹⁷ FREITAS, Mirtes. *A Cidade dos Clubes: Modernidade e “Glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

Tipologia de Fontes

A. Jornais

Instituições de Pesquisa: Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (Hemeroteca e Microfilmagem) e Instituto Histórico do Ceará (Hemeroteca).

Diário do Ceará: 1923, 1924, 1926, 1927, 1928, 1929.

Correio do Ceará: 1921, 1928, 1930, 1934, 1935.

Gazeta de Notícias: 1928, 1929, 1930, 1931, 1933, 1936, 1938, 1939.

O Nordeste: 1927, 1928, 1931, 1935.

A Rua: 1933, 1934, 1935.

O Povo: 1931 e 1937.

B. Processos Criminais

Instituição de Pesquisa: Arquivo Público do Estado do Ceará.

APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 17, processo 1929/09.

APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Desordens, Caixa 01, processo 1931/01.

APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 24, processo 1931/46. É importante enfatizar que na catalogação a referência é 1931, mas o processo crime é de 1932.

APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 25, processo 1932/12.

APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-Série: Ferimentos, Caixa 22 1931/08. É importante enfatizar que na catalogação a referência é 1931, mas o processo crime é de 1932.

APEC, Fundo: Tribunal de Justiça, Série: Ações Criminais, Sub-série: Ferimentos, Caixa 31, processo 1934/16.

APEC, Fundo: Justiça Federal; Série: Ações Criminais; Sub-série: Ferimentos, Caixa 13, processo 1939/04.

C. Diversos da Polícia

Instituição de Pesquisa: Arquivo Público do Estado do Ceará.

Rol de Culpados: 1929, 1932, 1933, 1934, 1936.

Livro de Queixas: 1932, 1933, 1934, 1935.

D. Guias Turísticos

Instituição de Pesquisa: Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel (Setor de Obras Raras).

Guia Cearense da Empresa Cearense de Anúncios: 1927.

Guia da Cidade de Fortaleza: 1939 e 1940.

E. Crônicas, Memórias, Estudos e outros

Instituições de Pesquisa: Biblioteca do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e Biblioteca do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará.

ADERALDO, Mozart Soriano. *História Abreviada de Fortaleza e crônicas sobre a cidade amada*. Fortaleza: Edições UFC, 1998..

ALENCAR, Edigar de. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza: UFC, 1992.

GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza – provinciana*. Fortaleza: Abc, 1997.

GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

_____. *A Princesa Vestida de Baile*. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1950.

NOGUEIRA, João. *Fortaleza Velha: Crônicas*. Fortaleza: PMF/UFC, 1981.

Bibliografia

Instituições de Pesquisa: Biblioteca do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará, Biblioteca do Centro de Humanidade da Universidade Federal do Ceará e Acervo Particular.

Monografias, Dissertações e Teses

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. *Cidade na Contra-Mão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 1996.

FONTELES NETO, Francisco Linhares. *Vigilância, impunidade e transgressão: faces da atividade policial na capital cearense (1916-1930)*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2005.

FURTADO FILHO, João Emami. *UM BRASIL BRASILEIRO Música, Política, Brasilidade, 1930-1945*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado em História, 2004.

MIRANDA, Dilmar Santos de. *Tempo da Festa x Tempo do Trabalho: transgressão e carnavalização na belle époque tropical*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado em Sociologia, 2001.

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Vasconcelos. *Tempo, Progresso, Memória: Um Olhar Para o Passado na Fortaleza dos Anos Trinta*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2006.

OLIVEIRA, Caterina Maria de Saboya. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. Fortaleza: UFC, Monografia em História, 1995.

SILVA, Diocleciana Paula da. *Do Recato à Moda: Moral e Transgressão na Fortaleza dos anos 1920*. Fortaleza: UFC, Dissertação de Mestrado em História, 2004.

SILVA GUEDES, Mardônio. *O PREÇO DA RECUSA: Violência e Limites Morais no Meretrício em Fortaleza (1930-1940)*. São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado em História, 1996.

SOUSA, Noélia Alves de. *A Liberdade é Vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza, nas décadas de 1920 e 1930 do século XX*. São Paulo: PUC-SP, Dissertação de Mestrado em História, 1997.

Artigos

BARBOSA, Carlos Henrique Moura. Marcelino, D. Nena e Pierre: Algumas Histórias de Carnaval nos Cafés, Cabarés e Bodegas na Fortaleza dos anos de 1920 e 1930. *Documentos: Revista do Arquivo Público do Ceará*. Vol. 1., nº 4, pp. 33-48, 2005.

_____. "Não é nada, senhores, já está tudo acabado: Fortaleza 4 de Março de 1934". In: *A História em Processo: Ações Criminais em Fortaleza (1910 – 1950)*, pp. 35-42, 2005.

BRETAS, Marcos Luiz. As Empadas do Confeiteiro Imaginário: A pesquisa nos arquivos da justiça criminal e a história da violência no Rio de Janeiro. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Vol. 15., nº 1, pp. 7-22, 2002.

CASTRO, Liberal de. *Arquitetura Eclética no Ceará*. In: *Ecletismo na Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Nobel/Editora da USP, 1987.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. "Você me conhece": significado do carnaval na Belle Époque. *Projeto História* 13, Puc-SP. Dossiê Cultura e Cidade nº 13, 1996.

DIAS, Maria Odila Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. *Projeto História*. São Paulo: Educ, nº 17, pp. 223-158, 1998.

NEVES, Frederico de Castro. A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900). *SECA*. Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, nº 40, 2001

OLIVENOR, José. "Metrópole da fome": a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879. *SECA*. Fortaleza: História e Cotidiano. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p 49-74..

PARANHOS, Adalberto. Os desafinados do samba na cadência do Estado Novo. *Revista Nossa História*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, ano 1/nº 4 de fevereiro 2004.

POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3, 1989.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Carnaval brasileiro: da origem européia ao símbolo nacional. *Ciência e Cultura*. São Paulo: SBPC vol. 38 nº 8, agosto de 1987.

Obras Publicadas

ABREU, Regina. *A fabricação do Imortal*. Rio de Janeiro: artmídia Rocco, 1996.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Algazarra nas ruas: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)*. São Paulo: Unicamp, 1999.

ASSIS, Machado de. *Várias Histórias*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Brasília: Editora da UNB, 1990.

BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única – Obras Escolhidas II*. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BOROJA, Julio Caro. *Le Carnaval*. Éditions Gallimard, 1979.

BURKE, Peter. *A Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

_____. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Histórias dos Nossos Gestos*. São Paulo: Global Editora, 2003.

CERTEAU, Michel de ; **GIARD**, Luce. *A Invenção do Cotidiano: 2 Morar, Cozinhar*. Petrópolis: EDITORA VOZES, 1996.

_____, Michel de. *A invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Unicamp, 2002.

CRUZ, Heloiza de Faria. *São Paulo de papel e tinta: Periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: Ed. PUC, 2000.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). *Carnavais e outras frestas: Ensaio da história social da cultura*. São Paulo: Unicamp, 2002.

_____. *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880-1920*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

DA CUNHA, Fabiana Lopes. *Da Marginalidade ao Estrelado: O samba na construção da nacionalidade (1917-1945)*. São Paulo: ANNABLUME, 2004.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O Grande Massacre de Gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

DE SOUZA, Simone; **PONTE**, Sebastião Rogério (Coord.). *Roteiro Sentimental de Fortaleza*. Fortaleza: UFC-NUDOC/SECULT-CE, 1996.

DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DVIGNAUD, Jean. *Fêtes et Civilisations*. Paris: Scarabée e Compagnie, 1984.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FAUSTO, Boris. *Crime e Cotidiano: A Criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Edusp, 2001.

FREITAS, Mirtes. *A Cidade dos Clubes: Modernidade e "Glamour" na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1974.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia. das letras, 2001.

_____. *A Micro-História e outros artigos*. Lisboa: DIFEL, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988.

GOTO, Roberto. *Malandragem Revisitada – (uma leitura ideológica de "Dialética da Malandragem")*. São Paulo: Pontes, 1988.

HOBBSAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias: Resistência, Rebelião e Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e Reverso do perfil de Fortaleza*. São Paulo: Annablume, 2000.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o Povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. São Paulo: Unicamp, 2001.

LEITE, Rogério Parente. *Contra-Usos da Cidade: Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. São Paulo: Unicamp, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. São Paulo: Edusc, 2002.

MONTANARI, Valdir. *História da Música: Da Idade da Pedra a Idade do Rock*. São Paulo: Série Princípios; Editora Ática, 1993.

MOURA, Roberto M. *No Princípio, Era a Roda: Um estudo sobre samba, partido-alto e outros pagodes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. *História e Música*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NEVES, Berenice Abreu de Castro. *Do Mar ao Museu: a saga da jangada São Pedro*. Coleção outras histórias. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

OLIVEIRA, Caterine Maria Saboya. *Fortaleza: Velhos Carnavais*. Fortaleza: UFC, 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade: O mundo dos excluídos no final do Século XIX*. São Paulo: Companhia editora nacional, 2001.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1992.

RIBARD, Franck. *Le Carnaval Noir du Bahia: ethnicité, identité, fête afro à Salvador*. Paris: Recherches, 1999.

RIOS, Kênia Sousa. *Campos de Concentração no Ceará: Isolamento e Poder na Seca de 1932*. Coleção outras histórias. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

SEBE, José Carlos. *Carnaval, carnavais. Séries princípios*. São Paulo: Ática, 1986.

SECRETO, Verônica; **TOLEDO**, Edilene; **RIBARD**, Franck; **MARTINS**, Mário (Orgs.). *A História em Processo: Ações Criminais em Fortaleza (1910-1950)*. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2006.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático Na Metrópole: São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA DIAS, Maria Odila da. *Quotidiano e Poder*. São Paulo: ed. brasiliense, 1984.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo e. *RUMORES: A Paisagem Sonora de Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

_____. *Paisagens do Consumo, Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra*. Coleção outras histórias. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

_____. *Fortaleza: Imagens da Cidade. Coleção outras histórias.* Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor.* Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TADEU DA SILVA, Tomasz (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2000.

THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.* São Paulo: Unicamp, 2001.

_____. *A Miséria da Teoria.* Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1978.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a Cultura Popular Tradicional.* São Paulo: Cia das letras, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons que vêm da rua.* São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *Musica Popular: Teatro e Cinema.* Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano.* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba.* Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1995.